

Lista Mota Amaral cresce no PSD

A cerca de duas semanas do Congresso do PSD, crescem nas fileiras do partido os apoios a Mota Amaral, que aceitou liderar uma lista ao conselho nacional.

Apoiado já pela ala laboral do PSD, pela Juventude Social-Democrata e por várias personalidades — por exemplo João Salgueiro, Fernando Amaral e Tomás Oliveira Dias, que inte-

gram a lista —, o líder açoriano vê os seus apoios crescerem em várias distritais do partido. Mota Amaral que não esteve ontem presente — «férias no Norte», foi a justificação/pretexto por ele

avanzada —, no conclave de notáveis do PSD. Conclave contestado, marcado pela ausência de sete dos onze convidados e do qual pouco transpirou.

Pág. 5



Esta manhã

Onze graus negativos em Bragança

Bragança com 11 graus negativos, às 9 horas da manhã. Penhas Douradas com sete, Vila Real e Portalegre com três, Coimbra, Évora e Beja com um... Todas estas zonas gelaram, de ontem para hoje. A neve continua a cair nas terras altas, mas agora é sobretudo o frio que lhe sucede. Na foto: crianças de Coimbra brincam depois do nevão de ontem.

Pág. 9



Ó entrudo chocalheiro...

Ele aí está, o Entrudo, apesar de andarmos todos com pouco pendor para gracinhas. Alunos da Escola Superior de Teatro do Conservatório Nacional deram ontem, um notável pontapé de saída, produzindo no Camões, em Lisboa, uma saborosa animação de rua que a nossa foto testemunha.



Voz do Operário: cem anos amanhã

Criada há 100 anos com o objectivo de proporcionar o acesso à escolaridade a uma classe onde os analfabetos predominavam (os tabaqueiros), a Voz do Operário continua a ter nesse campo a sua principal actividade. Ela não se esgota, no entanto, aí e os «serviços» da Voz integram também, entre outros, um balneário público, uma biblioteca e a realização de funerais...

Pág. 8



Hoje no Sete Ponto Sete
Entrevista com Eunice Muñoz

GRANDE PROMOÇÃO

DESCONTOS DESDE 50%

EM DISCOS E CASSETES

ATÉ FINS DE FEVEREIRO

DISCOTECA FILINTO

AV. 5 DE OUTUBRO, 53-A — LISBOA
TEL.: 53 50 40



ARSENAL DO ALFEITE

ELECTRICISTAS

Funções: Trabalhos em redes eléctricas de baixa e alta tensão e para serviço de turnos em subestação eléctrica de 30 KV/6 KV.

Oferece:

- Ingresso no quadro da empresa;
- Remuneração de acordo com categoria atribuída conforme resultado de provas a prestar;
- Transporte de e para Lisboa;
- Participação nas refeições;
- Boas regalias sociais.

Inscrições: Carta dirigida ao Serviço de Gestão de Pessoal, Arsenal do Alfeite, Alfeite, 2800 ALMADA, com currículo detalhado, morada completa e n.º de telefone, ou inscrição no local, até ao dia 22-2-83.

Sindicato Trab. Comércio Escritórios e Serviços do Sul

ASSEMBLEIA GERAL DESCENTRALIZADA CONVOCATÓRIA

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

De acordo com o Art.º 41.º alínea B dos estatutos convoco a Assembleia-Geral a reunir descentralizadamente no dia, hora e locais abaixo designados com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — 4.º Congresso da CGTP-IN
a) Ratificação dos delegados do Congresso
- 2 — Situação social
- 3 — Diversos

DIA E HORA	DISTRITO	LOCAL	MORADA
25-2 21h.	Setúbal	Sede do Sindicato	Av. 5 Out. 121-1.º
25-2 21h.	Évora	Deleg. Distrital	R. Gabriel V. M. Pereira
25-2 21h.	Beja	Deleg. Distrital	R. do Touro, 22
25-2 21h.	Faro	Deleg. Distrital	R. St.º António, 9-49-1.º
25-2 21h.	Portalegre	Deleg. Distrital	Av. Liberdade, 36

DIVULGA JUNTO DOS TEUS COLEGAS DISCUTE, PARTICIPA, PROPÕE

Setúbal, 10-2-83

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Manuel Francisco Guerreiro

entrevista

Peter Diulgerov



A Bulgária está muito interessada em intensificar o comércio com Portugal

«Para sair da crise sem fazer força (interna) (...) será necessária uma política externa com mais força, isto é, menos obcecada pela CEE e mais aberta às nossas afinidades de interesses (mesmo em campos limitados) com outras áreas político-ideológicas do Globo», escrevia recentemente no «DL», o dr. Mário Murteira, numa breve nota em que apontava os remédios possíveis para que a economia portuguesa, gerida sob uma perspectiva de esquerda (não revolucionária), fosse recuperada. Convém recordar como o «atlantismo» cego dos sucessivos Governos PS e AD tem prejudicado gravemente os interesses económicos portugueses.

Um facto típico foi o que se passou quando Portugal pela mão do PS, elevou a nível de Embaixada, a representação diplomática em Israel. Com isso, nada se ganhou e perdeu-se um importante negócio que estava em curso com o mundo árabe. Recorde-se também como a aplicação míope dos ditames de Reagan (violados, aliás, pela CEE e por países membros da NATO) ao comércio com o Leste europeu lesou gravemente a nossa economia. Sempre que temos oportunidade de contactar personalidades de «outras áreas político-ideológicas» ouvimos lamentar que o intercâmbio com Portugal, cheio de potencialidades, não avança, com desvantagem, tanto para nós como para os países desejosos de cooperar conosco. Acrescente-se, porém, que, em norma, esses países precisam muito menos do comércio com Portugal do que nós do intercâmbio com eles. Em entrevista que nos foi concedida por um membro do Conselho de Estado da República Popular da Bulgária, Peter Diulgerov, uma vez mais tivemos oportunidade de avaliar dos prejuízos que a cegueira da nossa política externa acarreta para a economia nacional. A entrevista com este destacado dirigente búlgaro foi concedida na altura em que Diulgerov se deslocou a Portugal, chefiando uma delegação do Conselho Central dos Sindicatos Búlgaros (organismo a que ele preside), que visitou o nosso país a convite da CGTP-IN.

Relações luso-búlgaras

Quando abordámos as relações económicas luso-búlgaras, Diulgerov falou do limitadíssimo intercâmbio entre os dois países, o qual se situa ao nível global de 8 a 9 milhões de dólares. Para o dirigente búlgaro, seria decerto de grande interesse para ambos os países que o nosso intercâmbio se intensificasse.

E explicou:

«Somos a favor de um vasto intercâmbio na base dos interesses mútuos, sem quaisquer discriminações. A Bulgária é um parceiro procurado e estimado mercado internacional. O nosso potencial permite-nos responder à procura externa com um crescente zelo, um grande cuidado na qualidade de produção e a satisfação das encomendas no prazo. Somos um país de economia aberta, de tal modo que cerca de 90% do nosso rendimento nacional é formado através do intercâmbio comercial.»

Haverá muita gente que pense a Bulgária em termos de um país atrasado, miserável, esquecido lá para os Balcãs. Trata-se de um grosseiro erro, que não tem em conta as realidades do presente, resultantes do esforço destes 39 anos que medeiam entre o começo da revolução (9 de Setembro de 1944) e os nossos dias.

Eis como Peter Diulgerov nos fala do passado e do presente da economia búlgara, sem esquecer os problemas com que o seu país se defronta e os meios que

encontrou para responder ao desafio colocado pelas carências naturais.

«Para avaliarmos da situação actual da nossa economia, temos de conhecer o nível onde partimos, há 39 anos — diz-nos. A Bulgária era um dos países mais atrasados da Europa, um apêndice agrícola dos Estados europeus desenvolvidos. O nosso povo vivia na miséria mais absoluta. Para o estrangeiro, constituíamos apenas um joguete dos interesses das potências capitalistas.

«Começámos a construir a sociedade socialista, partindo de bases extremamente débeis, sob todos os aspectos. Ao longo de todos estes anos, temos vindo a conhecer elevados índices de crescimento económico, que se têm feito sentir de modo espectacular, nos últimos dez anos. E isto, apesar da complexa situação internacional e dos processos inflacionistas que se registam na economia ocidental.»

Uma nova Bulgária feita em dez anos

«Nestes últimos dez anos — continuou — a nossa produtividade e o nosso rendimento nacional aumentaram mais do dobro, apesar de os custos das matérias-primas terem duplicado nessa década. Podemos dizer que em dez anos como que «fizemos» na prática uma segunda Bulgária. Mas não basta atentar nos aspectos quantitativos do nosso salto económico. Para o apreciarmos devidamente, teremos de levar em linha de conta os aspectos qualitativos dessa evolução. As nossas estruturas sofreram uma mudança radical. Começámos por desenvolver os ramos dos quais depende toda a estrutura de um país: aqueles que permitem o progresso técnico-científico e o desenvolvimento intensivo da economia.»

Neste aspecto, o dirigente búlgaro chamou-nos a atenção para o grande progresso na me-

talomecânica, na electrónica, na construção de robots, sectores onde aquele país pode gabar-se de ter atingido elevado grau de desenvolvimento. A produção de energia eléctrica, a energia nuclear, a indústria química foram outros sectores nomeados especificamente por Peter Diulgerov.

Mas a grande atenção prestada à indústria não se traduziu, naturalmente no abandono da agricultura, que é hoje moderna, no pleno sentido da palavra, dotada de elevado nível de mecanização, quimização e com um regadio bem desenvolvido. Na agricultura — que satisfaz completamente as necessidades internas e que permite exportar produtos alimentares para países capitalistas desenvolvidos, para países em desenvolvimento e para o CAME — aplicam-se em vasta escala as conquistas científico-técnicas.

E foi, graças a esse esforço industrial e agrícola, que a Bulgária atingiu a sua grande capacidade para um intenso desenvolvimento da cooperação externa.

A construção do socialismo, os avanços na economia depararam com obstáculos de monta, à partida. Por um lado, as carências de recursos naturais (matérias-primas e energéticas). A essas sérias limitações respondeu a Bulgária com o desenvolvimento da energia nuclear e a procura de processos tecnológicos que exijam pouca energia. Por outro lado, o processo de integração no CAME foi um dos factores decisivos para os avanços da economia búlgara.

Neste momento, a Bulgária tem como principais problemas aqueles que se colocam em consequência das condições gerais da economia mundial, e a necessidade de uma utilização mais racional das matérias-primas, de recursos energéticos, de combustível líquido.

Perguntámos ao dirigente búlgaro se o facto de a economia do seu país ser muito aberta, não colocaria a Bulgária na depen-

dência do Ocidente.

«Defendemos o intercâmbio com os países ocidentais, mas não queremos ficar sob a sua dependência — respondeu. Aliás, saliente-se que nas nossas relações com o Ocidente, temos um superavit comercial.»

Ao caracterizar sumariamente a economia búlgara, Peter Diulgerov usou as seguintes expressões: «a economia da Bulgária é estável, firme, com tendência para um crescimento contínuo e constante, independentemente da situação internacional. A estabilidade e a independência em relação ao Ocidente são as nossas características principais».

Tal como acontece com os outros países socialistas, a Bulgária faz do seu desenvolvimento económico um instrumento para o bem-estar dos cidadãos. Graças aos avanços registados, o povo búlgaro dispõe hoje de um dos sistemas de segurança social mais avançados do mundo, resolveu em grande medida, os problemas da habitação, da saúde pública, da educação. Nestes últimos dez anos de grande crescimento, os rendimentos dos trabalhadores aumentaram 50%. Na Bulgária, como nos restantes países socialistas, os salários reais aumentam e, de ano para ano (salvo circunstâncias pouco frequentes) os cidadãos conhecem um aumento do seu nível de vida, das suas regalias sociais, uma melhoria da situação no domínio da habitação, transportes, saúde, educação, etc.

Os sindicatos

Na sua qualidade de presidente do Conselho Central dos Sindicatos Búlgaros, pedimos a Peter Diulgerov, que nos fizesse um breve depoimento sobre o papel dos sindicatos na Bulgária.

«Os sindicatos búlgaros têm grandes responsabilidades e tradições históricas — respondeu. Em 1984 vamos celebrar o 80.º aniversário da criação do movimento sindical unitário, de

Continua na pág. 14



Peter Diulgerov, ao centro, na foto

gentes e paisagem

Baileiros

De então até hoje
— a grande aventura (2)

Dias de Melo

A CABAMOS a década de trinta e entramos na de quarenta com o Mundo em guerra. Nas vésperas da invasão da Polónia, passava por aqui uma frota baleeira alemã — um navio-fábrica, enorme, uns tantos navios pesqueiros, com canhões à proa, bonitos, costados negros, casarios brancos. Iam na rota do Antártico, mandaram-nos recolher à Horta e regressar à Alemanha. Foi a última. Todas as frotas baleeiras da Europa ficaram, longamente, de ferro ao fundo, atracadas nos seus portos. O nosso azeite tem uma procura que nunca conheceu, antinge preços jamais sonhados, chegam a pagá-lo a catorze escudos o quilo. Por aí. Aqui, nas Lajes, nas Ribeiras, na Calheta — não.

Cheira a cadáver. Os milhafres, pairando no ar, aguçam a vista rapineira, preparam-se para se fartarem de carniça. Não há bicho-careta com meia dúzia de patacos no canto da gaveta ou ponta de crédito nos bancos que não procure, açodado, instalar, em qualquer buraco, botes e lanchas para apanhar baleias. No Faial, em Porto-Pim, edificou-se a primeira fábrica de derreter, além do azeite aproveita a carne e os ossos das baleias para farinhas, utilizadas na alimentação de animais. Do Cais do Pico, dos estaleiros de mestre Janeiro, sai uma ninhada de novas lanchas de grande velocidade, a «Marota», a «Garota», a «Picarota», dois pequenos rebocadores para rebocar baleias, o «Cachalote» e o «Cetáceo», do Faial a «Liliana» e a «Orion», copiada da «Valquíria», sempre a rainha das lanchas; chegam, hesitantes, os primeiros aparelhos de rádio, por enquanto poucos vigias e lanchas os têm, com esses poucos já se modifica o modo de baleiar. Disputados, relativamente bem pagos, oficiais, trancadores, vigias nossos largam por aí fora, vão baleiar e ensinar a baleiar no Faial, nas Flores, na Graciosa, em S. Miguel, em Santa Maria, na Madeira, no Continente, no próprio Pico, enquanto S. Mateus não faz os seus próprios oficiais, mestre José Chelica, anos decorridos mestre Silvino, e trancadores, e na Prainha do Galeão, quando o professor José Garcia de Lemos, utilizando as caldeiras deixadas pelo avô, ressuscita em S. Mateus e inicia na Prainha do Galeão a pesca à baleia, dois botes e uma lancha em cada porto — mestre João Lele, mestre Carvão, mestre Monteiro, mestre José Gatinho, mestre Manuel da Papuda, mestre Manuel Batata, mestre Pé-Leve, mestre João Lajes, pai e filho, mestre Gil, das Lajes, mestre João Tavares, mestre José Maria Rita, das Ribeiras, tantos, tantos mais das Lajes e das Ribeiras, mestre Domingos Saltão, mestre Manuel Alfaiate, mestre José Caçoilha, já na década de cinquenta mestre José Vieira Preseta, da Calheta.

A desgraça do Mundo traz prosperidade e riqueza — não propriamente aos baleeiros, se bem que, no Faial, Flores, Graciosa, S. Miguel, Santa Maria, Madeira, talvez no Continente, oficiais, trancadores, vigias, ganhem, por temporada, mais que os seis meses da Primavera e do Verão, soldadas que sobem aos trinta contos (o ordenado mensal da função pública rondaria, na média, os quinhentos escudos, a jorna de um homem ao dia para fora



nos trabalhos da terra os oito escudos) — não propriamente aos baleeiros e de modo algum aos que, dos melhores, teimam em ficar por aqui e por aqui se aguentam a arriar na Calheta, nas Ribeiras, nas Lajes, mesmo com as soldadas de miséria, nem então logram ultrapassar os dois contos e pico, mesmo com as nossas lanchas mais potentes e possantes imobilizadas por falta de combustível, a «Natércia», a «Zélia», a «Aliança», e com as roneiras atracadas atracando vindas da década de vinte funcionando, mal, a azeite de baleia destilado — tão mal que, tantas vezes em plena faina, se negam a trabalhar. (No Faial, e no Cais do Pico, pouco ou nada se sentiu a escassez de gasolina no Faial estava a Panamérica e se instalara a base naval atlântica dos aliados, parece, ao que se murmurava, que a caçavam, de contrabando, ou dos aviões, ou dos navios de guerra e mercantes, americanos, ingleses, franceses, canadianos, russos, que, sobretudo com a aproximação do desembarque na Normandia, ali aportavam, todos os dias, às dezenas, às centenas, muitos com cardumadas de mortos no bojo escaqueirado pelos torpedos dos submarinos nazis que, também se cochichava, tomara ninguém nos ouça, formigueiros nocturnos invisíveis sustentavam, a peso de ouro, nestas latitudes, comandados pelos que manobravam na sombra o camaleão da gasolina dos aliados...) E a desgraça do Mundo trazia prosperidade e riqueza aos traficantes da morte, aos intermediários no negócio mais ou menos escuro da compra e venda de azeite, aos compradores, à prosperidade e riqueza dos prósperos e ricos.

FINDA a guerra, a grande aventura, a grande epopeia baleeira prolonga-se, atinge o auge na década de cinquenta. Mais fábricas de derreter, a do Cais do Pico, chegaria a preparar vitaminas, as das Lajes, derreter todas as baleias capturadas, caem na inutilidade as caldeiras primitivas. Mais lanchas novas, nem uma a que não sirva de modelo a «Valquíria», ainda das melhores entre as melhores, a «Espartel» e a «Horizonte» em S. Mateus (o professor José Garcia de Lemos transferiu a armação para segundos armadores — «quando um negócio está a render em demasia, deixa-se, não tarda a ir-se abaixo»), a «Medina», a «Senhora de Fátima», a «Faidoca», risco e construção do António Racha, na Calheta (navigávamos, na Calheta, em ondas vivas de entusiasmo intenso trazido e animado pelo capitão José Machado Medina, capitão da pesca do atum em S. Diego e, mobilizado, oficial e herói, de que emocionadamente nos orgulhamos, da Marinha de Guerra dos Estados Unidos, sócio preponderante da fábrica do Cais do Pico, a dada altura proprietário da nossa Companhia Nova, baleava connosco como se fosse um dos nossos), a «Cigana» e a «Rosa Maria» nas

Lajes, a «Açoriana» e a «Maria Medina» nas Ribeiras, outras no Cais, em S. Jorge, a «Maria Manuela» e «José Alexandre» nas Velas, a «Boa Hora» no Topo — «Espartel», «Medina», «Rosa Maria», «Maria Manuela», «Maria Medina» companheiras e rivais acirradas. Equipadas com rádios, onde quer que se encontrem em comunicação permanente com as vigias, não há vigia que os não tenha, agora os rádios abundam, postos de parte os rudimentares sinais em terra de panos e fumos, a não ser perto, em frente ao porto, na oridura velha e silenciosa de alguma artimanha mais matreira — as lanchas impõem-se definitivamente; têm participação fundamental na condução tática da pesca, espalham e colocam estrategicamente os botes, levam-nos, largam-nos, acompanham-nos, a curta distância, rente às baleias, aprenderam a controlá-las, em certa medida — se um bote vai pegando, pega, chega não chega, e a baleia arredonda para mergulhar, é dar um berro brusco com o motor, um risco, pode ela, em pânico, meter-se instantaneamente (nada se perde, de qualquer maneira ia-se embora), porém, repetidas vezes estremece, faz um reparo, hesita por momentos, basta para que o bote, a remos à força de braços, à vela com um jeito pronto na escota, dê uma esticada e o trancador lhes enfie o arpão — e lançam, e matam, e, num caso extremo, a cortar as vassas a um bote contrário, os nossos não conseguem lá ir, leis próprias, mesmo contra a Lei, se atiram e transcam baleias: exige saber, inteligência, ronha, astúcia, decisão, os melhores oficiais transitam para o lugar de mestres das melhores lanchas, lá vai mestre José Faidoca à popa da «Medina» (nenhum o iguala), mestre José Costa (grande no bote, esperava-se mais dele) à popa da «Maria Medina», mestre João Brão (filho) à popa da «Espartel»; com motores «Diesel» potentes, sim, duzentos, duzentos e cinquenta, trezentos cavalos, «Greys» na maioria (a América, consta, arrebanhara-os em barda para a guerra, acabada a guerra não precisava deles, vende-os ao desbarato, enxurra tudo por aí de «Greys»), alcançam velocidades loucas, quinze, vinte, e tantas milhas à hora, é um tal papar gasóleo e deitar milhas para trás, num pulo dão um salto seja onde for, vamos longe, nos nossos botes rebocados por elas, muito longe, por esse Sul abaixo a abrir canal aos dois lados, quase a perder de vista as ilhas, por esse Oeste dentro para além do Faial, a entrar no Canal das Flores, de rumo a Leste vamos baleiar para a Terceira, ao largo de Porto Judeu, aí a quinze milhas da costa, já no Canal de S. Miguel — pelo menos da Calheta fomos lá uma vez —, ao largo da Serreta, de Santa Bárbara, de S. Mateus, mesmo do Monte Brasil e de Angra, é o pão nosso de cada dia, vamos para o Norte de S. Jorge, para o Canal da Graciosa, mais perto

da Graciosa que de S. Jorge, aí nos encontramos e batemos com os botes e as lanchas dos graciosos, a «Ilha Branca», o «Carapacho»...

CONCERTAM-SE, desconcertam-se sociedades, parcerias, primeiro calhetas, ribeiras, vilas, não sei se prainhas e os de S. Mateus, o Sul do Pico inteiro, depois calhetas e ribeiras a uma banda, vilas, prainhas e os de S. Mateus à outra. Criam-se leis, umas absurdas, como a que pretende erguer no mar fronteiras intransponíveis, outras, sensatas, tentam travar rivalidades que resultam em esbanjamentos e sangrias de divisas, ninguém as acata, luta-se como toda a vida se lutou, botes e lanchas, agora mais as lanchas do que os botes de uma parceria com os botes e com as lanchas da parceria apostas, a miúdo, entre si, botes e lanchas da mesma parceria — e, não há quem queira ficar sem baleia, do mesmo porto, da mesma armação; luta-se, é uma luta encarniçada, nesses mares do Faial, da Terceira, de S. Jorge, da Graciosa, quando botes e lanchas de todas estas ilhas nas águas azuis um arraial de velas brancas e filarmónicas de «Greys», se caldeiam e emburham nessas lonjuras de não-sei-que-diga; luta-se com os temporais, luta-se com as baleias — e é um tal apanhar baleias, numa arriada rabeiras e calhetas apanham dezoito, de cardume, de outra, só os da Calheta, seis, grandes.

NÃO compreendemos é porque temos, os calhetas, que levar para a fábrica do Cais do Pico as baleias que tiramos às portas da fábrica das Lajes, e os vilas que arrastar para a fábrica das Lajes as que trancam nas barbas da fábrica do Cais do Pico. Interessará — e interessa — a alguém. Não aos baleeiros — nem sequer aos tripulantes das lanchas que rebocam as baleias, apesar de lho pagarem razoavelmente. Aos baleeiros, os gastos entram-lhes nas algebras, interessam os lucros. Ganham à soldada, não têm — na altura não tinham — nenhum salário por arriada (tiveram, no maior tarde, por alguns anos, de pouca monta, de contar, o que contou foi sempre a soldada); deduzidas as despesas, do produto líquido da venda do azeite cabe-lhes metade (a outra metade arrecadada na os armadores), que é repartida por todos: uma soldada para cada remador dos botes e marinheiro das lanchas, duas para cada trancador (antigamente soldada e meia) e oficial, para cada maquinista e mestre de lancha e para cada vigia, que recebe, mais, um salário diário, ao tempo de três escudos — uma fortuna! Naqueles longos e demorados redouques consome-se gasóleo, não pouco — queima-se dinheiro, excessivo dinheiro. Uma despesa escusada a juntar a tantas despesas escusadas — e quanto maiores as despesas mais minguados os lucros e as soldadas, já de si pindéricas. Não interessa aos baleeiros — e não interessa ao País.

Mas a grande aventura, a grande epopeia baleeira, ia, eufórica, de velas desfraldadas e vento em popa, por aquela década de cinquenta fora.

A maré subia alto, excessivamente alto, não tardaria em descer.

ponto a ponto

Delegações do Partido Socialista e da UEDS reuniram-se, em Lisboa, a fim de prosseguirem diligências para a elaboração de um acordo eleitoral, disse uma fonte partidária.

«Não foi ainda possível chegar a esse acordo», acrescentou o informador: «trata-se de um processo vagaroso no qual se discutem várias hipóteses».

Uma das possibilidades seria a de candidatos a deputados pela UEDS figurarem nas listas do PS e depois de eleitos terem autonomia parlamentar. Admitem-se ainda outras duas hipóteses: uma coligação, a nível nacional, do tipo da FRS, ou coligação apenas em alguns círculos, como sucedeu nas eleições autárquicas.



A Aliança Povo Unido (APU) acusou o Partido Socialista de ter «traído o povo de Miragaia» (Porto), ao aliar-se com a AD na eleição dos cargos da Junta de Freguesia local.

«Apesar de ter ganho as eleições, a APU foi afastada deste órgão. Está consumada a Aliança PS/AD — refere um comunicado da comissão de freguesia da APU de Miragaia.

O Partido Socialista e a Aliança Democrática «afastaram da Junta os homens que já deram provas, que num ano resolveram mais problemas que o PS e a AD durante todo o seu mandato, e elegeram homens que já deram provas de incapacidade e incompetência» — diz o documento.

O Partido Socialista Revolucionário (PSR) anunciou que tem realizado contactos com a UDP, na perspectiva de promover uma candidatura «pela unidade operária».

Em conferência de imprensa, o PSR mostrou-se aberto a «todas as organizações que aceitem essa perspectiva de mobilização».

Os militantes sociais-democratas de Alge, arredores de Lisboa, opuseram-se à indicação de José Alfaiate para delegado do congresso do seu partido, disse uma fonte do PSD.

José Alfaiate, secretário de Estado do Governo Balsemão com o pelouro da Comunicação Social, não conseguiu fazer-se eleger apesar de figurar à cabeça de uma lista.

O Movimento Ecologista Português — Partido «Os Verdes» decidiu apoiar as medidas tomadas pelo Presidente da República, manifestando publicamente, através de um comunicado, a sua vontade «em assumir em pleno as responsabilidades que lhes cabem como partido político».



A convite do general Garcia dos Santos, chefe do Estado-Maior do Exército, encontra-se de visita ao nosso país, onde permanecerá até segunda-feira, o general John Stanier, chefe do Estado-Maior do Exército britânico.

O antigo ministro dos Assuntos Sociais, António Arnaut, decidiu não se recandidatar a deputado nas eleições legislativas — disse o próprio ao semanário «Expresso» de hoje.

O dirigente socialista (pertencente à linha do ex-secretariado), em carta dirigida aos órgãos directivos do PS, explica a sua decisão.

Na carta, o ex-deputado declara que a sua atitude é motivada por razões de natureza pessoal, mas que continua a ter toda a disponibilidade para colaborar com o partido, nomeadamente com a Federação Distrital de Coimbra.

António Arnaut salientou-se como ministro dos Assuntos Sociais, ao defender o Serviço Nacional de Saúde.

Tendo-se realizado há dias a primeira Assembleia de Freguesia de Santa Maria dos Olivais (a maior freguesia de Lisboa), a Junta ficou composta por 4 elementos da AD (presidente, tesoureiro e dois vogais) e 3 da APU (1.º secretário e dois vogais). A propósito, a APU denuncia o facto da maioria AD (também verificada para a mesa da Assembleia de Freguesia) ter resultado da «negação do PS em efectuar qualquer acordo, mas antes votando de forma dispersa».

A Comissão Parlamentar de Economia, Finanças e Plano vai dar quarta-feira o parecer regimental sobre o orçamento do Estado, provisório, aprovado em plenário, disse uma fonte da Assembleia da República.

A reunião da comissão foi convocada pelo seu presidente, **Morais Leitão**.

Na altura da apresentação do orçamento provisório chegou a estar previsto um encontro entre o ministro João Salgueiro, das Finanças, e a mesma comissão, para que esta tomasse conhecimento antecipado do documento.

O parecer da comissão é obrigatório antes da promulgação pelo Presidente da República.

Portugal, pediu na semana passada, a acreditação de Américo Bandeira Barbas como novo cônsul-geral na cidade de Beira, confirmam fontes diplomáticas contactadas pela ANOP.

O lugar encontra-se vago desde que há cerca de um mês as autoridades moçambicanas pediram a retirada do anterior cônsul, João Versteeg, envolvido num incidente já esclarecido entre os dois governos.

CIP considera inconclusiva reunião com Walter Rosa do PS

Apesar dos esforços do PS para tentar conciliar o inconciliável — os interesses dos trabalhadores com os interesses da CIP — os resultados não parecem animadores: uma reunião de cerca de duas horas do dirigente socialista Walter Rosa com o presidente da CIP e outros dirigentes desta organização foi «inconclusiva» e a CIP «não teve razões para sair com mais confiança do que quando tinha entrado».

A afirmação é de Pedro Ferraz da Costa, presidente daquela confederação que adiantou ainda que «o PS continua como em 1977 e 1978, a não ter posições claras em aspectos que a nós nos parecem fundamentais e que levaram à actual crise económica e financeira». Argumentou ainda aquele dirigente da central patronal que «o PS surge agora com a palavra mágica do consenso», embora «na maior parte dos aspectos abordados o Partido Socialista não apresente soluções que pareçam aceitáveis. Acreditamos que o PS venha a redefinir com mais clareza as suas posições e o seu projecto».

O presidente da CIP, que recentemente, à saída do Palácio de Belém, aquando da dissolução da Assembleia da República, fora protagonista de um conjunto de afirmações do mais retrógrado que se poderia imaginar, neste século, declarou também à Anop, a propósito da reunião com Walter Rosa, que se impõe para a resolução da crise que as diferentes forças políticas façam um balanço dos aspectos de negativa que houve em termos económicos durante estes nove anos, «e que tenham a coragem de os alterar».

No fundo o objectivo que a CIP persegue é a tentativa de inversão de todo o processo de transformações económicas que tiveram origem com o 25 de Abril, mas é importante sublinhar que aquela estrutura patronal está longe de reprimir o pensamento do autêntico e dinâmico sector empresarial português privado que, sejam quais forem as dificuldades do presente, não quer regressar ao passado dos monopólios e dos proteccionismos.

A diligência do PS insere-se num projecto do programa eleitoral deste partido que visa a constituição de um conselho económico-social em que participem representantes dos trabalhadores, das entidades patronais e do Estado.

Walter Rosa esclareceu que este conselho não se destina a anular os interesses das partes envolvidas, mas sim a apresentar uma confrontação de interesses que permita resolver problemas.

Sobre o encontro com a CIP o dirigente socialista não deixou de reconhecer que os interesses «são, evidentemente, divergentes» entre o PS e aquela confederação, mas declarou que «a classe dos industriais estará, também ela, certamente, interessada em que se chegue a esse máximo consenso necessário para a recuperação económico-financeira do País».

entredista

Acordo com o MDP? Porque não?

Eleito pela terceira vez para a presidência da Câmara de Braga, Mesquita Machado é um dos autarcas socialistas que melhor trabalho tem desenvolvido no âmbito da gestão municipal. A sua aposta tem sido nas zonas rurais que, em termos de infra-estruturas básicas, nem se assemelhavam, há seis anos atrás, à região transmontana. Aos melhoramentos têm correspondido aumentos significativos de votos. O PS tem cerca de 38 % do eleitorado — é o primeiro partido do distrito.

Do que tem sido feito e dos projectos do actual executivo fala-nos Mesquita Machado nesta entrevista. Mas não só. O autarca socialista alude também à constituição das listas para deputados. E garante que Salgado Zenha vai ser forçosamente cabeça de lista por Braga, onde a sensibilidade «ex-secretariado» predomina.

Quanto a alianças pós-eleitorais não se furta à vertente social-democrata do PSD, mas mostra-se mais receptivo aos pequenos partidos. Acordo com o MDP? «Por que não?» — interroga-se. E responde, condicionalmente: «Se... seria um passo altamente positivo».

Diário de Lisboa — Quais os principais objectivos do novo executivo socialista para o actual mandato?

Mesquita Machado — Os nossos objectivos constam do programa que apresentamos ao eleitorado e correspondem, fundamentalmente a uma continuidade da obra que se estava a realizar e que se pode sintetizar desta forma: fazer grandes investimentos nas zonas rurais, sem prejudicar o que é necessário desenvolver também na cidade. Por isso pensamos concluir, na cidade de Braga, três grandes obras: a grande nave do parque de exposições, o complexo desportivo da Rodovia e o mercado municipal. Na zona rural vamos continuar com investimentos quer na viação rural, quer no abastecimento de água, quer ainda na construção de escolas. Por exemplo, o orçamento para este ano prevê só para investimentos em caminhos rurais 140 mil contos; para a construção de escolas, 70 mil; para a construção de parques desportivos em zonas rurais, 50 mil; e para sedes de juntas de freguesia, cerca de 20 mil.

D.L. — Actualmente quais as carências mais manifestas nas zonas rurais?

M.M. — As carências que ainda existem são na parte da viação rural e, nalgumas freguesias, a falta de abastecimento de água.

D.L. — E a rede de saneamento?

M.M. — Quanto ao saneamento temos um plano que abarcará toda a zona rural, visto que as zonas sem grandes agregados populacionais têm o problema resolvido com a fossa individual. Contamos fazer redes de saneamento parciais nas zonas que o justifiquem. Também faz parte do programa deste mandato dotar todas as freguesias rurais de uma sede de junta e de um centro cultural. Neste momento há já 40 freguesias com esse problema resolvido, portanto faltam 14.

Dinamizar os centros culturais

D.L. — Concretamente em termos culturais que projectos existem?

M.M. — O nosso projecto no campo cultural é um projecto ambicioso. Nós queremos dar uma dinâmica mais acentuada à cultura durante este mandato, visto que no anterior o que se fez foi mais na construção das infra-estruturas. Agora vamos pôr a casa municipal da cultura a dinamizar todos os centros culturais das freguesias. Queremos praticar uma cultura participada pela população, não nos preocupamos com grandes espectáculos na cidade, nem determinado tipo de iniciativas a que só adere determinado tipo de camada social, a menos carenciada. O que nos interessa é fomentar, dar condições aos grupos locais para se desenvolverem. A cul-

tura como nós entendemos tem que vir de baixo para cima.

D.L. — Esta região tem uma riqueza etnográfica grande, mas há muita coisa a desaparecer. O que é que tem sido feito pela câmara não só no sentido de preservar o que existe, como de revitalizar o que está a desaparecer?

M.M. — Quando fui para a Câmara havia um único rancho fol-



clórico, que era o grupo Gonçalo Sampaio, neste momento há uma série de freguesias já com ranchos. Cito alguns exemplos: Palmeira, Adoufe, S. Pedro dos Coveiros, Aveleda. Queremos também incentivar a única banda de música que é a de Cabreiros, facultando-lhes instalações próprias, mas é evidente que o que nós gostaríamos era que esses valores etnográficos aparecessem não criados pela Câmara, mas sim estimulados por ela e criados pela população.

D.L. — Claro. Sendo o cavaquinho e a braguinha instrumentos característicos da região está pensado algum esquema especial de protecção não só aos tocadores, como aos construtores de instrumentos?

M.M. — Está nos nossos projectos dar o apoio e incentivo necessários e que nos sejam solicitados. Estamos absolutamente abertos a essa protecção, mas terão que ser os próprios grupos a virem até nós.

Obra feita votos na urna

D.L. — Ao fim dos seis anos da

sua gestão é possível estabelecer índices de desenvolvimento concelhio, ao nível das infra-estruturas básicas?

M.M. — Quando iniciei o mandato na câmara de Braga as nossas freguesias rurais pouco se distinguiam das do Nordeste Transmontano, faltavam caminhos, escolas, luz, água. A partir de 1979, a construção das escolas de ensino primário ficou a responsabilidade das câmaras municipais e a partir daí nós construímos 154 salas de aulas, o que implicou um investimento de 350 mil contos para esse sector. A nossa preocupação máxima foi atacar aquelas carências mais graves: era o problema das escolas, da viação rural, do abastecimento de água, da electrificação. Neste momento não há nenhum lugar em Braga que não esteja electrificado. As povoações, de uma maneira geral todas elas têm caminhos que lhes permitem acesso de automóvel. Na rede de água estamos a cobrir já cerca de 80 por cento da população com distribuição domiciliária e estou convencido que, de uma maneira ge-

ramentos, outro grande foi o dos transportes. Contra a vontade do Governo instituímos uma política de transportes que teve de ser um acto corajoso, visto que houve bloqueamentos de todos os lados para nós não lançarmos os transportes. Vencidos os obstáculos, passamos a ter um serviço de transportes de qualidade totalmente organizados pelo município.

Eleições: repartição de lugares

D.L. — Aproximam-se novas eleições. Como vai ser aqui em Braga? O cabeça de lista pelo PS tem sido Salgado Zenha. Vai continuar a sê-lo?

M.M. — Em primeiro lugar devo dizer que Braga é dos distritos onde o PS tem maior votação. Tem cerca de 38 % dos votos do eleitorado do distrito, creio que mais do que isso só Coimbra e Faro. Somos, portanto, o terceiro distrito onde o PS é mais forte, o que nos levava a dizer que somos também o maior partido de Braga neste momento, visto que a repartição de votos entre

reuniram e, aí, diz-se qual a posição das bases.

D.L. — E será essa a ser seguida...

M.M. — Penso que sim. Como nós temos que aceitar que, nas zonas onde a outra sensibilidade do partido é maioritária, a escolha seja feita nessa base, também aqui, como é a sensibilidade do ex-Secretariado que prevalece, terão que aceitar.

D.L. — Isso comporta riscos: o ex-Secretariado pode não eleger nenhum em determinados círculos.

M.M. — É natural. Mas tem que haver respeito ético. Nós não rejeitamos, por exemplo que se meta em zona elegível alguém que não seja da nossa sensibilidade. Não se veta ninguém. Se chegarmos à conclusão que determinado elemento tem capacidade para ser deputado, incluímo-lo.

D.L. — E neste momento há algum?

M.M. — Ainda não lhe posso dizer. Sexta-feira à noite (hoje) é que se vão pôr os nomes na mesa e discutir. De qualquer forma penso que o partido terá que escolher para deputados pessoas competentes e que deem provas de melhor poderem defender não só as cores do partido como a população. O partido terá que ir forçosamente pela escolha dos mais capazes.

D.L. — Mas há duas sensibilidades diferentes...

M.M. — Há um certo esbatiamento dessa questão visto que é necessário discutir ideias e princípios. É necessário fazer um grande debate ideológico dentro do partido e deixar de discutir pessoas. No último congresso infelizmente debateram-se pessoas e deixaram-se de debater ideias, mas estou convencido de que, agora, há uma consciência de que o país exige do PS uma forte responsabilidade que não se compadece nem com personalismos, nem com fulanismos...

Acordo com o MDP? «Por que não?»

D.L. — Fala-se com insistência no, bloco central, qual a sua perspectiva sobre isso?

M.M. — Para mim é preciso defini-lo que é bloco central. Se for uma união de forças de esquerda que perfilham do socialismo democrático...

D.L. — ... eu dizia bloco central PS/PSD.

M.M. — Precisamente por isso. Há duas componentes no PSD, uma nitidamente direita que ninguém ignora e a outra social-democrata. É evidente que com esta o PS poderá trabalhar, com a outra é óbvio que não. Mas qualquer aliança passará pelas eleições. Depois de analisados os resultados temos de ver o que é melhor para o país. Eu acredito que se não obtivermos a maioria absoluta, estaremos muito próximo de lá e talvez com pequenos partidos se possa fazer uma maioria sem se recorrer a qualquer aliança com forças de direita.

D.L. — Refere-se à ASDI E UEDS?

M.M. — À ASDI e à UEDS e até, outros pequenos partidos que nesta altura é melhor não referir porque acho que é prematuro.

D.L. — MDP?

M.M. — Por que não?, se o MDP se conseguir desligar do PC, por que não? É evidente que tudo isto passa por uma clarificação. Neste momento é prematuro adiantar mais, mas creio que seria um passo altamente positivo para possíveis soluções.

Luís Humberto Marcos



ENTRE A VIDA E A MORTE
O SANGUE PODE DECIDIR

Minado conclave dos “notáveis” do PSD?

Dos 18 só apareceram 11

Suposto conclave de «reflexão», destinado a fazer sair o PSD do impasse em que actualmente se encontra, a cimeira dos «notáveis» sociais-democratas de ontem à tarde não reuniu todas as personalidades para ele inicialmente convocadas. Dos 18 «notáveis», apenas 11 estiveram presentes. E do que discutiram e concluíram, pouco ou nada transpirou.

Nem Pinto Balsemão, nem Mota Amaral, João Jardim, Helena Roseta, Cavaco e Silva, Meneses Pimentel e Tomás Oliveira Dias quiseram ou puderam estar presentes na reunião. Alguns deles, casos de Pinto Balsemão, Meneses Pimentel e Cavaco e Silva enviaram cartas a Nuno Rodrigues dos Santos, Presidente do Congresso do PSD e responsável pela conivência da cimeira, explicando as razões das suas ausências.

Pinto Balsemão, em **duas** cartas enviadas a Nuno Rodrigues dos Santos, considerava a reunião como «tardia» e pouco susceptível de ser «conclusiva». O presidente do PSD afirmava ainda não poder participar, na sua qualidade de presidente dos sociais-democratas, numa iniciativa anteriormente rejeitada pelo Conselho Nacional do PSD. Pinto Balsemão vincava, também, o facto de não terem sido convocadas pessoas ligadas à área laboral e à Juventude do partido.

O actual ministro da Justiça e da Reforma Administrativa, Meneres Pimentel afirmava, por seu turno, numa missiva algo «dura», a sua indisponibilidade para participar numa iniciativa feita à revelia de decisões já tomadas e à margem dos «estatutos internos que os estatutos prevêem».

Quanto a Cavaco e Silva, a explicação da sua ausência radicava no desejo de se afastar «temporariamente» das lides partidárias.

Ausências: arcar com as responsabilidades

Perante estas ausências, às quais se acrescentam outras «justificadas» ou não – Helena Roseta e Mota Amaral, actualmente em curto período de férias; João Jardim, porque a «reunião não foi convocada com a devida antecedência»; e Tomás Oliveira Dias, que aparentemente não forneceu explicações –, o conclave não deixou de se realizar.

Não impede que as ausências fossem comentadas pelos presentes. Para Antônio Capucho, que respondia a uma pergunta do «DL», «com certeza que as ausências terão efeitos práticos, no caso de corresponderem a uma manifestação de não-colaboração numa iniciativa que me parece legítima». E o secretário-geral do PSD acrescentava ao seu raciocínio: «Será certamente o indicio que as pessoas em causa não estão disponíveis para colaborar. Nesse caso, e com ressalva daqueles que justificaram a sua ausência, o partido e os militantes tirarão as ilações que entenderem».

Para Fernando Amaral, e também em resposta a uma pergunta do

«DL», «ausências? Cada um assume a responsabilidade que lhe respeita...»

Encontro de «reflexão» contestado

Enquanto Ângelo Correia, Vítor Crespo, Amândio de Azevedo, Nuno Rodrigues dos Santos, Leonardo Ribeiro de Almeida, Barbosa de Melo, Fernando Amaral, Nascimento Rodrigues, António Capucho, Mota Pinto e Eurico de Melo se reuniam em conclave, meios sociais-democratas criticavam «uma reunião que de pouco servirá, já que as pessoas que nela estão pouco ou nada representam».

Para esses meios, o facto de nenhuma das distritais estar representada na reunião, de não haver nenhum representante da ala liberal e da Juventude Social Democrata, de ela se processar fora de qualquer mecanismo interno e de contrariar decisões anteriormente tomadas, merecia vivo repúdio.

Opinião contrária partilhavam os «notáveis» para quem, segundo o teor de várias opiniões expendidas, «esta reunião não pretende usurpar o poder das bases».

Para os mesmos, o objectivo da primeira era apenas «juntar várias pessoas à volta de uma mesa para reflectirem nos caminhos do fortalecimento e consolidação do PSD como instrumento de estabilização da vida democrática em Portugal» (Mota Pinto); «encontro de reflexão» (António Capucho); «encontrar uma liderança política que consiga congregar todos os homens de boa vontade e de forte militância no partido, para resolverem os problemas que neste momento se apresentam» (Eurico de Melo).

De salientar, porém, que Eurico de Melo fez uma aparente crítica à convocação da reunião, ao declarar: «Fui convocado para esta reunião que, como sabem, não tem qualquer ordem de trabalhos. Por isso estou aqui para ouvir o que o dr. Nuno Rodrigues nos pretende dizer a respeito dos motivos por que convocou a reunião...»

«A reunião ainda não terminou...»

Mas, paralelamente, Eurico de Melo também declarava encontrar-se disponível para «colaborar em todas as soluções que impliquem o prestígio do PSD».

Da reunião, que durou aproximadamente seis horas, pouco ou nada transpirou.

Assumindo o papel de porta-voz, Fernando Amaral afirmava no final aos jornalistas: «A reunião ainda não terminou, continuá-la-emos, amanhã à noite (hoje) ou domingo de manhã, nela se verificou, no entanto, uma larga coesão. Existe uma grande disponibilidade de todos para se encontrarem soluções.»

Amândio de Azevedo assegurava posteriormente haver «uma perspectiva de solução que, penso, vai ter consequências positivas». No que respeita à data e ao local da próxima cimeira de «notáveis», Amândio de Azevedo salientava: «Não convém estar a dizer quando e onde nos reunimos. Não são reuniões que devam ser anunciadas».

António Capucho lançaria pistas ao

afirmar: «Agarrámos as pessoas a uma solução» e ao indicar que a solução «passava» por Mota Pinto e contava, «obviamente», com o apoio do professor de Coimbra.

A reunião, minada desde o início pela ausência de «notáveis» convocados e outros **ignorados**, terminava pois sem grandes conclusões. À hora que corre já os ausentes sabem o que lá se passou, através dos seus representantes/espíões presentes no conclave. A partir de agora, as peças começarão a movimentar-se no complicado xadrez do PSD. E tudo bem ponderado, talvez os ausentes consigam destruir a afirmação de que «os ausentes nunca têm razão».

Por vezes, o feitiço vira-se contra o feiticeiro. E, neste momento, o «feitiço» lançado contra Balsemão po-

derá levar este a ressuscitar das cinzas. Os próximos dias, as próximas horas o dirão.

A escalada da «asneira»...

A dez dias do Congresso do PSD, as movimentações continuam. Assim, a Assembleia da Secção de Setúbal do PSD lançou hoje a candidatura de Cavaco e Silva para a direcção do partido.

Em Coimbra, uma lista única afecta a Pinto Balsemão e excluindo a ala «crítica», acaba de ser divulgada.

Outra das novidades é a lista encabeçada por Mota Amaral para o Conselho Nacional do PSD. Lista ontem formalmente assinada e que conta nos lugares cimeiros, para além do líder aqorian, Tomás Oliveira Dias, uma das personalidades ontem ausentes da reunião dos «notáveis»: João Salgueiro, Fernando Amaral, Rui Oliveira e Costa e Maria de Lurdes Breu.

D'Estaque igualmente para o facto da Comissão Política concelhia de Portimão pretender substituir José Vi-

torino por Cavaco e Silva na cabeça de lista de deputados pelo Algarve

Segundo se soube, a decisão foi aprovada na reunião daquela Comissão Política de terça-feira passada, com a presença de nove dos 11 elementos que a constituem.

Um dos membros da Comissão disse à ANOP que «neste momento, José Vitorino está diminuindo na sua capacidade política e na sua popularidade junto do eleitorado». Lembre-se que José Vitorino, Presidente do Conselho Distrital de Faro do PSD, integra igualmente a lista liderada por Mota Amaral ao Conselho Nacional do partido.

A terminar referência para as declarações ontem produzidas, no Funchal, por Alberto João Jardim: «Quando um partido entra na escalada da asneira e abraça despudoradamente a estratégia da derrota que, por isso, se revela uma estratégia de suicídio, há que remar contra a maré».

Tarefa que parece, neste momento, ser difícil para o PSD.

Manuel Anta

Ontem, na Gulbenkian
Da “cultura na sociedade democrática”

Cheguei atrasado (Lisboa é uma cidade onde acontece tanta coisa...), mas deu para ouvir ainda algumas intervenções interessantes, outras divertidas e, por feliz acaso, admirar o som fascinante do alaúde, de um grande artista arménio. Mardichian.

O atraso foi com a primeira sessão do encontro de intelectuais ibero-americanos, organizado pela Fundação de Relações Internacionais do PS, ontem numa das salas da Gulbenkian. Falharam ao encontro alguns nomes sonantes da cultura latino-americana (caso de Garcia Marquez, por exemplo) mas o tema **O papel da cultura na sociedade democrática** motivou, apesar de tudo, algumas dezenas de interessados, na sua generalidade portugueses. Entre outros, vimos Cardia, António Reis, Acácio Barreiros, Fernando Namora, Joel Serrão, Lindley Cintra e Alcada Baptista. Presentes ainda o moçambicano Aquino de Bragança, de passagem por Lisboa, vindo de Cabo Verde, onde assistiu ao simpósio sobre Amílcar Cabral, Corsino Fortes, o «Nobel» Perez Esquivel, Raul Morodo, etc.

De um dos convidados, um equatoriano (Angel Vinas?) ouvimos uma interessante reflexão sobre o modo como as burguesias nacionais, geralmente distanciadas dos valores culturais das respectivas pátrias (o dólar penetra em todas as fronteiras...), reencontram ou se apropriam desses mesmos valores por influências alheias. Bastou-lhe contar como,

por exemplo, o belo artesanato do seu país criou fama em Paris e viajou para Nova Iorque, para reentrar no pequeno país do Norte dos Andes, mas agora nos bairros elegantes de Quito. Caso (outro exemplo) do «poncho» traje inca, agora na moda da juventude equatoriana, depois de celebrado nas grandes capitais europeias

Roupa. Sousa Tavares, ausente do encontro de «notáveis» que à mesma hora decorria na Rua Buenos Aires, também usou da palavra. Como antes falara o equatoriano, Sousa Tavares resolveu falar castelhano. Foi uma espécie de «portunhol» que os presentes escutaram, francamente divertidos. Em resumo, o actual militante do PSD lamentou a profunda influência ainda, a nível mundial, da cultura marxista; considerou a universidade uma arma de dois gumes — mas geralmente ao serviço do Poder —, falou do histórico isolamento político de grandes intelectuais (citou, entre nós, Herculano, Garrett, Oliveira Martins, Sérgio e Pregoça), considerou que a Revolução de Abril criou mecanismos políticos anticulturais; e deixou no ar uma interrogação inquietante: sociedades muito ricas culturalmente podem tornar-se trágicas ditaduras. Citou a Alemanha hitleriana e o Uruguai dos nossos dias. Exemplos positivos, na sua opinião, da relação cultura-sociedade: Suíça e Suécia.

EA

5º RALI PARIS/DAKAR

● PARIS

no Rali
mais duro do mundo
4 à partida
4 à chegada

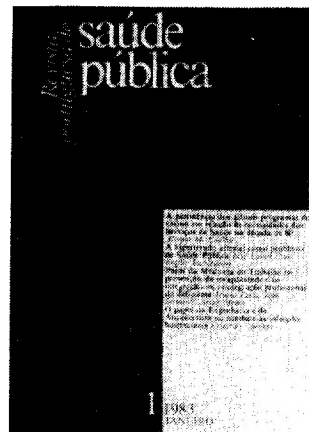
Percentagem de desistências:
cerca de 80%

● DAKAR

Equipas:
J. Megre / J. Amaral
P. Cortez / J. Gomes
V. Cardoso / C. Marques / C. Barbosa
A. Rodrigues / T. Norberto / S. Alves

equipados com
motores **PEUGEOT**

Distribuido por: **MOCAR** S.A.R.L.



Saiu o primeiro número da "Revista Portuguesa de Saúde Pública"

Dirigida pelo professor Coriolano Ferreira, acaba de sair o primeiro número da «Revista Portuguesa de Saúde Pública», órgão oficial e regular de comunicação externa, com que a Escola Nacional de Saúde Pública procura fornecer efectiva a sua responsabilidade divulgadora junto da comunidade nacional, dos seus responsáveis e agentes», lê-se no editorial do seu director.

A «Revista Portuguesa de Saúde Pública», com uma periodicidade trimestral, é uma brochura com 80 páginas, excelentemente elaborada do ponto de vista redaccional e gráfico, onde são abordados os mais diversos problemas ligados à saúde, mas não apenas à saúde pública.

O objectivo desta revista, que pretende ser o «órgão de expressão» das ciências e técnicas da saúde, em termos de intervenção activa da Escola Nacional de Saúde Pública, visa «um carácter acentuado de divulgação qualificada, como objectivo de empenhar nos problemas da saúde um público alargado que ultrapasse os serviços do Ministério dos Assuntos Sociais e atinja áreas conexas, tais como as da educação, da segurança social, da habitação e da economia».

A revista transcende por isso a área restrita que o seu título levaria a supor, actuando num sentido muito mais amplo «que permite incluir toda a matéria que diga respeito à saúde do homem na comunidade e no meio em que vive e às ciências e técnicas que dão forma à prestação de cuidados de saúde e à administração dos recursos que lhe forem afectos».

Neste primeiro número, a «Revista Portuguesa de Saúde Pública», que tem como redactor-coordenador J. P. Paiva das Neves, aborda entre outras, questões como «A pertinência dos actuais programas de ensino em relação às necessidades dos serviços de saúde na década de 80», «Contas da saúde. Como vamos e para onde vamos», «Metodologia e modelação estatística em saúde», «A situação alimentar e nutricional portuguesa», etc.



A "resposta necessária" torna necessária uma resposta

DE há bastante tempo o semanário «O Jornal», nosso prezado colega, tem vindo a deixar transparecer nas suas páginas um curioso sentimento que domina alguns dos seus responsáveis: a simpática publicação seria, por um lado, a guardiã da deontologia profissional, e, por outro, uma espécie de torrente de notícias de primeira mão e «exclusivos» onde a generalidade dos órgãos de informação nacionais (da rádio à televisão, passando pelos diários, semanários e agências) iriam beber sofregamente cometendo a deslealdade de nem citar sequer a origem.

Presunção e água benta cada um toma a que quer.

O grave, porém, é que, de vez

em quando, tão piedosos sentimentos excedem o que é admissível — como aconteceu na sua edição de ontem num texto intitulado «Uma resposta necessária» na qual o «DL» é acusado, de uma forma despropositada e injusta, de «procedimento inadmissível» e «grave» do ponto de vista deontológico.

Em resumo: no último sábado teríamos publicado, sem citar a origem, o essencial de uma notícia de «O Jornal» saída na véspera, a propósito do almoço em que o Presidente da República iria reunir representantes das centrais sindicais e patronais. Isto, por um lado. Por outro, nessa notícia teríamos ainda inventado ou deduzido que fora a UGT a deixar fugir, «por motivos ainda não desvendados», tal in-

formação, que foi publicada «com grande destaque por um semanário».

A partir daqui o nosso prezado colega — que reconhece manter connosco as melhores relações — tece várias considerações sobre deontologia profissional e sigilo das fontes de informação, não sem que antes tenha referido que para redigir a nossa notícia de sábado havíamos contactado o porta-voz da Presidência da República «como se «O Jornal» não tivesse feito esse mesmo contacto»...

É altura, pois, de pôr os «pontos nos is»:

1 — A notícia em causa foi trabalhada na redacção do «DL» e não teve por base as informações publicadas em «O Jornal». Pelo facto daquele semanário

sair nas sextas-feiras de manhã não pode ter a pretensão de que o que no «DL» sai à tarde, ou no dia seguinte, tenha origem na Avenida da Liberdade.

2 — Não será por «O Jornal» contactar o porta-voz de Belém que o «DL» o deixará de fazer sempre que entenda necessário. E quem diz aquele porta-voz diz qualquer outra fonte, como é óbvio.

3 — Não temos o hábito de ocultar a origem das nossas notícias, mesmo quando eventualmente elas partem das páginas de «O Jornal». Gostaríamos que aquele semanário, e outros colegas, fizessem o mesmo em relação ao «DL».

4 — Quanto à UGT e à fuga da notícia para aquele semanário: repetimos que a Presidência não

diligenciou obter publicidade em torno do referido almoço e insistimos que dele, publicamente, se soube por «fuga» de informação proveniente da UGT, aproveitada (e bem) por um semanário, neste caso «O Jornal». Citação que delicadamente nós omitimos e que agora se arroga do facto.

5 — Quanto ao sigilo das fontes: estamos de acordo com o «O Jornal», há um direito-dever de sigilo sobre as fontes. E por isso, mesmo não revelamos aquela que, de uma forma inofensiva, nos permite garantir o que no sábado afirmámos. Acontece no entanto que, pelo menos para nós, continuam por desvendar os motivos que terão levado à fuga de informação. Que nunca é inocente, como muito bem sabem os nossos prezados camaradas de «O Jornal».

Angola na "bagagem"?

Melo Antunes em Cabo Verde para contactos oficiais

Portugal segue com interesse a evolução de Cabo Verde, «um pequeno país que desempenha um papel importante na política geral, nomeadamente em África» — declarou na Cidade da Praia, o conselheiro do presidente Eanes, Melo Antunes.

O membro do Conselho de Estado disse à chegada, ontem, à capital caboverdiana que a sua visita de quatro dias, verifica-se a convite do Governo da Praia.

Melo Antunes foi recebido à tarde pelo primeiro-ministro caboverdiano Pedro Pires, depois de um encontro com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Silvino da Luz.

O conselheiro de Estado considerou a sua viagem a Cabo Verde como inscrita «no quadro dos contactos que se têm vindo a estreitar entre Portugal e Cabo Verde» e adiantou que «não há dossiers concretos a tratar» com as autoridades caboverdianas.

«Portugal segue com interesse o papel que Cabo Verde desempenha — um país pequeno com uma diplomacia muito activa e com uma compreensão muito perfeita e muito clara dos problemas» — salientou.

Do programa da estada de Melo Antunes, na capital caboverdiana, consta, além de visitas

à cidade e arredores, um encontro com o secretário nacional do PAICV, Olívio Pires.

O presidente da República de Cabo Verde, Aristides Pereira, receberá, amanhã à tarde, o conselheiro Melo Antunes, que regressa segunda-feira de manhã a Lisboa.

Círculos diplomáticos de Lisboa, admitiram para o «DL» a possibilidade de esta visita de Melo Antunes a Cabo Verde estar relacionada com os contactos — ocorridos na Cidade da Praia — entre responsáveis engolanos e sul-africanos, sob os auspícios de Aristides Pereira.

Conferência de Lisboa sobre a África Austral "está aberta a todos"

● respondem ao PS os seus promotores

Em resposta ao comunicado da direcção do PS, que há dias se demarcou da Conferência Internacional de Solidariedade com a África Austral (Lisboa — 25 a 27 de Março), a comissão nacional portuguesa preparatória daquela iniciativa, declarou ontem nunca ter recebido qualquer carta ou proposta do Partido Socialista.

Os convites enviados ao Partido Socialista, como a todos os partidos com assento na Assembleia da República, para assistir às duas reuniões internacionais

preparatórias realizadas em Lisboa, ficaram sem resposta — diz-se num comunicado assinado por Silas Cerqueira, João Cravinho, Aquilino Ribeiro Machado e José Manuel Galvão Teles.

A adesão à conferência de Lisboa está aberta a todos, sem discriminação de partidos ou ideologias, e não exclui ninguém que partilha o objectivo de solidariedade com os povos da África Austral — acrescenta o executivo da comissão, o qual recorda que a mesma tem mais de 300 mem-

brs individuais e colectivos, desde deputados e juristas a médicos, sacerdotes, autarcas e associações cívicas, religiosas e sindicais.

Por outro lado — conclui o comunicado — a Comissão Internacional Preparatória da Conferência de Lisboa inclui o MPLA, a Frelimo, o governo da Nigéria, o Conselho das Nações Unidas para a Namíbia, o Conselho Mundial das Igrejas e o Conselho Pan-africano das Igrejas.

Expressamente confidencial

● Uma comissão de sociais-democratas residentes na Quinta de Marinha (Cascais), segundo informações recolhidas junto de um porta-voz do Eixo Cascais-Lisboa, prepara uma moção de confiança e de recondução do presidente do PSD. Nessa moção de apoio a Francisco Pinto Balsemão não serão invocados os direitos do «fundador» do partido.

● Não se confirma que o professor Freitas do Amaral prepare, para próxima publicação, as suas «Memórias» e que nelas um capítulo seja dedicado às negociações militares com os Estados Unidos.

● Quando se soube na Rua Buenos Aires, por declaração do próprio, que o dr. Francisco Balsemão tinha só 45 anos, alguns «notáveis» ficaram desanimados. O dr. António Capucho — ao contrário do que constou — não mandou proceder a qualquer consulta às bases sobre os limites de idade, respectivamente, para candidaturas à presidência do partido, à chefia do Governo e à Presidência da República.

● O dr. Mário Soares não terá sido ouvido, segundo uma fonte próxima do seu gabinete, sobre a oportunidade do almoço que o Presidente da República decidiu oferecer aos «parceiros sociais».

● Procura-se um ministro da Defesa Nacional a tempo pleno. Como o Parlamento está encerrado já terá sido sugerido para ocupar o cargo o nome do desempregado ministro dos Assuntos Parlamentares, dr. Marcelo Rebelo de Sousa.

● O Congresso do PSD que como se sabe se vai realizar numa zona turística do Algarve, decorrerá entre Montechoro e «Marani». Diz-se que o dr. José Vitorino já tomou medidas para evitar que os congressistas troquem as salas do hotel de Montechoro pelas visitas à vila de «Marani».

● O Partido Socialista vai constituir uma comissão para verificar os pedidos de adesão ultimamente apresentados. Mas não é claro que a comissão esteja incumbida de evitar, pelo fluxo das adesões, a social-democratização do partido.

● Não tem confirmação a notícia, que circulou nos meios sociais-democratas do Porto e de Coimbra, relativa a um pedido de passagem à reserva do general Soares Carneiro. A razão referida para o pedido de passagem à reserva seria a intenção de se poupar para o cargo de presidente unificador do PSD.

58 militantes de nome já subscreveram uma proposta

Luís Barbosa

forte candidato à presidência do CDS.

Cinquenta e oito militantes do CDS tinham já subscrito, até ao fim da noite de ontem, um documento que apresenta a candidatura de Luís Barbosa à presidência do partido.

Entre os apoiantes contam-se dois membros da actual comissão de gestão do CDS, Morais Leitão e Anacoreta Correia.

Na lista de subscretores figuram importantes dirigentes democratas-cristãos, como Sá Machado, Oliveira Dias, Ruy de Oliveira, Teresa Costa Macedo, Rui Pena, Luís Azevedo Coutinho, Mário Gaioso, Ribeiro e Castro, Nuno Abecasis, Roberto Carneiro, Américo Sá, Emídio Pinheiro, Cavaleiro Brandão, Luís Beirão, Maria José Sampaio, João Porto, Carlos Pardo, Pereira Cortes, Soares Cruz, Paulo Marques. Os signatários do documento con-

sideram, face à situação resultante da demissão de Freitas do Amaral, «ser imperativo concorrer para soluções que preservem a unidade do partido, assegurem a continuação do seu alargamento e crescimento e traduzam a permanente fidelidade à declaração dos princípios do CDS e aos valores e ideais personalistas e democratas-cristãos que o caracterizam».

No documento diz-se que o CDS terá sempre para com Freitas do Amaral e Adelino Amaro da Costa «um permanente testemunho de homenagem, de vitalidade, de sentido da responsabilidade e de alegria à figura moral e política dos dois principais fundadores do CDS».

Os signatários dizem ser animados do propósito de «contribuir para uma solução directiva que, sendo de uni-

dade, não tenha a tentação unânime e que, sendo de consenso, seja activa e não de impasse» e manifestam «a certeza» de que Luís Barbosa «saberá traduzir e realizar» o «propósito fundamental que no CDS, no projecto da AD e no serviço no nosso país colectivamente nos anima».

Tronco comum

A Comissão de Gestão do CDS aprovou ontem a definição de um «tronco comum» da estratégia do partido a apresentar na próxima semana ao V Congresso — refere um comunicado dos centristas.

Lido à ANOP por Miguel Anacoreta Correia, porta-voz da Comissão, o texto, após aludir à definição do referido

«tronco comum» da estratégia, adianta que «a mesma não exclui nem moções correspondente a quaisquer candidaturas ou outras de carácter geral, nem moções sectoriais mais específicas».

A Comissão de Gestão aprovou também «um conjunto de princípios-guia para a revisão dos Estatutos, que comunicou à respectiva comissão» — indica o comunicado.

Entretanto, e de acordo com a ANOP que cita fontes partidárias, a Comissão de Gestão do CDS recomendou que a Comissão Directiva e a Comissão Política passem a ter presidentes diferentes.

A recomendação — referiu a mesma fonte — foi tomada por unanimidade durante a reunião ontem à tarde efectuada no Largo do Caldas.

Os cinco membros da Comissão —

Lucas Pires, Luís Barbosa, Anacoreta Correia, Adriano Moreira e Morais Leitão — endereçaram a recomendação à Comissão de Revisão dos Estatutos, que apresentará na próxima semana, ao V Congresso, uma proposta de alterações.

A recomendação — solicita à Comissão de Revisão Estatutária que atente na necessidade de se obter um funcionamento mais colegial para os órgãos directivos do partido.

Se as sugestões forem aprovadas, o CDS abandonará ao regresso da figura do secretário-geral, cujas funções tem competido desde o quarto congresso ao presidente da Comissão Executiva.

A este propósito salientou que estas e outras alterações das alterações propostas tem como principal objectivo obter a máxima colegialidade na direcção democrata-cristã.

Comissão Nacional da UNESCO presidida por Sá Machado

Com a cooptação de 10 personalidades portuguesas ligadas à Ciência, Educação, Cultura e Comunicação Social, realizada ontem na segunda reunião ordinária do corrente ano, ficou ultimada a composição do Conselho Geral da Comissão Nacional da UNESCO.

PRESIDIDO pelo dr. Sá Machado, o Conselho Geral integrado, além das dez personalidades agora escolhidas (Manuel Ferreira, presidente da Associação Portuguesa de Escritores; José Augusto França, Vasco da Graça Moura, vice-almirante Barhaona Fernandes, arq.º Viana de Lima, prof. Fernandes Thomaz e Walter Oswald, António Barreto, Freitas Cruz e Mário Pinto), representantes dos Ministérios dos Negócios Estrangeiros, da Educação, da Cultura, da Qualidade de Vida e da Comunicação Social, dois membros designados pelas Universidades; quatro membros de Associações Nacionais ou Fundações de carácter cultural e científico e quatro membros designados pelos ramos nacionais das organizações não-governamentais com estatuto consultivo junto da UNESCO.

No último caso, estão representadas a Organização dos Trabalhadores Científicos (eng. Frederico Carvalho), Sociedade Portuguesa de Autores (Luís Francisco Rebelo), Juventude Musical Portuguesa (Luís Cativa Pires) e Sindicato dos Jornalistas (Eugénio Alves). Em representação das Universidades integram o mesmo Conselho os reitores das Universidades de Évora e Porto, respectivamente os profs. Ario de Azevedo e Oliveira Ramos.

Estão ainda representadas as Fundações Gulbenkian (José

Blanco), Casa de Mateus (Fernando Albuquerque), Fund. António de Almeida (Aguiar-Branco) e a Sociedade Nacional de Belas Artes (Fernando de Azevedo).

Os representantes dos Ministérios são Jorge Ritto (MNE), Teixeira de Matos e Dias Agudo (Educação), Teresa Gouveia (Natalia Correia Guedes e João Rebocho (Cultura e Coordenação Científica), Correia da Cunha, Alberto Vila Nova e José Manuel de Vasconcelos (Qualidade de Vida) e Sebastião Pinela (Comunicação Social). O representante parlamentar é Naraña Coissoró, presidente da Comissão de Educação, Ciência e Investigação.

Objectivos

Criado por decreto-lei de Julho de 1979, na sequência da 20.ª Conferência Geral da UNESCO (Paris, 1978) que aprovou a Carta das Comissões Nacionais, aquele órgão tem como objectivo básico apoiar e desenvolver em Portugal os programas e realizações da UNESCO.

Assim, e para além de assessorar, nas questões relativas à UNESCO, o Governo, os diversos Ministérios interessados, a missão permanente de Portugal junto da UNESCO e as delegações portuguesas às Conferências Gerais, intergovernamentais e regionais (ou às reuniões



Sá Machado, José-Augusto França, Luís Francisco Rebelo e Vasco Graça Moura, entre os membros da Comissão Nacional da Unesco

de carácter técnico às quais assistam portugueses), a Comissão Na-



cional da UNESCO poderá organizar e participar em reuniões de carácter nacional ou interna-

cional e manter o contacto permanente com os diversos ministérios e organizações educativas, culturais, científicas, juvenis e outras, públicas ou privadas, interessadas nas actividades da UNESCO.

A Comissão Nacional poderá, genericamente ainda, difundir nos meios educativos, culturais, científicos, juvenis e de Comunicação Social e, bem assim, entre o público em geral, a constituição, programa e actividades da UNESCO ou transmitir a esta ou aos seus Estações-membros as realidades e os projectos portugueses em matéria de educação, cultura, ciência e comunicação social e dar a conhecer os auxílios, bolsas e postos de trabalho e de peritos oferecidos pela UNESCO.

Outro dos objectivos da Comissão Nacional (cuja primeira reunião ocorreu em Outubro passado) passa pela criação de organizações privadas, não-governamentais, que se interessem pelas actividades da UNESCO e realizem acções que permitam um maior desenvolvimento educativo, cultural e social dos grupos ou das populações em que se inserem. Estão neste caso os «Clubes da UNESCO» ou «Clubes dos Amigos da UNESCO» e as «Escolas Associadas».

O Conselho Geral, cujo secretário executivo é o dr. Lopes Serrado, tem vindo a reunir na Sala de Concursos do Ministério dos Negócios Estrangeiros. As reuniões já efectuadas tiveram como pontos principais de agenda a aprovação do regimento e a cooptação dos restantes membros.

Há três dias com aorta de plástico

No Hospital de Santa Maria, de Lisboa, sobrevive há três dias um homem a quem foi implantada uma aorta de plástico — soube-se de fonte hospitalar.

Este tipo de operações tem vindo a ser realizado com êxito no centro norte-americano de Houston, onde trabalha o cirurgião Michael Deakey, pioneiro da cirurgia vascular.

Em Portugal tinham sido feitas anteriormente três tentativas de implantação de uma aorta artificial, mas os pacientes não resistiram à operação ou morreram passadas algumas horas.

Contactado o professor António Fernandes Coito, director do serviço onde foi realizada a operação no dia 8, aquele médico recusou-se a dar pormenores, alegando considerar prematuro anunciar o êxito da intervenção que — disse — será oportunamente comunicada à classe médica através de órgãos especializados.

Através de outras fontes hospitalares soube-se que o doente, um homem de 57 anos, está a reagir bem, tudo indicando que ultrapassará a fase pós-operatória.

A operação que demorou nove horas foi efectuada por uma equipa de jovens cirurgiões, chefiada por Dinis da Gama, um médico que fez estágio em Houston, na clínica do professor Deakey.

Na opinião de médicos que acompanharam de perto a intervenção, a substituição total da aorta e das artérias a ela ligadas coloca a cirurgia portuguesa ao nível da mais avançada cirurgia vascular que se pratica noutros países.

Cientistas portugueses contestam centrais nucleares

O urânio nacional esgotar-se-á antes das centrais nucleares terem cumprido o seu período de funcionamento, de apenas 20 anos — afirma um comunicado do núcleo de Coimbra do Grupo de Investigação e Divulgação Científica, agora divulgado.

O documento preconiza a utilização das fontes renováveis de energia — ondas, radiação solar, vento, biomassa — em vez do recurso às centrais nucleares.

«Os reactores nucleares, produzindo apenas energia eléctrica, só nos satisfariam 14 a 20 por cento das necessidades energéticas totais, não podendo a nossa sociedade dispensar a médio prazo o recurso às fontes de energia convencionais» — refere o núcleo de investigação.

Afirmam, noutro ponto, que a energia nuclear «favorece uma sociedade altamente centralizada, agravando o desequilíbrio regional».

Plano Energético Nacional já está em discussão

Entre o petróleo e o carvão a escolha do nuclear

«O carvão está vocacionado para retomar a posição que perdeu com o desenvolvimento do petróleo», afirmou ontem Bayão Horta ao apresentar ao país o Plano Energético Nacional. Mas é para a opção nuclear, consagrada no documento, que todas as atenções se viram a partir de agora.

NO seu discurso, Bayão Horta destacou os aspectos que, na sua óptica, considerou mais importantes no PEN, detendo-se na abordagem das linhas gerais da metodologia seguida e realçando as principais conclusões e recomendações, com referência à situação actual das acções mais importantes já em curso.

A decisão de divulgar o produto de mais de um ano de trabalho de cerca de centena e meia de técnicos, sob a orientação do secretário de Estado da Energia, foi explicada pela necessidade de serem tomadas, em prazos relativamente curtos, algumas opções essenciais, nomeadamente as que se relacionam com a adopção, ou não, da energia nuclear, em relação à qual, como ontem divulgámos, o ano de 1984 surge como fulcral.

A apresentação pública do Plano Energético Nacional insere-se no que Bayão Horta considerou ser uma «obrigação» do seu Ministério:

«Contribuir activamente para que a informação e discussão sobre esta matéria tenham a qualidade e a objectividade necessárias à sua análise séria e serena, necessidade que decorre aliás da importância vital que o problema energético tem no ritmo de desenvolvimento económico e social do País».

Acréscimo ainda do «trabalho divulgado resulta» da «necessidade de dispor de um instrumento orientador das decisões sobre energia, seguidamente na definição dos contor-

nos de tal instrumento, e finalmente na sua concepção e concretização».

O pomo da discórdia

Bayão Horta traçou seguidamente um breve panorama das principais recomendações e prioridades estabelecidas no Plano Energético Nacional, matéria a que ontem nos referimos com detalhe.

Ponto particularmente importante — e delicado — desta problemática, é a opção pela energia nuclear, que mereceu uma abordagem muito cuidada por parte de Bayão Horta. Nessa perspectiva, e tendo em conta que o PEN não rejeita (antes pelo contrário) a «penetração da energia nuclear no nosso país», aquele membro do Governo sustentaria que as recomendações que directamente se prendem com aquela opção «devem ser objecto de um debate sério, profundo e participado que conduza a um consenso suficientemente alargado, sem ideias pré-concebidas e emocionalmente exclusivistas».

Temática delicada e fonte de polémica e divergência, a opção nuclear já fez «estrágias», no seio da coligação governamental, com os dirigentes do PPM a manifestarem publicamente a sua discordância face à consagração desta alternativa no PEN.

Bayão Horta assumiu claramente as diferenças de opinião existentes no Governo a este respeito, tendo considerado que

«as posições do arquitecto Ribeiro Telles são perfeitamente legítimas».

No entanto, acrescentou, a aprovação em Conselho de Ministros do PEN «teria sido uma medida errada», pois «é bastante importante que o Governo divulgue o seu trabalho, de modo a toda a gente saber o que está em causa».

O tempo que urge

Seja por essa razão ou não, o certo é que a ausência dessa aprovação não retira importância ao documento em causa, como o deputado Luís Coimbra terá sugerido.

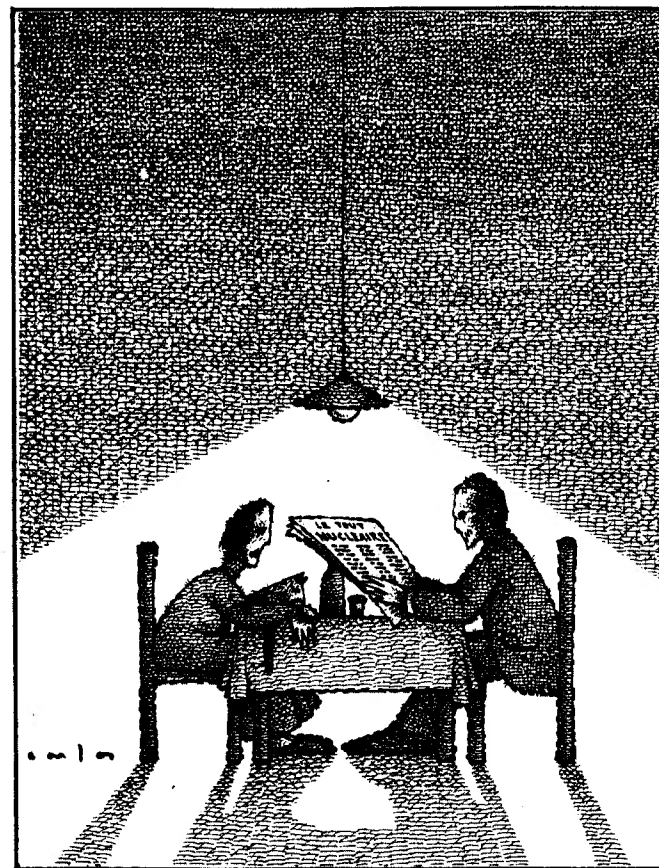
O debate está aberto e o convite à participação pública na discussão do PEN foram expressamente afirmados por Bayão Horta.

Considerando que «a divulgação do Plano oferece a base de informação global, correcta e objectiva, indispensável para permitir o debate em tais condições, e enquadrar temporalmente o momento da decisão», Bayão Horta salientou que «é preciso que saibamos aproveitar o tempo disponível para a discussão serena e construtiva, e não para diálogos estériles à volta de posições empiricamente irreduzíveis».

Plano de longo prazo, apon-tando para um «período de 30 anos como horizonte temporal adequado para a definição de orientações e o de 10 anos para

o plano operacional de actuação concreta», sugere uma «atemporalidade» para lá de todas as condicionantes de ordem política.

Carlos Pessoa



Por detrás do carvão e do gás natural é a opção nuclear que o PEN quer vender

Seis bispos portugueses recebidos pelo Papa

O Papa João Paulo II recebeu ontem, em visita «ad limina», os seis bispos portugueses das províncias eclesiais de Évora e Lisboa.

Num discurso em português, o Sumo Pontífice disse aqueles prelados que «à luz desta apresentação da fé, facilmente se descobrem três linhas para nortear uma pastoral que se debruça sobre a situação social daqueles que se deseja levar a encontrar Cristo, redentor do homem: verdade, presença activa e participação e misericórdia».

Noutra passagem do discurso que proferiu na presença dos seis bispos portugueses que o visitaram ontem no Vaticano, o Papa João Paulo II sublinhou que «quando numa sociedade se dá fé de mal-estar, surgem espontâneas interrogações radicais sobre a sua reorganização, de molde a se poderem encontrar e pôr em prática medidas que eliminem esse mal-estar, tantas vezes gerado por carências básicas na alimentação, na saúde, na educação, na habitação e no emprego».

de ontem para hoje

Dois operários vitimados numa explosão em Guimarães

A explosão da bomba de um compressor vitimou ontem dois operários em Mesão Frio, no distrito de Guimarães. As duas vítimas, Jaime Martins Baptista, de 39 anos, casado, e Flávio Castro Miranda, de 14, abasteciam na altura o compressor de combustível. Prédios vizinhos e viaturas estacionadas próximo do local da deflagração, cujas causas ainda não estão determinadas, sofreram prejuízos avultados.

Desviado autocarro da Rodoviária

Horas depois de ter sido desviado, na madrugada de ontem, de Montemor (Caneças) um autocarro da Rodoviária Nacional, com 99 lugares, apareceu estacionado no Largo Martim Moniz, frente ao Teatro Adóque. As autoridades policiais procuram agora identificar o autor (ou autores) da passeata.

Exploração de salas de jogo

Um despacho conjunto dos secretários de Estado do Turismo, do Orçamento e da Reforma Administrativa, ontem publicado na folha oficial, criou um grupo de trabalho encarregado de proceder à apreciação de estudos, anteprojectos e projectos de obras, a que se obrigarem os concessionários de explora-

ção de jogos, e de outras matérias de ordem técnica». O referido grupo será integrado por representantes do Conselho de Inspeção de Jogos, da Direcção-Geral do Turismo, da Direcção-Geral do Planeamento Urbanístico, da Direcção-Geral dos Espectáculos e da Direcção-Geral dos Portos.

Desaparecida de Santa Maria

Continua por localizar uma jovem de dezassete anos, Fátima de Jesus Ramalho Costa, que na passada terça-feira fugiu do Hospital de Santa Maria onde iria ser submetida a uma consulta médica. Fátima, que sofre de perturbações nervosas, reside com a família na Rua de Goa 19 r/c, esquerdo, em Linda-a-Velha. Para qualquer informação deverá ser utilizado o telefone 2391119.

Campanha «Álcool e Condução»



No âmbito da campanha «Álcool e Condução» a Prevenção Rodoviária Portuguesa acaba de divulgar um novo cartaz, no qual afirma designadamente que «agindo no cérebro o álcool reduz a capacidade de reagir, de-

forma a percepção e limita o campo visual, provocando erros de avaliação». Ora qualquer destas limitações poderá ser fatal para o condutor e para os seus eventuais acompanhantes.

Músico angolana com liamba

Carlos Ribeiro, um jovem de 19 anos que se identificou no Governo Civil como músico, natural de Angola, foi detido na Calçada do Carmo sob a acusação de ter em seu poder cinco grammas de liamba. Carlos disse ter comprado a droga por cem escudos a «um indivíduo de raça cigana».

Portugueses julgados em Joanesburgo

Dois portugueses, Carlos Pires e António Dias, de 38 e 29 anos respectivamente, estão a ser julgados em Joanesburgo, acusados pelas autoridades sul-africanas de serem proprietários de uma «casa de massagens», onde as empregadas mantinham relações sexuais com os clientes, a troco de dinheiro. Uma testemunha de acusação disse em Tribunal que pagara à entrada 25 «rands» (cerca de dois contos), tendo depois a jovem que o atendera pedido mais 50 «rands» para o «serviço externo». Outra testemunha revelou que as empregadas, além de se prostituírem no próprio estabelecimento, estavam disponíveis para se deslocarem a casa dos clientes ou a hotéis.

Comandante da GNR em Coimbra

O comandante-geral da Guarda Nacional Republicana general Tomé Pinto, visitou ontem em Coimbra as instalações do Batalhão Número Cinco, tendo ainda inspecionado todo o dispositivo rural da GNR nos distritos de Castelo Branco e Guarda. Tomé Pinto voltará em breve à Região Centro para visitar os postos da GNR dos distritos de Aveiro e Viseu, também integrados na área da jurisdição do referido batalhão.



A Voz do Operário tem a seu cargo seis escolas que reúnem cerca de 1100 crianças

Voz do Operário faz cem anos

Fundada há 100 anos pelos manipuladores de tabacos, A Voz do Operário aparece como uma sociedade virada essencialmente para a alfabetização. As suas actividades não pretendiam, no entanto, esgotar-se naquele campo e, nos seus estatutos, vinham estipulados diversos outros ramos de actividade inclusive a oferta aos associados de um funeral (disposição que ainda hoje se mantém): os tabaqueiros ultrapassavam assim, na sua sociedade, o facto de muitas vezes lhes ser recusado um «funeral digno». Também nos estatutos se estipulava a oferta do enxoval de nascimento...

Hoje, A Voz do Operário é fundamentalmente conhecida como escola, campo que preenche 90 por cento das actividades da Sociedade e, por outros, pelo salão de festas onde se têm realizado inúmeras iniciativas culturais. Com cerca de 13 mil associados, A Voz do Operário completa amanhã 100 anos de vida e, se hoje, aqueles não são já obrigatoriamente tabaqueiros ou operários de outras categorias, as suas actividades continuam, no entanto, a estarem intimamente ligadas aos objectivos que estiveram na base da sua fundação.

Estamos no ano de 1883: os manipuladores de tabacos que, quatro anos antes se tinham constituído em Associação para a publicação do jornal «A Voz do Operário», fundam, a 13 de Fevereiro, a Sociedade Cooperativa A Voz do Operário, cuja primeira sede se situa no Beco dos Froes, ao Menino de Deus. Na base da constituição da sociedade está a constatação do facto de um jornal, quando dirigido a uma classe onde os analfabetos predominam, ser insuficiente como «veículo de denúncia da exploração a que estavam sujeitos os tabaqueiros». É necessário, primeiro, alfabetizar, criar um centro de encontro e confraternização... Surge assim a Sociedade Cooperativa A Voz do Operário, que, em 1891, inaugura a sua primeira escola. Três anos depois, em 1894, eram já três as escolas da Voz.

Dos seus estatutos, até 1974 (época da primeira revisão), a divisão dos sócios em duas categorias: efectivos (os tabaqueiros) e os auxiliares (outras categorias profissionais). Entre os últimos contam-se essencialmente, os ferroviários, arsenalistas e gráficos, profissões que têm uma elevada concentração no local da actual sociedade, na Graça, cuja primeira pedra é lançada em 1912. Doze anos depois, em 1924, o novo edifício é inaugurado por Manuel de Arriaga, contando A Voz do Operário, na época, 74 mil associados. Número que, a partir de 1937, começa a decrescer devido às diversas perseguições movidas pelo regime fascista contra organizações do tipo.

Hoje, A Voz do Operário tem a seu cargo seis escolas onde é ministrado o ensino primário, infantil e pré-primário e que agrupam cerca de 1100 crianças, as quais são, de um modo geral, filhas de associados da Voz do Operário ou então são elas próprias sócias (a quota mínima mensal é de 7 escudos e 50 cen-

tavos).

Pagando uma mensalidade que varia entre os 2700 e os 2900 escudos, conforme o grau de ensino, e excluído o almoço e transporte que custam, respectivamente 1900 e 900 escudos, os alunos das escolas da Voz do Operário são, desde o ano passado, subsidiados directamente pelo Ministério da Educação. Até aí o subsídio era atribuído à instituição.

Para além das escolas, a Voz do Operário tem actualmente em funcionamento quatro cursos nocturnos de línguas (inglês, francês, alemão e russo) que são frequentados por cerca de 140 pessoas, aulas de ginástica de manutenção, um gabinete policlínico de funcionamento permanente aberto à população da zona, que tem também acesso aos balneários públicos da Voz: em 1982 foram de 14 mil o número de banhos.

Mas os amantes de bibliotecas têm também, naquela sociedade, uma relíquia: cerca de 50 mil volumes, na sua maioria cedidos pela Universidade Popular Portuguesa, criada por Bento de Jesus Caraça, e pela Sociedade de Estudos Pedagógicos. A biblioteca, que está agora a ser reorganizada, abrirá provavelmente ao público no princípio do mês de Março. O livro é também o centro de uma feira que a Voz do Operário realiza anualmente e que tem como objectivo «proporcionar aos alunos das escolas uma ideia mais vasta do que a leitura pode abarcar», sendo para ela convidados os autores e ilustradores dos livros.

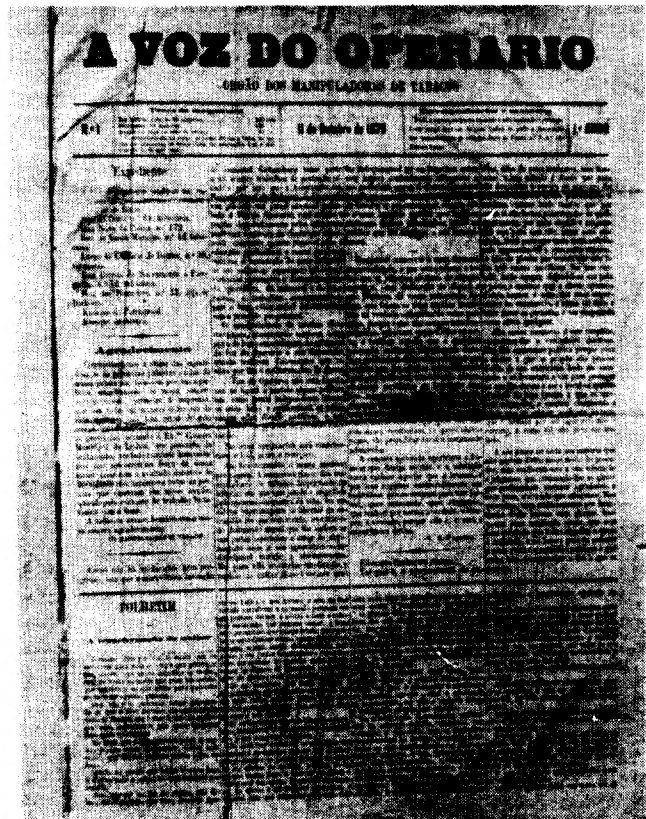
100 anos vão ser comemorados

Uma sessão solene, no próximo dia 26, abrirá o programa de comemorações do primeiro centenário da Voz do Operário, programa que se irá estender por todo o ano e que inclui uma sessão dedicada à mulher, a realizar em Março, uma palestra sobre o movimento sindical, em Maio, uma exibição das marchas populares de Lisboa e a comemoração do Dia Internacional da Criança, em Junho, um ciclo de cinema português, em Outubro, um ciclo de teatro independente, em Novembro e a já habitual feira do livro e do disco infantil, em Dezembro.

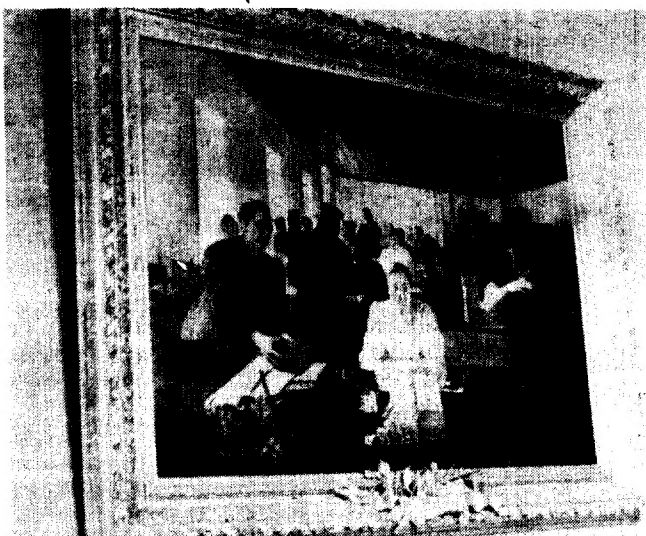
Para a sessão solene de 26 de Fevereiro está a ser constituída uma comissão de honra que integra, para além de outras personalidades, o major Vasco Lourenço, Maria de Lurdes Pintasilgo, Vasco da Gama Fernan-

des, Henrique de Barros, José Magalhães Godinho, Maria Lamas, José Gomes Ferreira, Lopes Graça, Fernando Miteira Santos, Os Sindicatos dos Manipuladores de Tabacos, dos Grá-

ficos e dos Professores integram também a comissão de honra, que conta ainda com a presença dos dois centros republicanos, Sotto Machado e Almirante Reis. C. V.



«Soubesse eu escrever que não estava com demoras; já há muito que tínhamos um jornal» desabafava o tabaqueiro Custódio Gomes... e apareceu o jornal: «A Voz do Operário», cujo primeiro número data de 11 de Outubro de 1879



Foram os tabaqueiros que fundaram a Voz do Operário. Foi também um deles que ofereceu à sua sociedade um quadro que representa a laboração numa fábrica de tabacos

Neve continua a cair nas terras altas

Bragança e Guarda "isoladas" do resto do País

Bloqueado o acesso a Vilar Formoso e "cortadas" várias estradas da Estrela

A serra da Estrela era esta manhã inacessível por estrada a partir de Gouveia, Seia, Manteigas e Covilhã — apurou o «DL» junto de uma fonte do Observatório. Era também difícil chegar ou sair da Guarda. Milhares de excursionistas ficaram retidos naquelas três vilas e na cidade covilhanense devido aos fortes nevões que assolaram toda a serra. Isolada também do resto do País estava a cidade de Bragança — sem correio nem jornais.

Apesar de haver sinalização indicando a intransitabilidade na serra da Estrela, houve automobilistas que arriscaram entrar na serra por estrada, tomando as necessárias precauções. Até ao fim da manhã não havia conhecimento de acidentes, enquanto sete limpa-neves tentavam desobstruir as vias de acesso à parte mais alta da serra, lançando sal sobre a neve para esta derreter mais depressa. No entanto, o mesmo informador do Observatório da Estrela afirmou ao nosso jornal que era impossível chegar à Torre a partir de Piornas ou de Sabugueiro — a freguesia mais alta de Portugal.

Este fim-de-semana assinalará dois dias de súbita inactividade das casas comerciais que nos surgem na bermã da estrada, sobretudo entre Seia e o

Alto da Torre. Muitas agências de viagens não puderam levar hoje, nem levarão amanhã, pessoas que se inscreveram para uma visita à serra, até à Torre. As improvisadas casas de madeira que no Alto da Torre vendem desde presunto de Belmonte e queijo da serra, a artesanato da região, também não abriram: foi impossível os donos chegarem lá esta manhã.

«Faz um frio de rachar, aqui», disse ao «DL» o mesmo informador do Observatório, sublinhando que às nove horas o termómetro indicava sete graus negativos e que a temperatura ao nível do solo, também negativa, rondava os onze graus.

Estradas «cortadas» na região da Guarda

As autoridades da região tomaram precauções no sentido de desbloquear quer as vias de acesso à serra da Estrela quer as ligações entre a Guarda e a fronteira de Vilar Formoso, por um lado, e da cidade egitanense com Coimbra.

Adriano Rodrigues, que ontem encabeçou a movimentação tendente a garantir a circulação automóvel entre a Guarda e aqueles dois pontos, tomou entretanto precauções para que os

trabalhos de limpeza das principais vias continuassem, por forma a restabelecer as comunicações rodoviárias na região. Com o governador civil da Guarda (Adriano Rodrigues) actuou o delegado do Serviço de Protecção Civil, Falcão Lucas, dirigindo este, ontem e esta manhã, o desbloqueamento da estrada que liga a Guarda a Coimbra, onde vários automóveis ficaram imobilizados devido ao nevão que caiu ontem.

Estranhava-se esta manhã na Estrela que a Junta Autónoma das Estradas não tivesse providenciado no sentido de colaborar com aquelas duas entidades no desbloqueamento das estradas que ligam a região a Coimbra e a Vilar Formoso. É a JAE que cabe, em condições normais, proceder à remoção de neve nas estradas, o que normalmente faz lançando saibro nas vias. Só na Estrela é que os limpa-neves recorrem ao sal, que é de efeito mais rápido sobre a neve, levando-a a derreter com mais rapidez.

Espera-se que amanhã seja já possível transitar, embora com cuidado, em direcção a alguns pontos da serra da Estrela e que, ainda hoje, as estradas que ligam a Guarda e Covilhã a Vilar Formoso, por um lado, e a

Coimbra, por outro, sejam acessíveis, com especiais cautelas.

Neve cai nas terras altas

Bragança e Estremoz continuavam, por seu turno, envoltas em neve que tarda em desfazer-se, mas com temperaturas diferentes. Enquanto a capital nordestina registava onze graus negativos às 9 horas da manhã, fazia sol naquela cidade alentejana — segundo os correspondentes do «DL».

«Não há memória de um espectáculo destes», afirmou o nosso colaborador de Estremoz, referindo que as pessoas, face ao manto de neve que teima em manter-se, quase não saem de casa. «Os bombeiros não têm mãos a medir no apoio à população», acrescentou.

Sucede o mesmo em Bragança, onde nada nem ninguém chegou. Ontem não houve correio nem jornais e, ainda segundo o nosso correspondente, devido às dificuldades de acesso, por estrada, à cidade, receava-se o mesmo. A produção agrícola deverá ressentir-se bastante do nevão que desde ontem cobre Bragança, uma vez que o gado se mantém encurralado e começa já a haver sinais de falta de pasto e rações.

Envolta, igualmente, ainda em

neve que ontem foi entretenimento para as crianças, continuava, hoje, Coimbra, embora as ruas se apresentassem transitáveis. Aqui, como em Aveiro, Braga, Porto, Vila Real, Castelo Branco e o Alto Alentejo (só não caiu neve no Baixo Alentejo e no Algarve) designadamente Marvão, Nisa, Sousel, Castelo de Vide, Portalegre e Alpalhão, foi carnaval antecipado para milhares de crianças — que sempre ouviram falar de neve mas nunca a tinham visto, salvo pela televisão.

Caiu mais, de madrugada e pela manhã, nas terras altas do interior, soube o «DL» junto do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica. A neve, aliás, parece ter-se instalado em alguns pontos do País para continuar por alguns dias, desde a Estrela a Bragança, e do Marão a Gardunha. A estrada de acesso a esta última encontrava-se, ainda esta manhã inacessível devido ao nevão de ontem, reforçado pelo que esta madrugada a recobriu. Num dos vários acidentes registados entre a Covilhã e Castelo Branco, por via desse nevão, registou-se um ferido grave.

Mais a Norte, mas já na região da Estrela, há, segundo a Brigada de Trânsito da GNR (que está a acompanhar todos os movimentos e a divulgar as es-

tradas interrompidas devido à neve), ligações «cortadas», para além das já referidas. É os casos de Celorico da Beira-Trancoso, Manteigas-Gouveia e Nave de Santo António-Covilhã. Mas na estrada internacional que liga a Beira a Vilar Formoso vários veículos pesados bloqueavam, ainda esta manhã, o trânsito.

Não caiu neve à volta de Lisboa

Não se poderá em boa verdade dizer que caiu ontem neve na periferia de Lisboa, que hoje acordou retemperada por um sol acariciador. Os flocos que «inundaram» Cascais, por exemplo, não deverão ser confundidos com neve, nem mesmo os mantos do Gincho e Sintra.

Tratou-se de um fenómeno que se verifica, por vezes no litoral a Sul do Cabo Carvoeiro, depois da queda de aguaceiros. É diferente dos densos flocos, espessos e continuados, que caem no interior do País, sobretudo nas terras altas (acima dos mil metros).

Espectáculos sensacionais de neve foram, sobretudo, os casos do Porto (onde tal se não via há mais de vinte anos), Aveiro, Viana do Castelo, Estremoz (amostra nunca vista nos últimos trinta anos, segundo o nosso correspondente), Portalegre e mesmo Évora, bem no Alto Alentejo.



SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

Praça Marquês de Pombal, 6.º — 3.º
Telef. 41751 — 1200 LISBOA

CONVOCATÓRIA

No cumprimento do art.º 77.º dos Estatutos do Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul é convocada para dia 29 de Março de 1983 a Assembleia Eleitoral para eleição dos novos Corpos Gerentes.

As mesas de voto funcionarão, das 9 às 24 horas, na sede do Sindicato e das 9 às 21 horas nos distritos e locais abaixo indicados. Para além destes, outros poderão vir a constituir-se e que serão oportunamente anunciados.

DISTRITO	LOCAL E MESA DE VOTO
PONTA DELGADA	R. da Misericórdia, 34
HORTA	R. Conselheiro Medeiros, 27 r/c
ANGRA DO HEROISMO	R. Conselheiro Jacinto Cândido, 48
BEJA	Hospital Distrital de Beja
ÉVORA	Hospital Distrital de Évora — Sala reuniões
FARO	Hospital Distrital de Faro
LISBOA (SEDE)	Praça Marquês de Pombal, 6-3.º Dt.º
PORTALEGRE	Sala de Conf. Hospital Distrital de Portalegre
SANTARÉM	União de Sind. Santarém — R. José Cardoso Silva, 8
SETÚBAL	Praça do Quebedo, 4 — Setúbal

Os sócios que residam nos concelhos de Almada, Seixal e Barreiro, embora pertencendo ao Distrito de Setúbal, deverão votar em Lisboa (SEDE).

Os cadernos eleitorais serão afixados na Sede e Delegações, a partir de 28 de Fevereiro de 1983.

Chama-se ainda a atenção para o Art.º 87.º — VOTO POR CORRESPONDÊNCIA:

- 1 — O voto é secreto.
- 2 — Não é permitido voto por procuração.
- 3 — É permitido o voto por correspondência, desde que:
 - a) A lista seja dobrada em quatro e contida em sobrescrito fechado;
 - b) Do referido sobrescrito conste o número e a assinatura reconhecida pelo notário, ou abonada por autoridade administrativa;
 - c) Este sobrescrito seja introduzido noutra e endereçado ao Presidente da respectiva Mesa de Voto, pelo correio e registado.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Vitorino Batista de Carvalho



CÂMARA MUNICIPAL DE CORUCHE

MOÇÃO

A Câmara Municipal de Coruche, Mesa da Assembleia Municipal de Coruche e Presidentes das Juntas de Freguesia de Coruche, Couço e Lamarosa, na sua reunião conjunta de 27-/01/83 e em face da actual situação política decidiram por unanimidade:

Saudar Sua Excelência o Senhor Presidente da República pela sua decisão de dissolver a Assembleia da República e marcar Eleições Gerais antecipadas.

Manifestar a sua preocupação pela manutenção de um Governo que nada resolve e tudo agrava e que continua a utilizar a demagogia e a manipulação política nos Órgãos de Comunicação Social nomeadamente na rádio e na televisão.

Defender a necessidade da destituição do actual Governo e da sua substituição por um Governo de gestão isento que garanta nomeadamente a democraticidade das próximas eleições.

Coruche, 2 de Fevereiro de 1983

O Presidente da Câmara
(Carlos Alberto Gomes)

pessoas & factos



Renault fabricou desde 1945 mais de 30 milhões de veículos

No final do ano passado, a Renault tinha excedido em 390 mil unidades a fronteira dos 30 milhões de veículos produzidos desde 1945, incluindo os veículos industriais das marcas Savem, Berliet (desde 1975) e Renault Veículos Industriais.

Os Renault 4 e Renault 5, ambos detentores de uma carreira brilhante no domínio dos carros económicos de pequena cilindrada, correspondem a 11 milhões e meio de exemplares saídos das linhas de montagem.

O Renault 4, que em 1982 representava 3,4 por cento do mercado total de marcas em França, e sétimo lugar nas matrículas, teve uma produção superior a 6,8 milhões de exemplares.

O Renault 5, bateu, em 1982, o record absoluto de encomendas em França e ultrapassará no final deste ano os cinco milhões de exemplares.

Na Alemanha Federal, um mercado altamente competitivo, o Renault 9 atingiu em 1982 o primeiro lugar dos modelos estrangeiros com 28 700 unidades vendidas e atingindo uma penetração de 1,3 por cento do mercado total de marcas.

No conjunto das importações, ao Renault 9 segue-se o Fiat Ritmo (cerca de 26 700 unidades), o Mazda 323 (24 800) e o Fiat Panda (23 300). O mercado total de marcas alemãs sofreu no entanto uma baixa de 7,5 por cento em 1982.

Produção conjunta

Renault-VW

de uma caixa de velocidades

A Renault e a Volkswagen concluíram um acordo industrial para a produção conjunta de uma caixa de velocidades automática. Este acordo vem na sequência de uma carta assinada em 2 de Dezembro de 1980 pelos dois construtores europeus, que consideraram necessário criar uma transmissão automática que economizasse energia e encontrasse o melhor sistema de

produção que aumentando as séries reduzisse os custos.

Esta caixa de velocidades terá quatro velocidades. A terceira e a quarta funcionam sem deslizamento do conversor, não se verificando perda de energia, enquanto a quarta será muito desmultiplicada.

O fabrico em série terá início em 1985, quando estiverem implantados os novos meios industriais necessários.

Estoril-Sol vai gerir

Hotel Polana no Maputo

A empresa portuguesa Estoril-Sol vai, a partir de 1 de Março, e por um período de três anos, assegurar a gestão do principal hotel de Maputo, o Polana, segundo prevê um contrato ontem assinado na capital moçambicana. Intervencionado desde 1976 pelo Estado, o Polana passará agora a ser dirigido por José Francisco Patrício, deslocado do Hotel de Lagos, no Algarve, tendo a Estoril-Sol, nos termos do contrato, uma participação nos lucros e receitas do hotel.

O contrato, que foi assinado pelo director da empresa moçambicana de turismo, George Walsh, e por um membro da administração da Estoril-Sol, Salgado da Silva, prevê também que o hotel passe a operar predominantemente em divisas, tendo em vista a possibilidade de acesso directo aos mercados externos para abastecimentos não-disponíveis localmente.

A Estoril-Sol comprometeu-se igualmente a dar à sua gestão a dupla finalidade da formação de quadros moçambicanos, através de uma experiência-piloto que se destina a beneficiar outras unidades. A empresa portuguesa tinha já assinado um outro contrato para a gestão do novo hotel de Maputo, que deve entrar em funcionamento em 1986 e em cuja construção estão envolvidos outros interesses portugueses.

SAS teve um lucro de 448 milhões de coroas

A SAS, conjuntamente com as companhias suas subsidiárias, teve no ano passado um lucro de 448 milhões de coroas suecas, antes de deduzidos os impostos. Estes números referem-se ao exercício que terminou em 30 de Setembro último.

O ano passado o grupo SAS registara um prejuízo de 51,3 milhões de coroas suecas.

O número de passageiros

transportados pela SAS durante o ano totalizou 8 861 000, o que representa um aumento de 5 por cento.

O novo conceito de serviço da SAS obteve do mercado uma resposta imediata e positiva, verificando-se um aumento de 8 por cento no tráfego de passageiros que pagam tarifa inteira desde a introdução da Euroclass.

Litígio com a Espanha à beira do fim

Plano provisório de pescas poderá ser assinado em breve

Um encontro de trabalho, susceptível de se realizar muito brevemente e que o Governo português espera venha a ser proposto pelos espanhóis, poderá terminar na assinatura de um Plano Transitório de Pescas, ainda na vigência do actual Governo.

Esta é, pelo menos, a expectativa do secretário de Estado das Pescas, Faria dos Santos, e a concretizar-se produziria um desfecho favorável aos interesses pesqueiros de Portugal e Espanha e poria termo ao conflito que se arrasta, há algum tempo, e mantém paradas as frotas que pescavam de um lado e outro das fronteiras marítimas ibéricas.

Faria dos Santos manifestou esta expectativa em declarações a um programa de rádio e elas assentam na convicção de que a Espanha aceita a diminuição do esforço de pesca em águas territoriais portuguesas e que as concessões portuguesas não deverão afectar a futura integração na CEE, ela também de profundas consequências no regime pesqueiro.

Até que esse Plano Provisório venha a ser assinado os pescadores portugueses podem requerer o subsídio compensatório da imobilização dos barcos, caso os armadores não o façam dentro de 30 dias.

Este subsídio, instituído recentemente pelas Secretarias de Estado das Pescas e do Emprego, destina-se a armadores e pescadores, mas somente os armadores o poderiam, em princípio, requerer.

Os armadores ficam, assim,

incumbidos de, neste espaço de tempo, requererem os subsídios para eles e para os pescadores.

No caso dos armadores não o fazerem dentro deste prazo, podem os próprios pescadores requerer o subsídio, junto das dependências do Serviço Nacional de Emprego.

O subsídio tem efeitos retroactivos a 1 de Janeiro de 1983 e os seus montantes são compreendidos entre o valor mais elevado do salário mínimo nacional e o quádruplo desse mesmo valor.

Aumentadas quotas portuguesas em águas canadianas

Enquanto a frota pesqueira portuguesa sofre limitações de actuação nas águas espanholas — com a contrapartida da interdição de acesso dos barcos espa-

nhóis às nossas águas — o Canadá acedeu em aumentar a quota de pesca atribuída a Portugal. Por esse aumento, Portugal passa a ser o País que mais quantidades de bacalhau vai pescar nas águas canadianas o que permitirá reduzir as importações de peixe durante o ano corrente.

A quota portuguesa, que era de 6,5 mil toneladas no ano passado foi agora fixada em oito mil toneladas e poderá ser ainda mais aumentada na condição de eventuais compras de bacalhau que Portugal venha a fazer directamente no Canadá.

O bacalhau canadiano abastece, actualmente, cerca de 80 por cento das necessidades portuguesas, sendo a parte restante coberta por compras à Islândia e à Noruega.

Arrastões espanhóis só fora das 12 milhas

A Federação dos Sindicatos das Pescas revelou ontem prever que os arrastões espanhóis só possam pescar para além das 12 milhas da costa portuguesa.

Em Conferência de Imprensa, a Federação Sindical reclamou também que sejam drasticamente reduzidas as capturas de lagostim em águas portuguesas

por parte dos barcos espanhóis.

Os sindicalistas frisaram que o lagostim é uma espécie sedentária que a ser pescada a mais de 700 toneladas/ano pode vir a extinguir-se.

A última proposta do Governo português dá aos espanhóis apenas oito licenças de pesca ao lagostim, enquanto no anterior acordo este número era de 36. Neste momento os espanhóis pretendem 23 licenças.

Relativamente à Zona Norte, os sindicalistas revelaram que os espanhóis pretendem que ela venha até ao Cabo da Roca, colocando o Governo português esse limite em Aveiro.

Quanto ao número de licenças a conceder aos arrastões para esta Zona o Governo propõe cinco licenças e os espanhóis sete.

A Federação dos Sindicatos das Pescas discorda que o acordo fronteiriço esteja dependente do 1º Acordo Geral Luso-Espanhol.

«Essa situação — sublinham — prejudica os pescadores de Vila Real de Santo António obrigando-os a imobilização».

«A parte a zona fronteiriça do Minho e do Guadiana, nós não precisamos das águas espanholas para nada» — referiu um dirigente sindical.

Recursos do FMI elevados a 100 mil milhões de dólares

O capital do Fundo Monetário Internacional vai ser elevado a 90 mil milhões de dólares de saque especiais (cerca de 98,5 mil milhões de dólares), confirma o comunicado publicado ontem no final da reunião do Comité Provisório do FMI. O capital do Fundo era até agora de 61 mil milhões de DSE (cerca de 66,5 mil milhões de dólares).

40 por cento do aumento das quotas precisa o comunicado serão distribuídos entre os países membros em proporção das quotas existentes e os 60 por cento restantes sob forma selectiva a fim de levar em conta a evolução do peso económico de cada país.

O Comité Provisório decidiu, também, que a questão da nova utilização dos Direitos de Saque Especiais (a moeda do FMI) «Deveria ser examinada logo que possível». Pediu, por isso, ao Conselho Executivo do Fundo «que examinasse as últimas tendências da liquidez internacional, do crescimento e da inflação», a fim de determinar, antes do próximo Comité provisório se a criação de DSE devia ser aprovada.

O Comité Provisório congratula-se, por outro lado, com o recente aumento dos Acordos Gerais de Empréstimo (AGE), elevados a 19 mil milhões de dólares em Janeiro pelos dez países industrializados a que se tinha juntado a Suíça. O Comité assinala «com satisfação os progressos realizados na próxima associação» da Arábia Saudita aos AGE.

O comunicado salienta por fim que os êxitos da luta contra a inflação em vários grandes países industriais «forneceram a base de um crescimento económico maior, embora prosseguindo políticas monetárias e fiscais anti-inflacionárias».

Os critérios utilizados, anteriormente, para fixar o montante das quotas serão agora utilizados para 40 por cento dos aumentos. Uma nova fórmula de cálculo,

tendo em conta as mudanças de peso económico ocorridas a favor de vários países servirá para estabelecer os restantes 60 por cento.

Eis as novas quotas dos principais participantes do capital do FMI:

Estados Unidos: a quota foi reduzida de 20,6 por cento para 19,90, enquanto os seus direitos de voto passam de 19,53 para 19,16.

Grã-Bretanha: quota reduzida

de 7,1 para 6,4 por cento. Direitos de voto diminuídos de 6,82 para 6,6.

RFA: quota aumentada de 5,29 para 6,0 por cento. Direitos de voto elevados de 5,0 para 5,79.

França: quota elevada de 4,7 para 4,98 por cento. Direitos de voto aumentados de 4,49 para 4,8.

Japão: quota elevada de 4,0 para 4,69 por cento. Direitos de voto aumentados de 3,88 para 4,53.

Recuperação à vista nos países desenvolvidos?

A recuperação económica nos países industrializados está ao alcance da mão — assinala um documento confidencial do Fundo Monetário Internacional (FMI), entregue aos 22 participantes na reunião do Comité Interino.

Pela primeira vez em dois anos, o Fundo Monetário Internacional exprimiu um «moderado optimismo» relativamente à recuperação das economias dos países desenvolvidos, prevendo que a partir do segundo semestre de 1983 a produção do mundo industrial cresce a uma taxa de cerca de 2,5 por cento.

A reunião do Comité Interino do FMI, que ontem terminou em Washington e que foi antecipada em dois meses devido à necessidade de adoptar medidas para enfrentar a crise económica, inclinou-se pela manutenção das actuais normas de ajustamento para sanear as economias dos países com problemas de dívida externa e balanço de pagamentos.

Vários oradores defenderam a manutenção de tais normas pois «garantirão a recuperação das nações industrializadas, o que, por sua vez, se repercutirá no Terceiro Mundo».

As análises feitas sobre o comportamento das políticas anti-inflacionistas nos países desenvolvidos fazem prever que esta norma se mantenha para se alcançar uma total recuperação da economia.

O documento confidencial distribuído aos participantes na reunião do Comité aponta no sentido da manutenção da política económica de ajustamento, do monetarismo e da luta anti-inflacionista e assegura que o Fundo não prevê uma diminuição da produção a nível mundial, em 1983.

Gasóleo não aumenta para já

A queda de quatro dólares por barril nos preços do petróleo deverá representar este ano uma economia de divisas para Portugal superior a 20 milhões de contos e adiar o agravamento dos preços do gasóleo.

Com o petróleo ao preço de 34 dólares por barril, Portugal gastou em 1982, cerca de 180 milhões de contos nas importações e projectava gastar cerca de 200 milhões este ano.

Como o petróleo é transaccionado em dólares é preciso conjugar a evolução dos seus preços nos mercados internacionais com a cotação da moeda norte-americana face ao escudo e que em 1982 significou uma depreciação de 20 por cento.

Apesar de se prever um aumento da depreciação deslizante do escudo de 0,75 por cento ao mês para 1 por cento, não é de considerar este ano uma depreciação muito superior à de 1982, em que se processou uma desvalorização discreta do escudo em Junho de 9,5 por cento, em termos efectivos, e de cerca de 13 por cento relativamente ao dólar.

Para já, a evolução dos preços do petróleo bruto vai implicar a não concretização do projectado aumento dos preços do gasóleo para 40 escudos por litro.

O gasóleo foi o combustível cujo preço foi menos agravado no início deste ano (9 por cento), por não estarem preparados esquemas de apoio à agricultura, tendo o Governo optado por proceder a um agravamento, que considerou suportável, para este sector.

Durante este mês dever-se-ia concretizar o segundo aumento, abrangendo só o gasóleo, medida de justificação muito difícil numa altura em que alguns países até já reduziram cautelosamente, os preços dos combustíveis, o que não acontecerá em Portugal.

Madequipe Trabalhadores recusam despedimentos colectivos

O plenário dos trabalhadores da multinacional Madequipe, da Madeira, decidiu recusar qualquer tentativa daquela empresa em proceder ao despedimento colectivo de 82 trabalhadores.

Manifestou «disposição de resistir aos interesses patronais, responsabilizando-os pelas consequências, se insistirem nos seus objectivos» e «exigirem do Governo Regional que considere nulo e sem efeito o processo elaborado pela administração da empresa».

Aqueles trabalhadores consideraram que o despedimento colectivo de 82 trabalhadores da Madeira, na sua esmagadora maioria mulheres, é uma tentativa «destituída de qualquer razão, pois a falta de fundamento e realismo é notório».

Num comunicado dirigido «aos trabalhadores portugueses» a CGTP/IN considera existir uma campanha de «manipulação e intoxicação da opinião pública» destinada a fazer crer que a «unidade de todos os trabalhadores só é possível se houver unidade entre a CGTP e a UGT e que o grande obstáculo à unidade é a CGTP/IN».

Essa campanha, sublinha o documento «tem por objectivo esconder o papel decisivo que a luta dos trabalhadores portugueses, sob a direcção da sua central histórica, a CGTP/Intersindical Nacional, teve na derrota da AD e dos seus planos, e por outro lado, lavar a face a quem sempre apoiou esses planos».

A central sindical reafirma que «a unidade não se defende ou

reforça com compromissos e cédências» mas sim, «na acção contra as forças da direita e do fascismo e na defesa do regime democrático consagrado na Constituição» na defesa intransigente dos interesses de todos os trabalhadores, sem qualquer discriminação; no maior desenvolvimento e no respeito escrupuloso pela democracia sindical e pela vontade dos trabalhadores em todos os níveis e órgãos de estrutura sindical; na participação efectiva dos trabalhadores na vida sindical, assegurando a livre expressão de opinião de cada um; no reforço da organização e acção sindical unitária e aberta a todos os interessados, a nível de empresa; na unidade de acção de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não e de todos os sindicatos re-

presentativos filiados ou não na CGTP/IN; e na luta pela existência de uma só estrutura sindical representativa de todos os trabalhadores desde o local de trabalho à Confederação».

O Secretariado Nacional da CGTP considera que «a acção desenvolvida pelo divisionismo em geral, de que a UGT inquestionavelmente se assume como organização superior, tem sido, nas questões de regime, na contratação colectiva, na posição face às lutas dos trabalhadores em geral e, em particular, face às duas greves gerais, na actuação no 1.º de Maio de 1982, de actuação em sintonia com o patronato e governos de direita, contra a CGTP/IN e suas organizações contra os trabalhadores».

Depois de enumerar vários exemplos dessa actuação, a

CGTP reafirma que as alterações nas atitudes da UGT, «passando do ataque e insulto à CGTP/IN à proposta de unidade na acção, são mudanças tácticas, desprovidas de conteúdo sério e não resultam de modificações dos seus objectivos essenciais. E acrescenta que «as alterações nas atitudes verbais não têm qualquer comprovação na prática, surgem porque a CGTP/IN conseguiu e conseguirá os seus objectivos, reforça as suas posições e prestígio junto dos trabalhadores e da opinião pública democrática, surgem porque o campo de acção lhes ficou adverso».

O documento, mais adiante diz que «a unidade só se pode encontrar entre os que tendo o mesmo sentido de classe têm objectivos comuns e jamais é pos-

sível conseguí-la com os que, situando-se no mundo do trabalho, sistematicamente tentam dificultar, obstruir ou mesmo iludir a luta dos seus camaradas».

«O Movimento Sindical — afirma o Secretariado Nacional da CGTP — não se cimenta em chavões mais ou menos demagógicos, nem com apelos à unidade depois de se ter perdido a batalha da divisão» e que «em defesa dos interesses dos trabalhadores, a batalha pela unidade sindical continuará a ser uma luta de todos os dias».

O documento da CGTP sublinha, a terminar, que, «os seus locais de trabalho, nos seus sindicatos, os trabalhadores através das suas acções e da sua prática democrática, serão os mais firmes e consequentes defensores da unidade sindical».

Hospital da CUF

“Intransigência” da administração provoca ruptura nas negociações

A comissão sindical negociadora do Hospital da CUF/Clinica de S. Bento acusou a respectiva administração de «intransigência e inflexibilidade», irresponsabilizando-a pela situação de ruptura nas negociações.

Em comunicado, a CNS afirma que, face, à «intransigência patronal», mantém a proposta reivindicativa de um aumento, para este ano, de cerca de 26 por cento.

No mesmo documento, acrescenta que em plenários efectuados quarta e quinta-feira, os trabalhadores do Hospital da CUF e da Clínica de S. Bento decidiram a realização, no dia 22, de uma concentração junto à sede da Companhia de Seguros Império, que «por deter em exclusivo e integralmente o capital social» daqueles estabelecimentos é, «em última análise, a responsável pela ruptura verificada».

«De salientar que esta companhia de seguros — refere o comunicado — aprovou recentemente o novo contrato colectivo de trabalho para os seus empregados, acordando aumentos de 20 por cento e recusando-se no caso destas duas unidades hospitalares, cujos trabalhadores têm condições e salários inferiores, sequer a apresentar aqueles valores».

CTM contra desmembramento

Comissão de trabalhadores repudia afirmações de Pinto Balsemão

A comissão de trabalhadores (CT) da Companhia de Transportes Marítimos (CTM) repudiou afirmações proferidas na quinta-feira, na Televisão, pelo Primeiro-Ministro em exercício, considerando-as «inteiramente falsas».

Em comunicado, a CT da CTM afirma que os trabalhadores da companhia «continuam a recusar medidas propostas pelo Governo e pelo conselho de gerência, as quais, acrescenta, «visam liquidar» a empresa e a Marinha Mercante, «lançando no desemprego» milhares de pessoas.

Considera «provocatório e abusivo o facto de Pinto Balsemão pretender colocar na mesma situação» os trabalhadores da Setenave e da Marinha Mercante.

«Concretamente — diz o texto — os trabalhadores da CTM recusam a aplicação do regime succeâneo, o desmembramento da empresa e o despedimento de 1500 trabalhadores».

Em contrapartida, adianta a CT, exigem a aplicação das medidas constantes de um documento de sua autoria, apresentado ao conselho de gerência, intitulado «A solução dos traba-

lhadores para a crise».

Por sua vez, os trabalhadores socialistas da CTM desmentem afirmações feitas por Pinto Balsemão no mesmo programa televisivo.

Numa nota, a secção do Partido Socialista da CTM nega que os trabalhadores da companhia estejam de acordo com as medidas que o Governo «pretende implementar a curto prazo na empresa».

Os socialistas da CTM afirma que se prevê, a curto prazo, que o Governo considere como «excedentários, mais ou menos, 1600 trabalhadores».

PUB

TRABALHADORES DIZEM NÃO À DESTRUIÇÃO DA CTM

Depois de demitido o Governo, da Assembleia da República dissolvida e marcadas novas eleições, o Governo AD apesar de apenas ter funções de gestão corrente, persiste em promover alterações de fundo na vida económica portuguesa, alterações que nem a recente revisão constitucional lhe permite.

A CTM — Companhia Portuguesa de Transportes Marítimos, EP empresa nacionalizada em 14 de Abril de 1975, conquista irreversível dos portugueses, tem estado sob a mira do Governo que a pretende entregar a capitalistas estrangeiros.

Como pretende o Governo destruir a CTM?

Tem o Conselho de Gerência procurado afanosamente nos últimos dias junto dos Notários efectuar a escritura de três novas sociedades anónimas, que a CTM constituiria e para onde posteriormente seria definitivamente transferido o património daquela empresa pública!

Desta forma o Governo poderia fechar uma empresa nacionalizada e simultaneamente entregar o seu património aos acionistas das novas sociedades. Assim, o Governo, ignorando a Constituição da República e restante legislação, nomeadamente sobre empresas públicas, nem sequer legislava sobre a extinção da CTM para evitar designadamente, que o Presidente da República e a Assembleia da República, por estar dissolvida, tivessem de se pronunciar.

Para criar todo o clima que

pudesse de algum modo fazer hesitar alguns trabalhadores, o Governo ameaça os trabalhadores da CTM com um «Regime Succeâneo» que retiraria praticamente todos os seus direitos consignados na contratação colectiva e procuraria despedir cerca de 1500 dos 3200 trabalhadores da empresa. Iriam para a reforma todos os trabalhadores de terra com idade superior a 50 anos, do mar com mais de 40 (!?) anos de idade e pretendendo simultaneamente retirar a parte complementar das pensões dos actuais reformados.

Apesar das organizações representativas dos trabalhadores terem repetidamente proposto soluções que visam o relançamento da Marinha do Comércio em geral e da CTM em particular, nada foi escutado pelo Governo AD que ignorando os trabalhadores não tem dialogado com os Sindicatos sobre esta importante questão, contrariamente ao que o Primeiro-Ministro afirmou ontem na RTP (Programa 1.ª Página).

Por isso os trabalhadores da Marinha do Comércio em unidade, lutam pela defesa dos seus postos de trabalho.

Ao fazê-lo estão a defender uma Marinha do Comércio que não agrave ainda mais a balança de pagamentos já tão deficitária, e em que o afretamento de navios estrangeiros vem escandalosamente provocando elevados prejuízos ao País (foi de cerca de 27 milhões de contos o «deficit» da balança de fretes portugueses em

1981) e que sirva a independência nacional.

Neste País e contra a actuação do Governo só os trabalhadores com o seu braço forte poderão assegurar o rumo certo para a Marinha do Comércio nacional.

Nos custos globais da CTM os do pessoal representam cerca de 13%, pelo que a crise da empresa é resultante da ausência de medidas governamentais e duma gestão desastrosa, que tem procurado degradá-la e assim criar condições para que a pudessem destruir.

Dai toda a pressa agora, em concluir a destruição da CTM antes que as próximas eleições varram os partidos da AD do Poder, seguindo-se-lhe a CNN — Companhia Nacional de Navegação, EP e todo o restante sector.

Os trabalhadores da CTM continuarão a lutar com firmeza pela defesa dos seus postos de trabalho, defendendo desta forma as nacionalizações e a economia nacional, assim como para que lhes sejam aplicadas as mesmas condições laborais que estão em prática na generalidade da Marinha do Comércio. Nesta luta certamente encontrarão a solidariedade dos outros trabalhadores.

Da população esperam os trabalhadores da CTM, a compreensão e a solidariedade, conscientes que uma opinião pública informada será fundamental para a satisfação das suas justas reivindicações, que são as de todos os portugueses, a quem a CTM pertence.

- NÃO À DESTRUIÇÃO DA CTM, EP
- NÃO A QUALQUER «REGIME SUCCEÂNEO»
- CONCLUSÃO DAS NEGOCIAÇÕES DA CCT (TERRA E MAR) E SUA APLICAÇÃO A TODAS AS EMPRESAS DA MARINHA DO COMÉRCIO
- PAGAMENTO ATEMPADO DOS SALÁRIOS EM TODAS AS EMPRESAS

Lisboa, 11 de Fevereiro de 1983

Federação dos Sindicatos do Mar
Sindicato dos Trabalhadores de Terra da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pescas
Sindicato dos Marinheiros Mercantes de Portugal
Sindicato da Mestrança e Marinhagem de Câmaras da Marinha Mercante
Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas
Sindicato dos Maquinistas Práticos, Ajudantes e Artífices da Marinha Mercante de Portugal
Sindicato das Capitães, Oficiais Pilotos, Comissários e Radiotécnicos da Marinha Mercante
Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas
Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações
Sindicato dos Músicos
Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Fabricação e Transformação do Papel, Gráfica e Imprensa do Sul e Ilhas
Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul
Sindicato dos Médicos da Região Sul
Sindicato dos Trabalhadores dos Transportes Rodoviários e Urbanos do Centro
Sindicato dos Trabalhadores Aduaneiros em Despachantes e Empresas
Sindicato dos Trabalhadores na Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Sul

Soltas

● Os cerca de 176 trabalhadores da fábrica de confeções Kallen, de Alenquer, concluíram ontem a terceira semana consecutiva de paralisação, para exigirem o pagamento de salários em atraso. Segundo um dirigente sindical, estes trabalhadores não têm salários desde Outubro último, não lhes foi pago o mês de Junho, assim como o 13.º mês e Retro-activos. De acordo com a mesma fonte, no dia 17 a administração vai entregar um processo de falência ao Tribunal de Alenquer, a partir do qual haverá uma concordata de credores.

● Na Empresa Pública de Abastecimento de Cereais (EPAC), os trabalhadores poderão paralisar no próximo dia 21, pela satisfação das suas reivindicações sa-

lariais. A proposta de greve, apresentada pela CNS está a ser discutida nos principais locais de trabalho da empresa. O CG propõe um aumento global da massa salarial de 17 por cento, enquanto os sindicatos reivindicam 24 por cento. A EPAC emprega cerca de 1800 trabalhadores.

● As 30 trabalhadoras da firma de limpeza «Laranja», em serviço no Instituto de Oncologia do Porto, vão paralisar nos próximos dias 16 e 23, por a administração não lhes ter pago o salário completo de Janeiro, tendo-lhes ainda retirado o correspondente a duas horas semanais e às faltas justificadas. De acordo com uma dirigente sindical, as trabalhadoras entrarão «em greve por

tempo indeterminado», a partir de 1 de Março, se até ao fim do corrente mês se mantiver a situação actual.

● Em luta pela satisfação do caderno reivindicativo, os trabalhadores da fábrica de tintas Tinto vão paralisar duas horas diárias nos dias 14, 16 e 18 do corrente mês. O caderno reivindicativo prevê aumentos salariais de 20 por cento, a aplicação das diuturnidades em função da antiguidade na empresa e não da categoria, tendo este o principal ponto em litígio. A aceitação deste ponto, diz um informador sindical, envolveria «encargos insignificantes», que não ultrapassariam os 3,5 por cento da massa salarial.

Depois da prisão de Barbie

Franceses querem saber quem denunciou Jean Moulin

A encarceração do criminoso de guerra nazi Klaus Barbie no forte militar de Montluc — em Lyon — principal centro de detenção alemão durante a guerra, faz acordar em Lyon, cerca de quarenta anos mais tarde, lembranças e suspeitas no seio da população.

Os livros sobre esse período são disputados nas livrarias da pequena cidade do sudeste da França. Os jornais regionais publicam os nomes dos franceses reclamando testemunhos: «Procura-se antigos camaradas do «senhor X» morto na deportação», «São chamadas testemunhas a apresentar-se testemunhas da detenção do senhor Y», etc...

Mas sobretudo, ressurgem as velhas suspeitas: quem é que colaborou com o upante? quais os nomes dos franceses que deixaram prender crianças judias em 1942, quando certamente as poderiam ter salvo? Por último, quem traiu Jean Moulin — chefe da resistência em França — e o seu estado-maior?

Há dois nomes que voltam à ribalta: Paul Touvier, de 68 anos

de idade, antigo chefe da milícia lionesa, que se encontra actualmente em fuga e que é alvo de um mandato de captura por «crimes contra a humanidade» e René Hardy, de 72 anos, que, embora «limpo» por duas vezes pela justiça francesa, continua a ser para muitos resistentes o suspeito número um na detenção de Jean Moulin.

Assim, na opinião de um antigo comandante de «Maquis» (resistentes), «Barbie nunca teria atingido tal eficácia no horror se não tivesse beneficiado da colaboração dos milicianos franceses».

Ora, Paul Touvier foi, de Outubro de 1943 até à libertação, o chefe do segundo serviço da milícia, em Lyon. A este título, levava a cabo buscas e trabalhava em estreita colaboração com a «Gestapo», tendo sido apresentada

nova queixa contra ele na semana passada, pela família de Victor Basch, presidente da Liga dos Direitos do Homem, assassinado em 1944.

Depois da libertação, Paul Touvier foi condenado por duas vezes à morte, à revelia, penas essas prescritas em 1967. Quatro anos depois, o presidente Georges Pompidou assinava um decreto de perdão, ahulando a confissão de seus bens e a proibição de estadia em território francês.

Em Novembro de 1981 era apresentada contra ele uma inculpação por «crimes contra a Humanidade», numa altura em que Touvier se escondia no sul de França ou no norte de Itália, aonde ainda se encontraria hoje em dia.

O caso de René Hardy parece ser mais complexo. O escritor, que é autor, nomeadamente, do «best-seller» «Vitória Amarga», rompeu o silêncio desde há 48 horas e ameaça fazer mais revelações.

Suspeito de ter «dado» Jean Moulin e os seus camaradas — que, reunidos em Caluire, próximo de Lyon, caíram no dia 21 de Junho de 1943 nas mãos da Gestapo —, René Hardy foi absolvido duas vezes pela justiça, em 1948 e 1952. O escritor, que participava nessa reunião, foi o único que conseguiu fugir logo nos primeiros minutos.

No entanto, para numerosos responsáveis da resistência, a dúvida persiste. Assim, o embaixador francês Andre Brozen-Favereau não hesitou hoje em afirmar: «tenho a profunda convicção de que Hardy é culpado».

Doente, retirado na pequena localidade de Deux-Sevres (centro-oeste da França), René Hardy afirma que a detenção de Jean Moulin foi provocada por «múltiplas imprudências», declarando-se convencido de que Klaus Barbie «vai lançar a confusão». «Há pessoas que não se devem sentir à vontade depois da sua expulsão», disse.

Na realidade, sobe a inquietação em França. Apesar dos dirigentes políticos e sindicais multiplicarem os apelos («é do julgamento da ideologia nazi que se trata»), já ninguém exclui um julgamento dos «colaboracionistas» franceses, com toda a «roupa suja» que isso não iria deixar de fazer aparecer.

Segundo ex-agente americano

EUA protegeram Klaus Barbie

Um antigo oficial de contra-espionagem americana afirma ter protegido em 1946 o antigo nazi Klaus Barbie, de oficiais franceses que o interrogavam e pretendiam matá-lo.

John Willams disse em entrevista à agência de Imprensa americana que acompanhou o «Carniceiro de Lyon» em três dias de interrogatórios feitos em 1946 por agentes franceses. Willams que não precisa onde decorreram esses interrogatórios acrescenta que estava armado para evitar que os homens que interrogavam Barbie o executassem.

Precisa que os oficiais franceses procuravam sobretudo fazer dizer a Barbie quem denunciara Jean Moulin, segundo Willams, o «Carniceiro de Lyon» respondia com arrogância e nada disse sobre o caso Jean Moulin.

Willams que vive em Pittsburg (Califórnia) está actualmente reformado após uma carreira nos serviços de informações americanas, e que pertencia na época à contra-espionagem militar.

O ex-agente conta que no seu contacto com os dois franceses encarregados do interrogatório, o capitão John Whiteway, oficial da Legião Estrangeira lhe sugeriu, por várias vezes, que fechasse os olhos e lhe deixasse a guarda de Barbie invocando um «mal entendido».

Acrescenta que os agentes franceses que velos a encontrar mais tarde durante a sua carreira «nunca lhe perdoaram» ter protegido a vida de Barbie.

Um outro antigo oficial de informações americano Erhard Dabringhaus afirmou na semana passada que Barbie depois da guerra foi informador remunerado das autoridades americanas. Por seu turno, Willams precisou que não trabalhava para o ramo dos serviços especiais americanos que tinha a responsabilidade de Barbie e que não podia fazer comentários sobre a forma como a «Carniceiro de Lyon» conseguiu escapar para a Bolívia.

Imprensa britânica questiona

Qual o destino dos nazis refugiados na América do Sul?

A expulsão de Barbie, da Bolívia, com destino à França, sugere uma pergunta relacionada com os nazis ainda refugiados na América do Sul: Qual será o próximo?

O caso do ex-chefe da Gestapo, que aguarda julgamento em Lyon, suscita as atenções da televisão, da rádio e da Imprensa britânicas. A propósito, o «Daily Telegraph» mencionou os nomes dos nazis que, segundo as suas fontes, podem ainda agora encontrar-se refugiados na América Latina:

— Walter Rauff, SS, perito em câmaras de gás «de quem se tem dito que vive perto de Punta Arenas, no Chile».

— Helmut Sassen, chefe da Gestapo na Holanda, que talvez esteja a viver no Equador.

Fritz Schwerdt, membro das SS, pode estar no Peru.

— Josef Mengele, «famoso» pelas suas experiências em Auschwitz, «de quem há notícias recentes que está a viver perto da fronteira entre o Paraguai e a Bolívia».

— Gerhard Dohm, médico num campo de concentração nazi, «que desapareceu na Argentina no meio da década de sessenta».

O mesmo diário conservador assinala que o Brasil cooperou com a justiça alemã federal, concedendo a extradição a Franz Strangl, chefe de um campo de concentração na Polónia. Acrescenta o jornal que o governo do general Alfred Stroessner, do Paraguai, não parece disposto a colaborar com esses propósitos.

Dados os matutinos de Londres têm dedicado os seus editoriais ao caso de Klaus Barbie. O «Daily Mirror» comenta que a captura do ex-chefe da Gestapo coincide com o cinquentenário da chegada de Hitler ao poder e que Barbie, «então um adolescente, foi um produto da era nazi, como o foram os seus crimes».

Em termos semelhantes, o «Daily Mail» opina que «a guerra não explica, por si mesma, o maligno poder de Klaus Barbie sobre outros seres humanos» e que «foi necessário o poder e a doutrina do nazismo para completar esse diabólico fermento».

«As velhas gerações devem recordá-lo — acrescenta — e as novas gerações devem aprendê-lo».

De um outro ângulo, o «Daily Express» analisa o caso de Klaus Barbie, acusado de «crimes contra a Humanidade», e pergunta o que se terá passado com o solene juramento das Nações Unidas de condenar todos aqueles que conspiram para a guerra ou exterminem inocentes.

E recorda Pol Pot, «o carneiro do Camboja», responsável pela morte de dois milhões de compatriotas, acrescentando que os Estados Unidos foram até hoje o único país que julgou um dos seus cidadãos, segundo as normas do tribunal de Nuremberga.

Ariel Sharon continuará ou não

Coligação governamental discute ainda o relatório

Os dirigentes dos partidos que integram a coligação governamental israelita «Likud» reuniram-se, ontem, para examinar as consequências políticas da aceitação, pelo gabinete de Menahem Begin, das conclusões do relatório Kahane, sobre os massacres do Líbano. Não temos disponível, até ao momento, qualquer comunicado oficial.

Rádio Israel informou que (ex?) ministro da Defesa, Ariel Sharon entregou efectivamente o seu pedido de demissão para abandonar, amanhã, domingo, as suas (ex?) funções. Rádio Israel também citou «fontes próximas» de Sharon, segundo as quais este deverá continuar no governo como ministro sem pasta, e que o primeiro-ministro, Begin, não deverá demitir-se, nem pedir a realização de eleições antecipadas.

A eventual continuação de Sharon no Governo, depois de o conselho de ministros ter aprovado, por 16 votos contra um o seu afastamento do Ministério da Defesa, provoca reacções no Parlamento israelita e na coligação que apoia Begin.

O líder do Partido Liberal, membro da coligação «Likud» anunciou que pediria a destituição de Sharon, se este

fosse nomeado ministro de Estado.

O partido do centro «Shinui» («Câmbio») declarou que ia propor no Parlamento uma moção de censura contra Menahem Begin.

O advogado Ammon Rubinstein, presidente do «Shinui» considera que, embora o governo de Begin tenha declarado que acataria as conclusões da comissão oficial de inquérito sobre os massacres de palestinos nos campos de Sabra e Chatila, não tenciona demitir, efectivamente, Sharon.

O Partido Comunista Israelita anunciou também a sua intenção de propor ao «Knesset» um voto de censura contra Begin.

O Partido Trabalhista, principal força da oposição, não se pronunciou ainda sobre a questão da permanência de Sharon no governo, embora o seu dirigente, Shimon Peres, tenha declarado que os trabalhistas exigiriam «total cumprimento da letra das conclusões do relatório Kahane».

Sharon prestou declarações perante o colégio de advogados de Jerusalém e continua a recusar as acusações formuladas contra ele e contra os altos comandos do Exército israelita.

Observadores políticos de

Jerusalém consideram que, longe de constituir o fim da carreira política de Ariel Sharon, a sua destituição do cargo de ministro da Defesa pode significar o início da sua corrida para a sucessão de Begin.

A morte de Greenzweig

Em Telavive, Jerusalém e Haifa, milhares de militantes do Movimento «A Paz Agora» observaram um dia de luto pela morte do professor Emil Greenzweig.

Destacado militante pacifista, Emil Greenzweig morreu, na 5.ª feira passada no rebentamento de uma granada lançada por apoiantes de Sharon contra um grupo de manifestantes que exigiam do governo o cumprimento das recomendações da comissão Kahane.

Entre os outros dez feridos no atentado, figura Abraham Burg, oficial do Exército israelita na reserva e filho do ministro do Interior, Polícia e Culto do governo de Menahem Begin, Jose Burg.

Greenzweig, de 33 anos foi sepultado ontem na cidade de Haifa. Shimon Perez, líder da oposição trabalhista, disse que Greenzweig «é a primeira vítima sacrificada sobre o altar da democracia israelita».

Não houve depuração no M... — disse Lúcio Lara em Cabo Verde

A Imprensa portuguesa é «paternalista» em relação a Angola — considera Lúcio Lara em entrevista publicada hoje pelo semanário cabo-verdiano «Voz do Povo», citado pela France Presse.

«Nós temos um cordão umbilical informativo com Portugal.

Os portugueses vibram mais com o que se passa na nossa terra, do que nós em relação ao país deles» — disse Lúcio Lara, referindo-se ao tratamento que alguma informação de Lisboa deu às últimas demissões e detenções de militantes do MPLA.

O dirigente angolano disse que tais demissões e prisões «são um problema interno, que não tem a repercussão que certa Imprensa portuguesa pretende dar-lhe».

«Não há depuração. Houve uma tentativa, por parte de alguns camaradas, de fazer uma surpresa ao camarada presidente José Eduardo dos Santos no dia do seu aniversário, mas não a fizeram com o sentido político exigido, tendo avançado com alguns aspectos que deviam ser tratados dentro das estruturas do partido» — declarou Lúcio Lara ao «Voz do Povo», aludindo a uma peça de teatro de Costa Andrade.

«Há quem ver o que norteou esse grupo de militantes, se houve uma falta de respeito para com o camarada presidente e se foi intencional ou não» — acrescentou.

«Os camaradas dizem que não, mas há quem diga que foi» — acrescentou o dirigente do MPLA.

Na entrevista publicada pelo semanário da Praia, Lara refere-se largamente à «influência» norte-americana na «actual situação político-militar» de Angola — afirmou — «conhece neste momento um certo agravamento que se foi acentuando

depois da subida da administração Reagan ao poder».

Libertados separatistas da FLEC

Dezassete angolanos, anteriormente ligados à organização separatista de Cabinda, FLEC, vão ser reintegrados na sociedade, anunciou a agência ANGOP.

A agência noticiosa adianta que a libertação dos elementos da FLEC deve-se fundamentalmente ao seu comportamento, demonstrado durante o tempo em que estiveram num centro de reabilitação e ao reconhecimento, dos seus erros anteriores.

João Bagança, Bartolomeu Cuango e Pascoal Ginga, disseram à ANGOP que tinham praticado actos de sabotagem e agressões armadas contra populações nas áreas de Tando Zize, Massabi e Necuto, em Cabinda, ao serviço de interesses que agora reconheceram não serem os do povo angolano.

Alexandre Rodrigues em Moçambique

O ministro angolano do Interior, Alexandre Rodrigues, chegou ontem a Maputo para conversações com as autoridades moçambicanas, soube a ANOP de fontes oficiais.

As mesmas fontes, afirmaram que Alexandre Rodrigues esteve reunido com o ministro moçambicano da Segurança, Jacinto Veloso.

O seu regresso a Luanda está previsto para hoje.

Os mercenários britânicos

É provável que a visita oficial de três dias a Londres do ministro



Lúcio Lara

das Relações Externas de Angola, Paulo Jorge, não dê lugar a resultados espectaculares, afirma-se em Luanda.

Se os ingleses tencionam continuar a pedir a libertação dos 7 mercenários britânicos detidos em Angola — tendo em conta o alinhamento das suas posições pelas de Washington relativamente à questão namibiana — o diálogo será difícil, afirma a mesma fonte, referida pela agência France Presse.

A mensagem da primeira-ministra, Margaret Thatcher, entregue na quarta-feira passada pelo

ção?

atal de Israel rio Kahane

Todos os partidos políticos representados no Parlamento israelita e o próprio Ariel Sharon, condenaram o atentado, o primeiro deste tipo registado até agora em Israel.

«Esperança» no Cairo

O ministro de Estado egípcio dos Negócios Estrangeiros, Boutros Ghali, manifestou hoje a «esperança» de que a demissão de Ariel Sharon da pasta de ministro da Defesa de Israel «permita trabalhar melhor a favor da paz e da estabilidade» no Médio Oriente.

Na primeira reacção oficial do Cairo a esta demissão, Ghali, que acaba de regressar de uma breve missão ao Iraque, ao Líbano e à Jordânia fez igualmente votos para que o afastamento de Sharon, daquele ministério dê lugar «a novo impulso no processo de paz, com a retirada das tropas israelitas do Líbano e o «reconhecimento dos legítimos direitos dos palestinos em relação à Cisjordânia e a Gaza».

Moscovo e Washington

O general Ariel Sharon ser-

viu de «bode expiatório» ao governo Begin, disse Rádio Moscovo, num primeiro comentário sobre a demissão do ministro israelita da pasta da Defesa.

Não há dúvida de que a responsabilidade dos horribes crimes cometidos em Beirute Oeste assenta em toda a camarilha dirigente sionista de Telavive», acrescentou a emissora.

Segundo Rádio Moscovo, o governo israelita agiu assim para tentar «abafar a vaga de protestos» que surgiu após os massacres de Sabra e Chatila.

Por sua vez, o governo americano manifestou dúvidas, quanto ao impacto favorável que poderia ter a demissão do ministro israelita da pasta da Defesa, Ariel Sharon, sobre a evolução das negociações no Líbano.

Interrogado no final de uma entrevista com o presidente Reagan sobre os últimos acontecimentos em Israel o secretário de Estado americano, Georges Shultz declarou-se céptico quanto à possibilidade de que a demissão do general Sharon tenha um impacto favorável na continuação das negociações tripartidas no Líbano.

MPLA erde



seu embaixador em Angola, Francis Kennedy, ao presidente José Eduardo dos Santos, incidiu uma vez mais na questão da libertação dos sete mercenários condenados em 1976 a penas que vão de 16 a 30 anos de prisão.

Os observadores notam que o pedido de Londres no sentido da libertação dos mercenários já foi rejeitado em várias ocasiões por Luanda, que qualificou, no passado mês de Dezembro, esse pedido de «ingerência nos assuntos internos angolanos».

Presa na Colômbia a «rainha da coca»

Doze traficantes de droga, incluindo «a rainha da coca», foram, ontem, presos na Colômbia pela polícia, que apreendeu 132 quilos de cocaína, de valor calculado em cerca de 500 milhões de dólares, soube-se oficialmente em Bogotá.

Entre as pessoas detidas, todas de nacionalidade colombiana, figura Verónica de Vargas, mais conhecida pelo nome de «rainha da coca». Procurada pela polícia do continente latino-americano há vários anos, pelas suas inúmeras actividades delituosas, nomeadamente, no México e no Peru, ela terá participado, segundo a mesma fonte, numa represália sangrenta após o assassinio do seu marido, Napomuceno Vargas.

A operação lançada pela polícia decorreu no momento em que um avião carregado de estupefacientes se preparava para descolar em direcção aos Estados Unidos com dois passageiros a bordo. O aparelho foi apreendido, bem como sete viaturas, onze armas de fogo, instalações de transformação da droga e avultada soma em dinheiro.

Fim do estado de emergência económica

O estado de emergência económico, promulgado há 50 dias pelo governo colombiano para fazer face a uma grave crise do sector fiscal e financeiro, terminou, na noite passada, soube-se em Bogotá. Em cerca de dois meses foram estabelecidos cerca de trinta decretos de excepção.

O levantamento do estado de emergência foi assinalado pela adopção de disposições especiais, visando diminuir a pressão fiscal exercida tanto sobre os particulares como sobre as empresas privadas, precisa-se.

Desarmamento

Reagan satisfeito com resultados da viagem de Bush à Europa

O Presidente Ronald Reagan declarou-se ontem «profundamente encorajado» com «a sólida expressão de unidade» que se verificou entre os aliados durante as conversações na Europa do vice-presidente George Bush sobre o desarmamento.

Numa declaração escrita publicada após a sua reunião com Bush e o secretário de Estado americano, George Shultz, o presidente Reagan comentou que a mensagem que Bush lhe tinha trazido da sua digressão europeia era a de «uma expressão sólida da unidade dos aliados de que nos podemos todos orgulhar».

Os EUA e os seus aliados, acrescentou Reagan, «estão unidos na sua vontade de conseguirem um verdadeiro controlo dos armamentos e no seu compromisso em relação à decisão a dois níveis da NATO».

O presidente americano referia-se à decisão de instalar 572 Pershing-2 e mísseis de Cruzeiro na Europa a partir do fim do ano se as negociações sobre os europeus não dessem qualquer resultado até lá.

«Progressos nas negociações de Genebra dependem agora mais do que nunca desta unidade dos aliados e da determinação de instalar estes mísseis «se não conseguirmos chegar a resultados que tornassem isso inútil», acrescenta o presidente americano.

Ao declarar-se disposto a «explorar qualquer proposta séria» soviética, Reagan renova a sua proposta de encontrar-se com Yuri Andropov, «não importa onde nem quando», para assinar «um acordo eliminando todos os mísseis nucleares de alcance intermédio» americanos e soviéticos.

Kohl pressiona Moscovo

O chanceler Helmut Kohl deseja que as autoridades soviéticas vão ao encontro do empenho de conciliação de Washington, expresso pelo vice-presidente americano, George Bush, na sua recente digressão europeia, declarou ontem o porta-voz adjunto do Governo de Bonn, Juergen Sudhoff.

«A questão não é que Moscovo aguarde continuamente concessões do Ocidente no contexto do esforço de armamento intensivo da URSS e do rearmamento ocidental que continua em fase de planificação», disse Sudhoff.

«A posição americana nas negociações de desarmamento — afirmou o porta-voz — corresponde aos princípios do equilíbrio e da paridade».

Sudhoff indicou, por outro lado, que o chanceler Kohl se mostra «muito satisfeito» com os resultados da digressão europeia do vice-presidente norte-americano.

«As conversações travadas por George Bush na Europa confirmaram a total unidade de pontos de vista dos membros da Aliança Atlântica», concluiu o porta-voz governamental.

Ontem em Nápoles

Cem mil estudantes contra a Mafia

Cerca de 100 mil estudantes vindos de toda a Itália manifestaram-se ontem sem incidentes, durante várias horas, nas ruas de Nápoles protestando contra a ingerência cada vez maior da «Camorra» (Mafia napolitana) na vida política e económica local.

«Somos 100 mil. No próximo ano, esperamos ser um milhão para dizer a todo o país que somos a verdadeira consciência de Nápoles. Aquela que se bate contra a «Camorra», para que prevaleçam a liberdade, a justiça, a verdade e a paz», declarou o bispo de Acerra (perto de Nápoles), Mons. Antonio Riboldi.

Por seu turno, o Presidente do Conselho Regional da Campânia, Mario Del Vecchio, lembrou que,

numa visita a esta cidade o mês passado, o presidente da República, Sandro Pertini, tinha dito que «Nápoles não era a Canorra».

Contando com cerca de 5 mil homens, os clãs da «Camorra» travam desde há quatro anos uma guerra sem tréguas que fez 265 mortos em 1982, recorda-se.

Os comerciantes da cidade tinham observado em fins de Janeiro dois dias de greve para protestarem contra as chantagens de que são vítimas.

Uma manifestação análoga, contra a Mafia neste caso, tinha reunido cerca de 100 mil sindicalistas vindos de toda a Itália em Plermo, em Outubro último.

Desde ontem em Madrid

Internacional Socialista estuda nova declaração de princípios

A comissão ideológica de redacção dos novos princípios da Internacional Socialista está reunida desde ontem em Madrid, estudando um projecto de declaração actualizada de princípios.

Mais de vinte partidos filiados na I.S. reunidos sob a presidência de Felipe Gonzalez, na sua qualidade de vice-presidente da Internacional Socialista, estão reunidos tentando adequar a declaração de princípios vigentes aos problemas actuais e aos novos horizontes abertos à sua actuação.

Com efeito a anterior declaração, que data de 1951 (Francoforte), onze anos mais tarde revista em Oslo, não se mostra adequada às novas áreas de penetração pretendidas pela Internacional Socialista, nomeada-

mente na América Latina, Ásia e África.

No entanto, os representantes dos vários partidos presentes discutem ainda se a declaração deverá definir as bases ideológicas genéricas do socialismo democrático, ou apenas debater-se sobre questões de ordem conjuntural. Contudo, e nesta área, tudo indica que a nova declaração, cujo projecto será apresentado ao próximo congresso da IS recolherá posições sobre temas de dimensão mundial, como a questão da energia, desarmamento, desemprego, direitos humanos, e

outros como, meios de comunicação de massas, revolução tecnológica, problemas da mulher e da juventude, pacifismo, sobre os quais a Internacional Socialista ainda não se pronunciou.

O exemplo espanhol

O vice-presidente da IS e secretário-geral do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), Felipe Gonzalez, apresentou como referência para estudo o exemplo espanhol.

«Talvez tenhamos sido excessivamente heterodoxos na aplicação do socialismo democrático em Espanha», afirmou Felipe Gonzalez para quem este

heterodoxismo poderia servir como observatório «que nos permita aproximar-nos das dificuldades do socialismo democrático que que também triunfou no Sul da Europa e sobre o qual existem esperanças em países latino-americanos».

A metodologia seguida pelo primeiro-ministro socialista espanhol assenta na convicção de que um Partido Socialista pode e «deve sacrificar-se num consenso mais amplo para a defesa das instituições e da democracia».

No entanto, os contornos precisos deste amplo consenso não foram definidos, o que, em áreas políticas e socialmente tão diferentes como a Europa e a América Latina, pressupõe práticas político-partidárias distintas.

Depois das Honduras o Panamá

Soldados americanos em manobras

Mais de nove mil soldados norte-americanos e oito mil panamenos iniciaram, hoje, no canal do Panamá as manobras «Kindle Liberty-83», que se prolongarão até ao dia 17.

O comando das operações militares considerou oportuno partir da hipótese de que uma «força

não convencional», integrada por 350 homens, ataque instalações civis e militares na zona do canal.

Neste sentido, o Exército actuará tendo em conta que grupos de pessoas, integradas em unidades armadas não regulares, se infiltraram no Panamá «esta-

belecendo contacto com organizações simpatizantes e bases de apoio logístico dentro da área de operações, num esforço por distrair da suas missões a Guarda Nacional e o comando sul dos Estados Unidos».

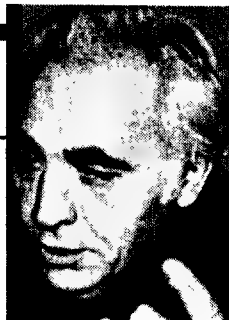
Nas manobras militares participam três batalhões, integrados

por forças de infantaria, unidades da Marinha e da Força Aérea.

Dados apresentados aos jornalistas, no início dos exercícios, referem que o custo global das manobras será de 4,2 milhões de dólares.

entrevista

Peter
Diulgerov



Continuação da pág 2

classe, no nosso país. Os sindicatos deram um grande contributo à luta revolucionária, à vitória do socialismo, e têm sido artífices da edificação da nova sociedade. É evidente que sabemos aquilo que o Ocidente, por má-fé, na maior parte das vezes, por ignorância absoluta, noutros casos, diz sobre os sindicatos nos países socialistas em geral e na Bulgária em especial. As calúnias de uns e a ignorância de outros não conseguem alterar as realidades existentes. E aquilo que realmente se passa com os sindicatos búlgaros é o seu papel activo em todas as esferas do nosso desenvolvimento. Os sindicatos participam de pleno direito na elaboração da política económica e na sua execução. Através dos sindicatos, os trabalhadores participam na solução dos problemas económico-sociais e no desenvolvimento do país. O facto de no Ocidente se dizer que os nossos sindicatos são «apêndices do governo» é desmentido pela realidade: os sindicatos exercem a sua actividade em plena independência em relação aos órgãos de Estado. Como é evidente, existe

entre os sindicatos e esses órgãos uma interligação. A razão disso é simples: a política do governo tem os mesmos objectivos que os sindicatos. Existe um fim comum: satisfazer cada vez mais plenamente as necessidades crescentes da classe operária e dos trabalhadores no seu conjunto. Para atingirem estes objectivos, os sindicatos actuam como uma organização social dos operários e dos restantes trabalhadores. Têm poderes ilimitados de controlo social, primeiro dentro das empresas, depois sobre os próprios órgãos de Estado.

São os sindicatos que organizam os colectivos de produção, os seus órgãos de gestão e os aspectos sociais da vida da empresa. De tal forma que podemos dizer que os sindicatos são a força social decisiva para a solução de problemas cruciais como o do emprego em geral (seja-nos permitido notar que o «desemprego» é um fenómeno que pertence ao passado).

A campanha antibúlgara

Quisemos ouvir o que Peter Diulgerov tinha a dizer sobre as

acusações feitas no Ocidente contra a Bulgária no tocante ao atentado ao Papa, no dia 13 de Maio de 1981.

Foi com surpresa — disse-nos — que soubemos, através da imprensa italiana e doutros meios de Comunicação Social do Ocidente, dessa inconcebível acusação de envolvimento do nosso país no atentado contra o Papa. É evidente que essa acusação não tem qualquer fundamento e entra em contradição com toda a nossa ideologia, com toda a nossa política. O terrorismo é inteiramente alheio a essa ideologia e a essa política.

E acrescentou:

«Não existem, como se sabe, nenhuns fundamentos para tais acusações. Tudo começou com uma fotografia através da qual se pretendeu identificar o cidadão búlgaro, Sergei Antonov, com um dos presentes na Praça de São Pedro. Explicou-se depois que o homem fotografado era afinal um turista norte-americano. Fala-se agora em declarações de Ali Agca das quais se pretende inferir que esse terrorista esteve em ligação com Antonov. A verdade, porém, é que são já de todos conhecidos os contactos que o terrorista turco tem mantido com pessoas dos Serviços Secretos Italianos. A questão do apartamento de Antonov tão falada não passa de um artifício. Ainda que Ali Agca descrevesse perfeitamente o apartamento de Antonov, isso não seria surpreendente. É que o terrorista turco tem tido na prisão contactos com os serviços que já

citámos. E dá-se a circunstância de o apartamento de Antonov ter sido «visitado» várias vezes por gente desconhecida, de tal modo que essas «visitas» levaram o nosso embaixador em Roma a apresentar protestos ao governo italiano. Lembremos também que o alibi de Antonov já foi confirmado por muitas testemunhas. Não se sabe qual vai ser o desfecho desta intriga. De certeza certa, o que sabemos é que o Estado búlgaro e o cidadão falsamente acusado nada têm a ver com o caso.

Para o dirigente búlgaro, esta campanha «é uma acção preparada contra o nosso país, e, através do nosso país, contra os outros Estados socialistas. Procura-se, evidentemente, criar uma psicose que justifique e explique um perigo (inexistente, é claro) provindo dos países socialistas. Trata-se da linha política dos círculos imperialistas e reaccionários, tendente a provocar a deterioração das relações internacionais, a aumentar a desconfiança, a justificar a corrida às armas, a ampliar e «explicar» as atitudes discriminatórias contra os países socialistas».

E Diulgerov encerra o assunto, esclarecendo:

«— Por nós, estamos a assistir, calmamente, a essa campanha. Nada disto é novo para nós. Estamos habituados a enfrentar acções deste tipo montadas contra nós pelo imperialismo e pela reacção. Esta campanha vai ser derrotada como tantas outras o têm sido.»

Uma última questão: o papel da Bulgária na luta pela Paz.

Uma resposta breve, mas clara:

«— A Bulgária é um país pequeno, que, no entanto, tem desempenhado um papel activo e dinâmico na cena internacional. A política externa do nosso país corresponde inteiramente ao carácter da nossa sociedade. Juntamente com outros países socialistas, a Bulgária tem proposto muitas iniciativas tendentes a desanuviar o clima internacional.

O presidente do Conselho de Estado da República Popular da Bulgária, Jivkov, propôs e tem sido um grande impulsor de uma acção muito importante para a transformação da península balcânica numa zona des-nuclearizada. Essa proposta, cada vez mais bem acolhida e compreendida nos países balcânicos, já recebeu respostas positivas da Roménia e da Grécia socialista. O nosso país luta activamente pela concretização desta proposta, que, evidentemente, exigirá muito esforço e muito tempo, dada a situação bastante complexa que se vive naquela península. Esta proposta relaciona-se directamente com a situação internacional, caracterizada pela sua complexidade, e está em inteira concordância com a posição da Bulgária, que, acima de tudo, deseja um clima de verdadeiro desanuviamento e confiança mútua, não só nos Balcãs, mas também em todo o mundo.»

Entrevista conduzida
por Alice Nicolau

Quimigal alarga negócios com Moçambique

A Quimigal encara a possibilidade de vir a candidatar-se ao aproveitamento industrial dos jazigos de gás natural de Pande, em Moçambique, revelou ontem à Anop um responsável daquela empresa portuguesa.

Neste momento, referiu Jaime Figo, director da divisão de produtos químicos da Quimigal, a empresa está a apoiar Moçambique como consultora técnica nos estudos preliminares da concepção do projecto.

As reservas de gás de Pande, na província de Inhambane, são calculadas em cerca de 15 mil biliões de metros cúbicos, tendo já sido decidido pelas autoridades utilizá-lo como matéria-prima na produção de adubos azotados.

A Quimigal tem estado nos últimos anos a alargar os seus interesses em Moçambique, que se transformou já no principal mercado africano das suas exportações e no mais importante parceiro da sua cooperação externa.

Os seus interesses incluem posições maioritárias no capital de empresas agro-industriais e de têxteis, além de garantir assistência técnica a unidades estaduais dos mesmos sectores.

No campo da cooperação a Quimigal deve concluir dentro de um mês um plano de desenvolvimento da indústria local de pesticidas, depois de em Novembro ter procedido à recuperação de uma unidade do sector.

10º
ANIVERSÁRIO
1973 - 1983

GIBEL
CABELEIREIRO DE SENHORAS



Para si criámos o sistema GIBEL que nos permite ser mais rápidos e mais económicos além disso abolimos a gratificação.
das 8 h às 20 h

Cç. do Sacramento, 38 — LISBOA

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA

CERTIFICO para efeitos de publicação que por escritura de 18 de Janeiro do corrente ano, lavrada de fls. 50 a fls. 51 v.º, do Livro 45-C, para «Escrituras Diversas», deste Cartório, entre CARLOS ALBERTO CABRIZ JORGE e mulher MARIA LUISA SIMÕES DA LUZ JORGE, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes: 1.º A sociedade — adopta a firma «CABRIZ & JORGE, LIMITADA», tem a sua sede no lugar da Venda do Pinheiro, freguesia do Milharado, concelho de Mafra, e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje. — 2.º O seu objecto é a indústria da construção civil, obras públicas, aterros e desaterros, podendo — com prévio acordo dos sócios — ser explorado qualquer outro ramo de comércio ou indústria, permitido por lei. 3.º O capital social é de 2.000.000\$00, integralmente realizado — em dinheiro, correspondendo à soma de duas quotas de 1.000.000\$00, uma de cada sócio. — 4.º A gerência da sociedade — dispensada de — caução com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral — será desempenhada por ambos os sócios que, desde já, ficam nomeados gerentes, sendo suficiente a assinatura de qualquer dos sócios para obrigar a sociedade em juízo ou fora dele, nomeadamente, em actos e contratos. § 1.º — É vedado aos gerentes o uso da firma social em actos e documentos estranhos à sociedade, tais como letras de favor, fianças, abonações e outros semelhantes, — sob pena de ser individual e não social a responsabilidade assumida. § 2.º — Os gerentes poderão delegar nos sócios ou em pessoa estranha à sociedade, todos ou parte dos seus poderes, mediante o respectivo mandato. 5.º A cessão de quotas e a sua divisão é permitida entre os sócios, dependendo a cessão a estranhos do consentimento expresso do outro sócio, ao qual é reservado o direito de preferência. 6.º As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios, com a antecedência mínima de 8 dias, sempre que a lei não exija outras formalidades.

Está conforme o original. Mafra, 2 de Fevereiro de 1983

O Ajudante,
Maria Manuela Beirão Cimaço Delgado

NOTARIADO PORTUGUÊS

1.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Rua dos Douradores, 135-2.º
Notária: Zulmira da Natividade Martins
Neto Lino da Silva

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de cinco do corrente mês exarada de folhas dez verso a folhas onze verso do livro número três-H de escrituras diversas deste Cartório, foi modificado parcialmente o pacto social (com transferência da sede social) de «Aluções-Comércio e Indústria de Aluminios e Aços, Limitada» quanto ao artigo primeiro que passou a ser do seguinte teor:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a denominação de «Aluções-Comércio e Indústria de Aluminios e Aços, Limitada» — tem a sua sede e domicílio na Rua A, à Rua do Galvão, Quinta de Santa Rosa, sem número, freguesia de Camarate, concelho de Loures, e durará por tempo indeterminado, a contar da data da sua constituição.

Está conforme.
Lisboa, sete de Janeiro de mil novecentos e oitenta e três

O Ajudante
a) Alberto Vila Rodrigues

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de Confecções

Av. João XXI, 5-D — 1000 (Metro Areeiro)
Rua Infante 16, 55-G — 1300 LISBOA



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5968, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Torres Vedras, de uma nova linha aérea a 10 kV, N.º 1265/R-3, com 243 metros, entre o poste n.º 1 da linha N.º 1265/R-2, ao posto de transformação N.º 2863-C, de Baptista Carlos dos Santos, e sito em Cucos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 28 de Janeiro de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5952, Arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Torres Vedras, de uma linha aérea a 30 kV, n.º 3114/R-11, com 20 m, do apoio n.º 3 da linha n.º 3114/R-10 ao PT n.º 2888-C, dos Serviços Municipalizados da CM de Torres Vedras, em Malhada.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 28 de Janeiro de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5950, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Torres Vedras, de uma linha aérea a 10 kV, n.º 374/R-46, com 128 m, do poste n.º 126 da linha n.º 374 ao PT n.º 2881-C dos Serviços Municipalizados da C.M. de Torres Vedras, em Malhadinhas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 28 de Janeiro de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

DESPORTO

ponta esquerda

Arbitros de futebol: posição firme

Comunicado público da Associação Portuguesa de Árbitros: «A direcção da Associação Portuguesa de Árbitros hoje reune, e face à onda de violência que grassa nos campos de futebol de todo o país, em que a clubite exacerbada exige seja de que modo for a vitória do seu clube (vide casos recentes) alerta todos os árbitros para o seguinte:

1) Sempre que se verifiquem incidentes com as equipas de arbitragem, solicitar pelas vias legais a não actuação no campo do prevaricador até à conclusão do processo de inquérito.

2) Exigir que após a conclusão do mesmo o clube que vier a ser penalizado compra o que se encontra legislado em decreto-lei sobre a matéria.

3) Repudiar todas as afirmações descabidas e tendenciosas visando os árbitros e proferidas por pessoas altamente responsáveis, que mais não fazem que atear grandemente a fogueira, quase que convidando os assistentes à indisciplina.

4) Solicitar aos Comandos Gerais da GNR e PSP o maior rigor e vigilância na manutenção da ordem, e exigir aos mesmos a identificação dos agressores para imediato procedimento criminal.»

Henrique Calixto:

sem qualquer razão de queixa

O treinador Henrique Calixto, do Salgueiros, afirma não ter «qualquer razão de queixa» dos árbitros que têm dirigido os encontros da equipa nortenha. Calixto acrescenta, ainda, que nunca viu ou ouviu um técnico dizer bem de um árbitro «quando este beneficia à sua equipa».

GNR chamada a intervir perante desmandos nos campos

Comunicado do Comando-Geral da GNR sobre incidentes em campos de futebol:

«Na zona de acção do dispositivo da Guarda Nacional Republicana, registaram-se os seguintes casos:

«a. 6 Fev: Em Silvã/Mealhada/Anadia, um jogador agrediu o árbitro, pelo que o desafio terminou antes do tempo regulamentar.

«b. 6 Fev: Em Bustos/Anadia, houve invasão do campo. Os elementos da Guarda Nacional Republicana presentes evitaram a agressão ao árbitro e jogadores.

«c. 6 Fev: Em Ourenã/Cantanhede, no desafio de futebol entre as equipas de Ourenã/Meãs Campo, a assistência afectada aos dois clubes envolveram-se em desordem. A Guarda Nacional Republicana sanou os incidentes.

«d. 6 Fev: No campo de futebol Fiães/Feira/S. João da Madeira, no final do jogo Fiães/Arifanense, assistência do clube local invadiu o campo com fim de agredir a equipa de arbitragem. A Guarda sanou o incidente.

«e. 6 Fev: Em Campo Outeiro, no jogo entre as equipas Vasco da Gama/Rebordosa AC Paredes (campeonato distrital da 3.ª Divisão) assistentes afectos às duas equipas envolveram-se em desordem. A Guarda Nacional Republicana sanou o incidente.

«f. É de referir que, na semana anterior, se registaram seis incidentes em campos de futebol patrulhados pela Guarda Nacional Republicana e que desde o início do ano já se registaram 29, todos eles sanados pela intervenção dos elementos do Corpo Militar, que é a GNR.»

Federação de Futebol sem tempo para receber Sporting e Benfica

Sporting e Benfica manifestaram à Federação de Futebol estranheza pelo facto de a audiência por eles solicitada ter sido marcada apenas para o próximo dia 25. Em telex enviado ao presidente daquele organismo (Romão Martins) os dois clubes afirmam não poder compreender que um pedido de audiência urgente seja interpretado para cerca de três semanas de prazo, como lhes foi respondido. Na mensagem, as direcções do Sporting e do Benfica referem que a audiência solicitada diz respeito à comunicação de assuntos urgentes e da maior importância para os nossos clubes e para o futebol português.

Depois de voltarem a solicitar que o presidente da FPF receba os representantes dos dois clubes o mais depressa possível, alertam que a dilação qualquer que seja, é susceptível de acarretar piores consequências e irreparáveis prejuízos.

Sporting e Benfica solicitaram a audiência ao presidente Romão Martins logo após declarações feitas pelo técnico do FC SC Porto (José Maria Pedrito) a um jornal nortenho, em que se insinuava contra as arbitragens e ameaçava com medidas drásticas que poderiam vir a ser tomadas pelo clube das Antas e seus adeptos.

Última hora: Romão Martins acaba de resolver atender os presidentes do Benfica e do Sporting pelas 18 e 30 de 2.ª feira próxima.

Quem vai autorizando isto?

Em «A Bola», de hoje, pela pena do jornalista Álvaro Braga: «Na semana passada, o Conselho de Disciplina da FPF puniu com dois jogos de suspensão os jogadores Vassalo e Silva do Salgueiros. E este obteve o acordo do Ermesinde para antecipar para sexta-feira dia 4, o jogo da «Taça A.F. Porto» da jornada daquela competição marcada para 11 de Maio. Realizando o jogo mais de três meses antes da data precisamente marcada, o Salgueiros pode fazer cumprir as suspensões daqueles dois jogadores, que alinharam, domingo passado, contra o Estoril.

«O processo tem sido criticado. Mas continua a ser possível. E os clubes, naturalmente, aproveitam-se dele».

O antigo «internacional» de hóquei em patins António Livramento (actual treinador do Sporting) é o novo seleccionador nacional de seniores, sucedendo a Júlio Rendeiro que, na época passada, reconquistou o título de campeão mundial para Portugal, formando dupla com António Livramento, na altura o treinador da selecção.

Políticos à frente do Académico de Coimbra

Almeida Santos, que preside à nova Assembleia Geral do CAC, falou da mística que impulsionou a antiga Associação Académica, e que continua a animar o actual clube.

«Tal mística, há-de ajudar-nos a vencer o desafio difícil, desde que todos se comprometam a não invadir o campo», disse Almeida Santos.

Numa alusão à circunstância de os três principais órgãos de corpos gerentes serem presididos por outras tantas figuras políticas de partidos diferentes, Almeida Santos advertiu que «ainda se não tratava do bloco central».

Mota Pinto, que preside ao conselho fiscal, não pode, por ausência em Lisboa, assinar o acto da posse, telefonando a justificar a falta.

Diversas mensagens foram recebidas, oriundas de clubes desportivos e personalidades ligadas às suas direcções, assinalando-se a presença na cerimónia dos presidentes dos clubes; União de Coimbra e Beira-Mar, de Aveiro.

Além da meia centena de pessoas que integram os corpos gerentes do CAC e tomaram posse, assistiram ao acto algumas centenas de adeptos do clube.

As presidências dos corpos directivos do Clube Académico de Coimbra (CAC) estão a cargo, desde ontem, de Mota Pinto, Almeida Santos e Jorge Anjinho,

após cerimónia de posse realizada na sede da Associação Comercial e Industrial.

A transferência de poderes dos antigos para os actuais corpos gerentes do CAC foi presidida pelo governador civil de Coimbra, Dias Loureiro, estando também presente Mendes Silva, presidente do Executivo Municipal.

Os presidentes da assembleia geral e da direcção cessantes, João Moreno e Ezequiel Umbelino, aludiram, no acto, às dificuldades suportadas pelo clube desde há cerca de dez anos.

«Agora ele está a viver um momento histórico, pois foi possível reunir no actual elenco directivo, um grupo de figuras de escol capazes de desenvolver o

CAC» — acentuou Ezequiel Umbelino.

Também o presidente da Associação de Futebol de Coimbra, Guilherme de Oliveira, se referiu às dificuldades financeiras do CAC: «tem vivido uma marcha de calvário e a associação a que presido tudo tem feito para ajudar, mas ela é tão pobre como ele» — disse Guilherme de Oliveira.

Jorge Anjinho, presidente da nova direcção, anunciou para breve um programa de acção para sustentar o endividamento do clube.

«Vamos tentar o milagre da sua salvação, restabelecendo as suas finanças, refazendo os seus quadros, alegrando os seus adeptos» — prometeu o novo dirigente.

Golfe:

«Amendoeiras em Flor»

O profissional Henrique Paulino venceu a prova principal (pró-Ven) do 7.º Campeonato das Amendoeiras em Flor, «que durante cinco dias decorreu no campo do Clube de Golfe Palmarens (Lagos). Henrique Paulino bateu Domingos Silva no desempate, no 37.º buraco. O jogador do Clube de Golfe do Estoril tinha feito um total de 152 pancadas, tal como Domingos Silva (do Clube de Golfe Quinta

do Lago). Na 3.ª posição ficaram Luis Espadinha (CG Palmarens) e P. Jones (Inglaterra), ambos com 155 pancadas. O 1.º classificado recebeu um prémio de 60 mil escudos, cabendo aos 2.º e 3.º classificados, respectivamente, 40 e 30 mil escudos.

Disputou-se, também, na modalidade «stableford», em duas voltas, a 2.ª edição do troféu «Duarte Borges Coutinho», em que, no sector masculino, triunfou o inglês E. Cook (com 36 pontos), seguido do seu compatriota Batraman e do português António Correia (ambos com 35 pontos). Em senhoras o êxito coube a M. Hewett (Inglaterra), com 31 pontos, seguida das suas compatriotas L. Donn (28) e Moseley (27).

A Central de Cervejas instituiu, com carácter de permanência, o troféu «Duarte Borges Coutinho» para ser disputado neste Torneio Anual de Golfe denominado «Amendoeiras em Flor». Na edição deste ano, a entrega da taça que tem o nome do saudoso desportista, foi feita pela sua viúva, D. Ana Maria Borges Coutinho.

Algarve: carnaval desportivo

O desporto, para além dos programas carnavalescos, estará em destaque no Algarve, durante o fim-de-semana prolongado que termina na 4.ª feira. Competições de futebol, ciclismo, ténis, golfe e vela estão programadas para várias zonas da região.

O 6.º Torneio Internacional de Futebol Juvenil (em que participam as selecções de Portugal, França, Finlândia e Dinamarca) inicia-se hoje em Lagos, prosseguindo amanhã, em Faro, para terminar 3.ª feira, no estádio do Portimonense.

Em vela, destaque para o nono «Torneio Internacional do CIMAV» iniciado com a concentração dos 500 velejadores na Marina de Vilamoura.

Outra prova em destaque, que se disputará naquela vila, é o segundo «Torneio Internacional de Ténis», no qual participam tenistas nacionais e estrangeiros, entre os quais o vice-campeão nacional Miguel Soares e o campeão da cidade de Nova Iorque.

● Hoje, realiza-se, a 3.ª jornada do torneio de futebol feminino, organizado pela Delegação Regional de Faro da DGD, encontrando-se marcados os seguintes jogos em Portimão: Ptaluziense, às 16 h e em Olhão: Ass. Est. Esc. Sec. Olhão - A. Pró-Casa Cult. (Loulé), 16 h.

● O Louletano Desportos Clube, com a colaboração da Câmara Municipal de Loulé, Associação de Atletismo de Faro e Comissão Distrital dos Juizes de Atletismo, leva a efeito amanhã o 9.º Grande Prémio Internacional do Carnaval de Loulé, prova pedestre para atletas nacionais e estrangeiros, que decorrerá em torno de todas as placas da Avenida José da Costa Mealha (Loulé).

● Organizado pela delegação regional de Faro da DGD, efectuar-se-á nos dias 13 e 14 do corrente, um torneio quadrangular de andebol, na categoria de juvenis femininos. Os jogos terão lugar no pavilhão da Escola Secundária de Tavira, amanhã, a partir das 15 horas:

Clube de Vela de Tavira - Clube Náutico do Guadiana e Clube Académico de Alcochete - Sporting Lisboa e Benfca. Na segunda-feira, a partir das 15:00 entre vencidos (3.º e 4.º lugares) e final (1.º e 2.º lugares).

Organizado pelo Grupo Desportivo Beira Mar (Monte Gordo), com o apoio da Delegação Regional de Faro da DGD, Federação Portuguesa de Lutas Amadoras, Comissão Central de Árbitros de Lutas Amadoras, Governo Civil do Distrito de Faro e Câmara Municipal de Vila Real de Santo António e, com o patrocínio do Casino de Monte Gordo e UNICER, realizar-se-á, amanhã, no pavilhão municipal de Vila Real de Santo António, o I Torneio Internacional de Lutas Amadoras Algarve/83, no horário compreendido entre as 9.30 e as 12.30 horas, estando presentes as seguintes equipas: Grupo Desportivo Beira Mar, Sporting Clube de Portugal, Seleção de Inglaterra, Seleção de Lisboa, Seleção da Guarda e Seleção do Algarve.



João Alberto: com o apoio da «Revista Nova» (Entroncamento) tenta uma proeza

Andarilho quer tentar o «Guinness»

João Alberto é 1.º cabo para-quedista em Tancos, tem 23 anos e é praticante de atletismo desde os 11 anos. Atleta amador do Clube de Atletismo dos Olivais, desde há alguns anos interessando-se por provas de fundo, pretende bater o recorde de resistência registado no «Guinness-Book», actualmente pertencendo a Bertil Jarlaker (da Suécia) que em 1980 gastou 5 dias, 1 hora e 54 minutos para percorrer 568 quilómetros. Para tal, João Alberto, que treina diariamente 50 quilómetros, realizará duas provas iniciais que considera simultaneamente como teste e preparação, antes da prova decisiva que terá lugar no início de 1984. A primeira prova, que é designada por Transalgarve, tem início hoje em Vila Real de St.º António e terminará no dia 14 no Cabo de S. Vicente, num total de 171 quilómetros.

Comissão de atletas do COP

Carlos Lopes (atletismo), António Roquete (judo) e Raul Dinis (halterofilismo), todos com participação olímpica, foram considerados pelo Comité Olímpico Português para integrarem a Comissão de Atletas do COP. Os restantes sete elementos daquela comissão são os seguintes: Rosa Mota (atletismo), Anabela Fernandes (ténis de mesa), Paulo Azevedo (natação) e João Pedro Rosa (vela), nos desportos individuais; Vasco Lince (râguebi), Humberto Silva (voleibol) e João Marrafa (futebol), nos desportos colectivos.

Próteses Auditivas, Laringes Electrónicas, Pilhas e Acumuladores, Tampões Isolantes Acústicos, Audiómetros, Independancímetros, Cabinas Insonoras, Instrumentos de Reeducação de Fala e Audição, Sonómetros, Pilhas de todas as voltagens.



GERENTE
ILIDA CAPINHA
Eng.ª Electrotécnica

CASA SONOTONE

SERVIÇOS TÉCNICOS ESPECIALIZADOS E ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDA

Poço do Borratém, 33, s/L — 1100 LISBOA — Tels.: 868352 - 865978
Praça da Batalha, 92, 1.º — 4000 PORTO — Tel.: 02315602

DESPORTO

ponça esquerda

"O Jornal" lança: Artur Jorge poeta

No Solar do Loreto (Rua da Emenda, 107, Lisboa) o nosso prezado colega «O Jornal» reuniu companheiros da Comunicação Social para o lançamento do «Vértice de água» (livro de poemas de Artur Jorge) e «Livro de histórias» (da autoria do escritor brasileiro João Ubaldo Ribeiro, que teve honras de texto apresentador por Jorge Amado). Muita gente em festa de amizade, nada de pala-

vriado oco, a promessa de continuarem as edições de «O Jornal» com «Lucialima», de Maria Velho da Costa, a presença extremamente agradável de João Ubaldo Ribeiro e, longe da vista (Artur Jorge, no Algarve, acompanhando no seu doloroso transe a família de Mário Belo) a estreia de um antigo «internacional» e hoje técnico de futebol num campo onde faltava a aventura de um desportista moderno.

Pinheiro Machado: desagravo público

Uma comissão formada por Germano Campos, José Maria Gaspar, dr. Fezas Vital, dr. Roman Navarro, eng. Hélder Viegas e dr. Matos Chaves, todos da Comissão Eleitoral do Benfica, e por Armando da Costa Ribeiro, Manuel da Luz Afonso, José Ricardo Domingos, Plácido Sottomayor Abreu, António José Silva Alegria e Júlio Campos, sócios do clube, organiza, no próximo dia 11 de Março, uma homenagem a Justino Pinheiro Machado, como forma de desagravo público pelos enxovalhos a que este «águia de ouro» foi sujeito na última Assembleia Geral, onde houve quem não só não o deixasse falar, mas também o insultasse. A homenagem assume a forma de um jantar, no Restaurante da Feira das Indústrias, pelas 20.30 horas, podendo as inscrições ser feitas, directamente para o local (telefone 645700) ou pelos telefones 734768 ou 730530.

Samuel: não houve "doping"?

Samuel (defesa do Rio Ave que, há pouco tempo, foi abrangido pela lei do controlo anti-"doping") actuou na equipa vilandense na partida com o Sporting, facto que causou algum espanto. A verdade, é que o pedido de contra-análise resultou num novo processo, que provavelmente trará algumas vantagens para o jogador, que neste momento é considerado «réu involuntário» já que o produto ingerido (Casfen) serviu para atenuar uma dor de dentes e não é mais que um estimulante relaxante.

Vitorino: no Boavista três anos por 10 mil contos

O Boavista contratou Vitorino (dianteiro do Espinho) numa operação rodeada do maior sigilo. O contrato é válido por três épocas, ficando o clube do Bessa com a opção por mais uma temporada.

A conclusão do contrato com o jogador do Sporting de Espinho ocorreu em invulgares condições.

Vitorino terá sido praticamente sequestrado junto à residência da namorada, perto de Miramar e convidado a assinar pelos axadrezados, mediante uma boa oferta: 10 mil contos por três anos. Este contrato foi concretizado após o interesse inicialmente manifestado pelo Benfica, que tinha contactos com o jogador e pelo Sporting, pelo FC Porto e pelo Vitória de Guimarães, que também entrou no jogo de procura.

Vitorino Belinha (25 anos) iniciou-se em Paços de Brandão na época de 72/73, onde se manteve até à temporada de 78/79, altura em que o Sporting de Espinho o contratou. Actualmente é um dos convocados da selecção olímpica. Seu irmão, Joaquim Belinha, a actuar na Sanjoanense, jogou já no Boavista durante dois anos.

Apesar de Valentim Loureiro continuar a negar o interesse do Boavista por Alves, sabe-se que o futebolista do Benfica foi já contactado para ingressar no Bessa, na próxima época.

Diz-se que Alves desempenharia as funções de jogador-treinador. Por seu lado, Carlos Manuel esteve no Porto, onde contactou o clube presidido por Jorge Nuno Pinto da Costa, uma vez que cairam num impasse as suas negociações com o Benfica. O Boavista parece ter-se adiantado, uma vez mais, para a hipótese de aquisição deste futebolista. Os axadrezados têm sentido grandes dificuldades na renovação dos contratos dos seus jogadores Adão, Artur, Nelinho e Palhares. A aquisição de Vitorino, num «golpe-relâmpago», complicou este assunto, independentemente de terem logo surgido reacções negativas por parte dos clubes do Norte, dado um «pacto de não-agressão», em tempos assumido.

Futebol portuense: processos-crime

Na sequência dos problemas surgidos em redor da Associação de Futebol do Porto e relacionados com as eleições para a Federação de Futebol, a Direcção da Associação de Futebol do Porto deliberou instaurar processos disciplinares e também processos-crime contra os presidentes das direcções do Salgueiros e FC Foz.

Pugilista bate na mãe

Hilário Zapata, campeão do mundo de boxe da categoria de mínimos (versão WBC), foi condenado a 55 dias de prisão pelo tribunal de San Miguelito, nos arredores de Panamá, por ter ferido a mãe numa discussão. Zapata terá no entanto a possibilidade de pagar uma multa correspondente à importância da condenação, mas cujo montante não foi revelado. Para condenar Zapata, o juiz baseou-se nas acusações da mãe do pugilista e nos certificados médicos que apresentou. Segundo testemunhas, uma pistola pertencente ao campeão do mundo teria mesmo surgido durante a discussão...

Nacionais de futebol Benfica visita o Salgueiros: boa cortesia ou grande problema

O Sporting, jogando em Alvalade, espreita, nesta ronda do campeonato nacional de futebol, a possibilidade de se aproximar do Benfica e do FC Porto, que o antecederam nos dois primeiros lugares da classificação. Os detentores do título, moralizados pelo triunfo alcançado há uma semana (em Vila do Conde) recebem no seu recinto o Amora, enquanto o Benfica e o FC Porto actuam na condição de visitantes no campo do Salgueiros e em São João da Madeira.

Prevê-se uma jornada calma para o Sporting, que em casa apenas cedeu um ponto frente ao FC Porto, mas o mesmo não se pode dizer do Benfica que mais uma vez é chamado a intervir na denominada «campanha do Norte». No mesmo pedalado onde vai evoluir o «líder» do campeonato, deixou o FC Porto um ponto, o que, de alguma forma, pode constituir um sério aviso para quantos encontram na diferença pontual entre os dois contendores a chave do resultado.

O FC Porto, a três pontos do Benfica (que, por sua vez desfruta de uma vantagem de seis pontos sobre os «leões»), tem uma viagem curta São João da Madeira para defrontar o Sporting de Espinho. Equipa que tem feito um campeonato mais regular fora de casa do que no relvado emprestado pela Sanjoanense, o Espinho poderá não ser um adversário macio para os portistas que, no entanto, moralizados pela boa embalagem que levam, partem ao primeiro apito do árbitro na condição de naturais favoritos.

Na Póvoa de Varzim, desenrola-se um jogo que tem já os adeptos locais em efervescência (com o 4.º lugar na mira) contando, naturalmente, com a possível ajuda do Vitória de Setúbal. É que o Vitória de Guimarães (na 4.ª posição, com 21 pontos) viaja até à cidade do Sado para um confronto que a RTP transmite, amanhã, em directo (às 21 e 30) e que, em princípio, poderá trazer sérias complicações à turma minhota, enquanto que os poveiros merecem favoritismo frente ao Estoril. Porém, não deverão os poveiros andar esquecidos de que os estorilistas (no 6.º lugar, a dois pontos do Vitória de Guimarães e a um ponto do próprio Varzim) têm, também, as suas ambições, a que se junta uma certa predestinação para actuar fora do seu terreno.

Voltando ao confronto de Setúbal: recorde-se que os sadinos foram na última jornada à Luz obrigar o Benfica a ceder o 1.º ponto no seu terreno e surgirão, assim, com o desejo de mostrar a



Benfica: último apronto foi em terreno pelado

milhões de adeptos, através das câmaras da TV, que esse não terá sido um êxito do acaso.

Braga e Rio Ave defrontam-se num jogo que poderá servir de desempate pontual entre ambos. Um e outro têm 18 pontos e o factor casa é bem capaz de pesar decididamente em favor

nientes, são os seguintes: Varzim (20) - Estoril (19); Salgueiros (14) - Benfica (31); Setúbal (16) - Guimarães (21); Boavista (13) - Marítimo (12); Espinho (16) - FC Porto (28); Braga (18) - Rio Ave (18); Sporting (25) - Amora (13) e Portimonense (15) - Alcobaça (9). Todos os encontros serão disputados amanhã, às 15 horas, com excepção para o Boavista - Marítimo, antecipado para hoje, às 15. Recordar-se que o Setúbal - Guimarães se processa amanhã às 21 e 30 (pela RTP).

Salgueiros: prémio

Ronda os 20 mil escudos o prémio individual dos jogadores do Salgueiros em caso de vitória sobre o Benfica. A propósito da turma do «Vidal Pinheiro»: o brasileiro Niromar treinou por lá mas não foi contratado.

Divisão 2

A 17.ª jornada do Campeonato Nacional da II Divisão é constituída pelos seguintes encontros na Zona Norte: Oliveirense (9 pontos) - Chaves (20), (0-2 na 1.ª volta); Penafiel (22) - Riopole (18), (1-1); Paços de Ferreira (20) - Gil Vicente (17), (2-2); Leixões (19) - Feirense (17), (1-1); Vizela (18) - Sanjoanense (18), (0-0); Famalicão (15) - Valonguense (15) (1-1); Bragança (7) - Leça (11), (2-3); e Valdevez (14) - Lourosa (16), (0-2). Não há, na Zona Norte, nenhum jogo antecipado.

Zona Centro: Covilhã (12) - Académico (25), (0-5); União de Leiria (20) - Nazarenos (14), (1-1); A. Viseu (13) - Estarreja (13), (0-2); Oliveira do Bairro (12) - Águeda (26), (0-1); Beira Mar (16) - Anadia (17), (0-0); Peniche (13) - Torriense (19), (0-3) hoje, às 15 horas; Estrela de Portalegre (12) - Benf. Castelo Branco (15), (2-2) hoje, às 15 horas, no Municipal de Portalegre; e União de

Recordando Mário Belo

Comunicado federativo: «Para conhecimento das Associações, Clubes seus filiados, Órgãos de Comunicação Social e demais interessados, comunica-se que a FPF deliberou que no início de todos os jogos das provas nacionais seja respeitado um minuto de silêncio em memória do colaborador e massagista das seleções nacionais Mário Belo falecido em 8 do corrente.»

dos bracarenenses, cujo comportamento no seu estádio é bem diferente do que costumam assumir em campo alheio.

Tarefa facilitada parece ter o Portimonense, que recebe o último da classificação, o Alcobaça: uma boa oportunidade para os algarvios se redimirem do pesado desaire sofrido há uma semana na Amora.

Finalmente, Boavista e Marítimo juntam-se num confronto onde se joga a mesma questão: fuga aos lugares da despromoção. Normal será o Boavista vencer, até porque os empates obtidos nas duas últimas jornadas frente ao Benfica (no Bessa) e ao Vitória de Guimarães (na cidade-berço) querem necessariamente dizer alguma coisa em termos de subida de forma.

Os encontros completos da jornada, com a respectiva pontuação de cada um dos interve-

Coimbra (16) - Rio Maior (13), (1-0).

Zona Sul: Sesimbra (17) - Farense (26), (0-6) hoje, às 15 e 30, em «Vila Amélia»; Quimigal (7) - V. Gama (13), (0-1); C. Piedade (13) - Atlético (15), (2-2); Lusitano (19) - União da Madeira (22), (2-2) hoje às 15; Nacional (18) - Juentude (15), (0-2); Belenenses (20) - Odivelas (12), (1-1); «O Elvas» (14) - Sacavenense (16), (0-1) hoje, às 15 e 30, em Campo Maior; e Olhanense (17) - Barreirense (12), (2-2).

A ronda, na generalidade, processa-se às 15 horas de amanhã.

Futebol para hoje

Campeonato Nacional da III Divisão, Série A: Merelinense - Coelima. Série C: Naval 1.º de Maio - Mealhada. Série D: U. Tomar - Nisa e Benfica e Sp. Pombal - Alvalázere (em Guia/Oeste). Série E: Atlético do Cacém - Oriental. Série F: Alvores - Estrela de Vendas Novas. Todos às 15 horas.

Campeonato Nacional de juniores, Série E: Atlético - SL Cartaxo, às 15 e 30.

Torneio Internacional de juniores do Porto, no estádio da Póvoa de Varzim: Bélgica - Holanda (14.30) e Portugal - Suíça (16 horas).

Torneio Internacional de juvenis no Algarve, no campo de Lagos: França - Dinamarca (14.30) e Portugal - Finlândia (16 horas).

Campeonato da Europa de seniores femininos: França - Portugal, em Pauillac, nos arredores de Bordéus, a partir das 14 horas (de Lisboa).

Varzim em Angola

José Torres escolheu os 18 jogadores do Varzim que se deslocarão dia 15 a Angola. O Departamento de Futebol anunciou que, além do técnico, do médico Moura Gonçalves, do massagista Manuel Moura e do roupeiro Manuel Vilaverde, seguem para Luanda os seguintes atletas: Lúcio, Djair, Vitoriano, Torres, Washington, José Albino, Belmiro, Albino, Pinto, André, Lima Pereira, Vilaça, Lito, Valdemar, Folha, Jarbas, Adão e Ailton. O calendário dos jogos, também divulgado inclui dois encontros entre o Varzim e o Progresso do Samzibanda, primeiro no Namibe (dia 17) depois em Luanda (a 19). «Primeiro de Agosto» será o outro adversário, disputando-se o encontro entre as duas equipas no dia 18, em Luanda. No campo social haverá uma visita à cidade e arredores e uma sessão cultural no dia 16. No dia 20, além de uma visita à ilha do Mussulo, dirigentes, técnico e jogadores serão recebidos

Continua na pág. 17

O traço de Pargana



«Vermelhos» do Norte vão estar em bicos de pés

Angola olímpica?

A selecção angolana está automaticamente apurada para a 2.ª eliminatória do torneio olímpico de futebol dos Jogos de Los Angeles: a qualificação de Angola resulta do anúncio de que o seu adversário na 1.ª eliminatória (a selecção do Níger) abandonou o torneio.

O Governo do Níger decidiu retirar a selecção de futebol de todas as competições internacionais até nova determinação.

A decisão governamental deve-se ao facto de a equipa do Níger ter vindo a evidenciar comportamento inaceitável nas competições internacionais, além de ter sido alvo de tratamentos inadequados, em particular no

recente encontro disputado com a selecção do Senegal.

No domingo o Níger foi eliminado pelo Senegal da «Taça da CEDAO», em condições que considerou irregulares.

Mundial de juniores

O Brasil e a Argentina qualificaram-se para o Campeonato do Mundo de Juniores de Futebol, em Junho próximo, no México. Resultados da jornada: Brasil - Uruguai, 0-0; Argentina - Bolívia, 3-2. Classificação: 1.º Brasil, 2 jogos, 3 pontos; 2.º Argentina, 2-3; 3.º Uruguai, 2-2; 4.º Bolívia, 2-0. A 3.ª e última jornada compreende hoje o duelo Uruguai - Bolívia e amanhã o Brasil - Argentina.

DESPORTO

Livramento: seleccionador de hóquei

António Livramento rende Júlio Rendeiro como seleccionador nacional de hóquei em patins. O antigo «internacional», hoje treinador-jogador do Sporting Clube de Portugal aceitou o convite federativo na condição de prolongar o trabalho feito ao lado de Rendeiro: recorda-se que a dupla reconquistou o título mundial em Barcelos.

Castigos

Um hóqueista da Académica da Amadora (João Paulo Leitão) foi punido pela Federação Portuguesa de Patinagem com oito jogos de suspensão, Vale (do FC Porto) e Jorge Costa (do Belenenses), sofreram três e cinco jogos de suspensão, respectivamente, enquanto o dirigente Gonzaga da Silva (Sporting) foi suspenso por 60 dias.

Relativamente ao campeonato de hóquei em patins da 2.ª Divisão, a FPP decidiu aplicar seis jogos de suspensão a Carlos Correia e quatro a Vítor Gomes, ambos do União Desportiva Rossense.

Seleção de Esperanças

Uma selecção portuguesa de

esperanças de hóquei em patins vai participar, dias 28 e 29 de Maio, num torneio quadricular na cidade francesa de Marselha. O convite foi dirigido à Federação Portuguesa de Patinagem pela sua congénere francesa, através do Ministério da Educação e Desportos de França. Na competição participam ainda Espanha, Itália e a representação do país organizador. O torneio é da iniciativa do Ministério francês da Educação e Desportos e destina-se à promoção da modalidade na região de Marselha, contando com o patrocínio da Rádio Monte Carlo. Os franceses convidaram as selecções principais de Portugal, Espanha e Itália, mas os dirigentes dos dois primeiros países puseram de lado essa hipótese devido ao facto de, em Maio, os seus melhores jogadores estarem envolvidos nas competições europeias de clubes. Por isso, está já assente que portugueses e espanhóis enviarão duas selecções de «esperanças».

F. C. do Porto regressa

Os jogadores de hóquei em patins do F. C. do Porto que partici-



Livramento: outra vez homem forte do hóquei português

param num torneio internacional na cidade brasileira de Sertãozinho evidenciaram à chegada ao Porto, enorme desgaste físico. A equipa das Antas obteve o 2.º lugar, pois perdeu com o Barcelona (vencedor), empatou no

penúltimo jogo mas ganhou os restantes encontros.

Os hoquistas foram surpreendidos com o manto de neve que os aguardava à chegada, depois de ter saído do Brasil com uma temperatura de 33 graus. As desgastantes viagens, a diferença de alimentação e de clima foram os motivos mais apontados por responsáveis e jogadores.

Alguns dos hoquistas afirmavam que podera vir a verificar-se, no decorrer do Campeonato Nacional, uma pequena quebra física, como consequência desta viagem, «o que não obstará a que continuemos na corrida pelo título», acentuou o treinador Vladimir Brandão. Esta digressão (afirmou Vítor Bruno) teve aspectos positivos: «Só colhi benefícios — disse o jogador, e adiantou que «andava a precisar de alguns jogos a sério para subir de forma».

Para o dirigente Ilídio Pinto, que chefiou a comitiva, «o F. C. do Porto aumentou consideravelmente o seu prestígio, já que os brasileiros gostaram bem mais das nossas exibições do que dos esonhoís, que passaram alguns jogos a congelar a bola».

DGD apoia Inatel e Casas do Povo

Um protocolo de cooperação foi assinado entre a Direcção-Geral dos Desportos, o INATEL e a Junta Central das Casas do Povo. O acordo, assinado na sede do Instituto Nacional dos Desportos pelo director-geral dos Desportos, prof. Lopes Marques, e pelos presidentes das restantes instituições (respectivamente Rui Seabra e Alcides Gouveia) prevê a cooperação na formação de quadros, na documentação, nas actividades desportivas e nos encargos financeiros. Para o prof. Lopes Marques, o protocolo contém po-

tencialidades que derivam do aproveitamento de uma rede de estruturas muito vasta. Rui Seabra (presidente do INATEL), disse que o acordo assinado culmina meio ano de reuniões que abrangem as delegações distritais do Instituto e prevê que o acordo torne máximo o aproveitamento das

condições existentes, reduzindo o seu custo. Alcides Gouveia formulou votos de que as Casas do Povo passem a ter uma acção mais valorizada de que o mundo rural poderá beneficiar.

MICROSCOPIO

Xadrez: torneio de estrelas

Os «grandes mestres» Efrin Geller (da União Soviética) e Gula Sax (da Hungria) substituem hoje o soviético Miguel Tahl e o alemão Robert Hubner no quarto torneio internacional de xadrez Liñares. A organização do torneio, o mais importante dos disputados até agora em 1983, e que hoje se inicia naquela cidade do sul de Espanha, recebeu ontem uma notificação de última hora sobre as substituições. A Federação de Xadrez da URSS informou que, por doença, o ex-campeão mundial Miguel Tahl é substituído pelo campeão soviético Geller, que desde há dois dias se encontrava em Liñares. Por outro lado, o alemão Hubner enviou um telegrama dizendo que por motivo de doença não pode comparecer no torneio.

O torneio de Liñares não perde a sua categoria de grau quinze na sequência destas substituições, pois tanto Geller como Gula Sax se incluem no grupo dos mais destacados «Grandes mestres» da actualidade. A ausência de Tahl contrariou xadrezistas ocidentais, pois consideram que o campeão soviético pode funcionar como apoio do campeão mundial Anatoly Karpov, do qual foi assessor em vários campeonatos do mundo. Tahl é tido como um xadrezista mais individual e combativo.

torneio angolano

O jugoslavo Barlov venceu o segundo torneio internacional de xadrez «Cidade de Luanda», ao bater na última jornada da prova, disputada ontem, António Fernandes, de Portugal. Barlov («mestre internacional») e António Fernandes encontravam-se separados, até à disputa da última jornada, apenas por meio ponto (o português em vantagem), facto que suscitou o maior interesse do público. Ao xadrezista luso bastava um empate para vencer o torneio, já que não tinha pedido nenhuma partida antes do seu jogo com Barlov.

António Fernandes perdeu com Barlov ao 16.º lance, depois de ter largado um «peão», terminando, assim, o torneio em 3.º lugar, imediatamente atrás do «mestre internacional» brasileiro Sunye. Os outros resultados da última jornada foram os seguintes: Kuaza - Kaabi (0,5-0,5), Silla - Cserna (0-1), Sunye - A. Nascimento (1-0), Francisco - Ribarov (0-1) e Briffel - A. Jorge (0-1).

A classificação: 1.º, Barlov (Jugoslávia), 12 pontos; 2.º, Sunye (Brasil), 11,5; 3.º, A. Fernandes (Portugal), 11,5; 4.º, Cserna (Hungria), 10,5; 5.º, Ribarov (individual), 7,5; 6.º, Kuaza (Zimbábue), 7; 7.º, A. Nascimento (Angola), 7; 8.º, Kaabi (Tunísia), 6,5; 9.º, A. Jorge (Angola), 4,5. O xadrezista Alexandre Nascimento foi o angolano mais bem classificado no

torneio, com o mesmo número de pontos (sete) que o zimbabueano Kuwaza.

Voleibol: Portugal vence

Portugal começou da melhor maneira o Torneio das Seis Nações de Voleibol, organizado pela federação luxemburguesa da modalidade, ao vencer a selecção do país organizador por 3-0. O triunfo dos portugueses foi obtido com os parciais de 15-6, 15-12 e 15-10 e o jogo pertencia à Série A. Em jogo da Série B, a Suíça venceu a Inglaterra por 3-0 (15-3, 15-11 e 15-10). Hoje, Portugal defrontará a Escócia.

A selecção portuguesa apresentou a seguinte formação: Humberto Silva, José Adelino, Ilídio Ramos, Nelson Puga, José Moreira e Carlos Queiroz.

Alcochete passeia

A equipa juvenil de andebol feminino do Grupo Académico da Juventude de Alcochete realiza, até 15 do corrente, uma digressão pelo Algarve e Huelva/Espanha.

Alcochete recebe

União Soviética, Hungria e República Federal da Alemanha confirmaram, esta semana, a sua presença no I Torneio Internacional de Andebol Feminino, a realizar em Alcochete de 26 a 31 de Março. Neste torneio irão estar presentes cinco equipas nacionais e cinco estrangeiras. Benfica, Sporting e Belenenses são três dos principais conjuntos que devem aderir à iniciativa dos alcochetenses, não tendo ainda confirmado as inscrições.

Boxe de 1.ª

A selecção da RDA de pugilismo amador venceu a sua homologa dos Estados Unidos por 7 a 5, num encontro disputado ontem à noite, em Schwerin. A RDA conquistou assim a sua 3.ª vitória contra duas derrotas, desde 1979.

O norte-americano Marvin Hagler conservou o seu título de campeão do Mundo dos pesos médios (título unificado) ao bater o britânico Tony Sibson, por K.O. técnico ao 6.º «assalto».

Máximos

Tiro ao arco

O soviético Boris Isaev bateu o recorde do mundo de tiro ao arco, a 25 metros de distância, durante uma sessão em Moscovo. Boris Isaev totalizou 588 pontos em 60 tiros. O atirador soviético fora já medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Moscovo. O anterior recorde mundial pertencia ao norte-americano Darrel Pace, com 586 pontos.

Ténis: Connors e Navratilova campeões escolhidos por campeões

Os norte-americanos Jimmy Connors e Martina Navratilova foram designados campeões do Mundo pela Federação Internacional de Ténis. Os títulos foram outorgados por um grupo de ex-campeões, após uma apreciação dos mais importantes torneios mundiais em que participaram os dois tenistas. Integravam esse grupo Don Budge, Fred Perry, Margaret Dupont, Althe Gibson e Ann Jones. Jimmy Connors (que sucede ao seu compatriota John McEnroe) conquistou os campeonatos dos Estados Unidos e de Wimbledon, em 1982. Quanto a Martina Navratilova destronou a também norte-americana Chris Evert-Lloyd, vencendo as finais de Wimbledon e o Roland Garros.

«Open Portugal»

O primeiro «Grande Prémio de Ténis de Portugal», um dos 32 do circuito internacional, terá um quadro de 32 jogadores, entre eles o sueco Mats Wilander e o espanhol Jose Higueras. Este

primeiro «Open» de Portugal, patrocinado por empresas nacionais (com especial relevo para uma de tabacos e outra de vinhos) decorre entre 4 e 10 de Abril e pretende ser a estreia de um «Grande Prémio» anual no País. Lisboa ficará assim com o «Torneio de Francforte», que dificuldades de financiamento puseram em causa.

O «Open» português totalizará 315 mil dólares (mais de 30 milhões de escudos) de prémios, dos quais 265 mil pagos no final e 50 mil revertendo para o «masters». O director do torneio (o alemão federal Hans Brucker) revelou em Conferência de Imprensa, que a despesa deste «Open» de Lisboa se eleva a 400 mil dólares (cerca de 40 milhões de escudos), o que Brucker classificou de **grande risco para os promotores**.

Wilander e Higueras, ambos classificados para o «masters» que em Janeiro se realizou em Nova Iorque, estão confirmados,

e o português Pedro Cordeiro também terá uma entrada directa, posta à disposição da Federação Portuguesa de Ténis.

O quadro principal do «Grande Prémio de Portugal» terá 32 tenistas, 28 com entrada directa e os restantes quatro a apurar num torneio de qualificação entre 16 jogadores: uma das entradas directas é reservada a tenista português.

O prazo para inscrição no primeiro «Open português» que conta para o «Circuito Internacional» termina em 24 do corrente, embora o director da prova tenha admitido dois ou três dias de tolerância, para que os mais destacados profissionais possam planear o seu próprio circuito entre os 32 «Grandes Prémios» anuais.

Em princípio de Março, uma outra conferência de Imprensa servirá para anunciar os 27 tenistas estrangeiros inscritos, esperando a organização ter entre eles alguns dos nomes mais sonantes da modalidade.

Wilander jogará no seu terreno preferido (terra batida) em «courts» do Estádio Nacional que, após 40 anos de vida sem obras, estão a ser reconstruídos e melhorados, designadamente um «court» principal que, em caso de chuva, será revestido por uma cobertura semelhante à utilizada em Wimbledon e que permite que o terreno não fique alagado e o jogo possa prosseguir depois da chuva.

Placard

Basquetebol: desenvolvimento

O seleccionador português de basquetebol aponta a necessidade de um plano a longo prazo que permita o regresso de Portugal ao Grupo B europeu da modalidade.

Urge traçar um plano de desenvolvimento da modalidade que aponte para que em 1988, a selecção nacional de seniores assegure a possibilidade de permanecer no grupo B — disse Jorge Araújo, seleccionador e coordenador-geral das selecções de basquetebol.

Os objectivos da selecção de seniores não podem limi-

tar-se ao curto prazo representado pela participação no grupo C do europeu, em Abril de 1984.

A concretizar-se a aspiração de Jorge Araújo, o nosso país entrará no lote das quinze melhores selecções europeias (subindo três lugares) o que, na opinião do seleccionador, já seria bastante bom, uma vez que não temos hipóteses de ir mais longe ou ultrapassar essa meta nesse espaço de tempo.

Jorge Araújo frisa que não teve ainda início a actividade da selecção de esperanças, considerada por aquele técnico como a base de apoio e renovação da actual selecção de seniores.

Futebol nacional

Continuação da pág. 16

no palácio do Governo, ao que se espera, pelo presidente Eduardo dos Santos.

A equipa varzinista será acompanhada nesta sua deslocação pelos directores da selecção de futebol, Adães Marques e Zacarias Couto, do presidente da direcção, (Lídio Marques), e do responsável pelas relações públicas (Bonfim Milhães).

O Presidente Eanes desejou aos varzinistas uma boa campanha desportiva por Angola, congratulando-se (disse o presidente varzinista) com a «ida de mais uma embaixada desportiva portuguesa ao país amigo que é Angola».

Outro brasileiro

Chama-se Tião Marçal, tem 27 anos e jogava no Cruzeiro de Porto Alegre, o futebolista brasileiro que está a chegar a Lisboa em direcção ao Restelo, em regime de «empréstimo» até final da temporada. Tião Marçal aderiu a um convite de associados do clube de Belém radicados no



Venâncio: o jovem defesa sportinguista recupera a que foi submetido cirúrgica a que foi submetido nas duas rótulas

Brasil, que conseguiram do Cruzeiro a cedência temporária do jogador.

Protocolo assinado no Porto

Festivais de cinema
fantástico
vão ter associação
internacional

A Associação Internacional de Festivais de Cinema Fantástico será criada em Março, em Madrid, durante a realização da quarta edição do IMAGFIC — foi anunciado oficialmente no Porto.

O protocolo, celebrado durante a realização do Festival Internacional de Cinema Fantástico do Porto (Fantasporto), que encerra, amanhã, foi assinado por representantes de quatro dos sete festivais mundiais cuja temática é o imaginário e o fantástico.

O documento foi sancionado por responsáveis do Festival Internacional de Madrid de Cine «Cine Imaginario y de Ciencia Ficción», Festival Internacional de Cine Fantástico e de Terror de Sitges (Barcelona), Festival Internacional do Cinema Fantástico et de l'Imaginaire de Bruxelles e Festival Internacional de Cinema Fantástico do Porto.

O protocolo agora assinado tem como objectivo a promoção de festivais de cinema fantástico junto dos realizadores, produtores e distribuidores «oferecendo-lhes garantias formais quanto à qualidade da organização dos festivais».

Dignificar o cinema de temá-

tica fantástica, «género que muitas vezes é explorado pouco convenientemente», constitui ainda uma das bases em que assenta o documento assinado por Mário Dorminsky (Portugal), Jorge Lluésma (Espanha) e Gilbert Verschooten (Bélgica).

O protocolo prevê também o intercâmbio de experiências e iniciativas, bem como a criação de um secretariado internacional que funcionará num dos países representados no acordo e que centralizará toda a actividade dos festivais.

Mário Dorminsky, director do festival do Porto, disse à Anop que as vantagens para o Fantasporto, decorrentes da assinatura do protocolo, são imediatas quer ao nível da promoção internacional da mostra, quer em relação à qualidade dos filmes que se apresentarão ao concurso nas próximas edições do festival.

«As vantagens para o Fantasporto vão ser com certeza imensas uma vez que o festival, apesar de ser considerado um dos melhores da Europa, não se vê convenientemente divulgado no estrangeiro» — sublinhou Dorminsky.

750 contos para o melhor livro
Grande Prémio de Romance e Novela

Um «Grande Prémio do Romance e Novela» no valor de 750 mil escudos, vai ser em Abril atribuído pela Associação Portuguesa de Escritores (APE).

O prémio será reforçado com verbas até 250 mil escudos para resumos da obra galardoada, em inglês, francês e espanhol, enviada às sociedades de autores e editores de 120 países, além de

outros apoios.

Só serão premiados livros à venda no circuito convencional do mercado livreiro e publicado, em primeira e integral edição no ano anterior, mas nunca a título póstumo ou como conjunto de obra de autor.

Patrocinam o prémio, entre outras entidades, o Instituto de Cultura e Língua Portuguesa,

Instituto Damião de Góis, Fundação Gulbenkian, Associação de Editores e Livreiros e Sociedade Portuguesa de Autores.

Sob proposta da Comissão Executiva do Grande Prémio de Romance e Novela a direcção da APE nomeará um júri «constituído por cinco individualidades de reconhecida competência em análise e crítica literárias para

apreciação das obras concorrentes, podendo entre elas incluir-se um escritor do género».

Para o prémio ser atribuído é necessária a maioria de 4/5 e não poderão ser conferidos prémios ex aequo. Só depois de um intervalo de dez anos o prémio poderá eventualmente ser atribuído a um escritor que já o tenha recebido.

Roda pé

José Duarte



«... descansas debaixo das palmeiras, tendo aos pés um leão familiar.»

A. de Quental

Um Janeiro
de Jazz (2)

O problema da aceitação do jazz, reside exactamente no que se entende por aceitação. Se vos dissessem, a um ouvido, que há um país com Rádio

e Televisão e Imprensa especializada em jazz, que esse país tem um mercado de discos pequenino, mas pertinente, e que nele, uma pequena quantidade de músicos o pratica com gosto desamparado, a ideia resultante era a de um país esforçado, tímido, mas empreendedor. Mas, se no outro ouvido, e ao mesmo tempo vos dissessem que, nesse país, o público não envelhece mantendo a preferência pelo jazz, não distingue sopranos de tenores, não decora temas e desconhece o tempo fraco, a confusão seria notável. Moral da história: nunca se devem dizer coisas diferentes, aos dois ouvidos, ao mesmo tempo.

Entre nós, a chamada aceitação do jazz é altamente discutível, mesmo com uma programação televisiva que, no mês passado, incluiu quatro horas de concertos de jazz, com nomes sonantes e qualidade musical apreciável. Aceitar, neste caso, é mais que receber ou consentir ou aceder, é reconhecer e aderir. É como um leão, que, só é leão, se não nos for familiar!...

A 8, vimos um concerto, cuja exibição chegou tão atrasada que, até, entretanto, o protagonista principal já tinha morrido. Como ninguém se importou com o referido falecimento (ou não sabiam?), a apresentação nem sequer mencionou o facto! As gravações também se apagaram!...

Refiro-me ao concerto realizado em Cascais, em Julho de 82, pelo grupo do pianista Al Haig. Era um quarteto, no qual o contrabaixista e o baterista cumpriram e o destaque foi para o pianista e para o saxofonista. Al era um personagem lendário do jazz, principalmente por ter tocado com Parker. Pianista frio, objectivo, sóbrio e preciso, dominava totalmente um estilo acabado, isto é, um estilo já todo decifrado e esgotado. O chamado «bop» puro, hoje, é uma das recordações e a base do êxito de algumas saudades contemporâneas. Só. E é muito. Ficou na retina a pose empertigada do músico, o débito quase automático, a agilidade de mãos, a rigidez do corpo.

No conjunto, o cirurgião ortopedista tocava saxofone. É um inglês muito simpático, que muito sofreu aqui, há uns anos, quando foi a Castelo Branco tocar com o trompetista Red Rodney. Ainda se lembrava do

pó das estradas tão estreitas como o corredor dos bastidores do teatro, onde não cabia o piano!

Art é aquele tipo de músico europeu, mais propriamente, inglês, que aprendeu e apreendeu tudo na escola afro-americana dos anos 40 e seguintes. É a linguagem (musical) estranha assumida, tão assumida que lhe já é própria, pessoal e quase natural. É uma expressão que ultrapassou o nível da influência e que passou a ser vivida. Foi um bom espectáculo de jazz com um pianista como Biblia e um saxofonista como pregador. E bem filmado.

A 15 apareceu Stan Getz rodeado de músicos jovens, num concerto realizado no princípio de 81. Este Getz, sempre muito cínico e afável, como todos os cínicos, tem especial aptidão para lançar e descobrir pianistas. Desde Silver a Brackeen, é uma tradição dos seus sucessivos e inúmeros grupos. Desta vez o rapaz em causa, Mith Forman, agradou sem entusiasmar, até porque na sua melhor prestação revelou evidentes e por de mais óbvias influências de mestre Jarrett, quando jovem. Talvez porque estivesse em Portugal, Getz apresentou um repertório próximo da expressão rítmica brasileira e originais dos jovens do quarteto que evidenciavam a frequência de boas escolas americanas de música. Cá para mim, foi um concerto difícil de gostar, porque foi escorrido e frio, tecnicista e distante, salvo as excepções (que aparecem sempre!) como aquele duo de tenor com percussão. Como se sabe, as companhias têm muita importância no comportamento duma pessoa (!). E aqui Getz não estava na melhor das companhias. Já todos o ouvimos tocar melhor e mais aquecido. Entretanto, a Televisão tem certas coisas...

Pode revelar a pobreza dum concerto que ao vivo pareceu bom, pode inverter a opinião sobre um espectáculo que lá na sala soou medíocre, pode até denunciar uma provocação, a

meia-voz, como aquela de Getz que após anunciar um tema se vira para os músicos e nos chama «burros». Enfim, o cínico de olhos azuis é, ainda, um dos grandes e raros tenores vivos. AS vezes!...

A 22 e 29 foi a vez do concerto de Dexter Gordon, realizado nos princípios de 82, em Lisboa, também. A ninguém escapou, nem na sala, nem em frente ao televisor, que Gordon, nesse dia, parecia estar em inquietantes condições de equilíbrio e discernimento. A sua apresentação dos temas, arrastava-se até ao limite do possível, a sua tentativa de castelhanês, roçou o penoso, a sua regência do tempo, qual maestro do invisível, sugeriu o mágico, mas assim que a palheta do tenor lhe entrava na boca, tudo se transformava como por inspiração sólida e segura. Dexter já deu o que tinha a dar e já deu muito e muito bom. Hoje repete-se, cita e cita-se, é o velho senhor revisitado.

Todos que o conhecem (Dexter é provavelmente o músico de jazz que mais vezes tocou em Portugal) sabiam que ele ia tocar aquilo e assim. Mas uma das grandes grandezas do jazz é que aquilo é sempre aquilo, mas o assim nem sempre o é. A pequena diferença chega para identificar um discurso, porque na música improvisada nada se cria, tudo se tenta!

Tal como acontecera em Cascais, num certo festival, e num ou noutro disco, quem reconfirmou a sua excelência, como tamborista, foi Eddie Gladden, um músico muito atento ao que os outros estão a tocar e exuberante em solo. Outro concerto bem filmado, se não fosse o eterno senão: filmar música — até hoje — é impossível, assim há que filmar músicos e instrumentos. Ou será que a câmara móvel deve tentar criar espectáculo e distrair os aficionados? Responda quem sabe, porque a mim dá-me prazer a dúvida!

Al... Estes programas passaram a seco, sem apresentação e apresentador, mas os músicos, ao que consta, estão ainda vivos...

FILMATAUS

A GRANDE
AVENTURA CONTINUA...OS SALTEADORES
DA COBRA DE
OURO

DAVID WARBECK • ALMANTA SUSKA • JOHN STEINER

ANTHONY M. DAWSON

INTERDITO A MEN. 13 ANOS

Interdito a menores de 13 anos

Em 5.ª semana

ROXY

CCE

CENTRO CULTURAL DE EVORA

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

NO TEATRO DO NOSSO TEMPO

PRAÇA JOSÉ FONTANA • TEL. 67 38 31

AUTO DA ÍNDIA
de GIL VICENTE

encenação MÁRIO BARRADAS

cenografia JOÃO VIEIRA

XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE, CIÊNCIA
E CULTURA

HOJE E AMANHÃ

De 3.ª feira a sábado: às 21h45

Sábado: Também às 16h00

Domingo: somente às 16h00

SÓ ATÉ DIA 20

— Rua Tenente Raul
Cascais, 1-A
1200 Lisboa
Tel. 66 15 15

Teatro da Cornucópia

ORATÓRIA

uma colagem de textos de
GIL VICENTE/CORNE/BRUCHTCURTA
CARREIRATodos os dias às 21.30 h
dom-17 h
seg-folga

Companhia de Teatro de Santarém

A Morte de Abjer — 'O Garanhão'

100% 'entretèinement'... e não só

O Centro Cultural de Santarém cria uma nova companhia de teatro profissional. Presentemente em digressão com o espectáculo *A Morte de Abjer* — «O Garanhão», sobre um texto de Prosper Merimée, autor francês do século dezanove, a Companhia de Teatro de Santarém revela um jovem encenador — Fernando Mora Ramos — e assume «a imaginação do 'artístico' e uma vontade imposta pela necessidade de vencer barreiras reais bem como as que derivam da inércia própria da mentalidade burocrata nacional que cria medos e fantasmas para fugir ao seu vazio».

José Pedro, um dos elementos da companhia: «O aparecimento duma estrutura teatral em termos profissionais surge da longa prática de teatro de amadores em Santarém, o distrito, ao que se sabe, com maior número destes grupos. Mas trabalhando de uma forma regular o produto final ressaltava-se em termos de qualidade. Pensou-se então na obtenção de apoio técnico e artístico. A companhia de Lisboa «Criações Teatrais» fundiu-se com um grupo de amadores local. Outras pessoas se nos juntaram. Dirigimo-nos ao Ministério da Cultura e numa primeira fase a companhia foi subsidiada com novecentos contos para a montagem de um espectáculo proposto. Esta era uma verba correspondente a quarenta por cento do nosso pedido. Cumprimos tudo o que nos foi imposto. Depois disso ficámos num impasse. Houve um acordo com o Centro Cultural de Santarém para a divulgação a nível distrital mas o atraso na atribuição de um novo subsídio fez-nos outra vez recuar. Era premente a necessidade de um novo espectáculo, diferente (o primeiro tinha sido *Romagem de Agravados*), de Gil Vicente, movível, sem grandes problemas de montagem para correr o distrito e outras zo-

nas. Pensámos no Fernando Mora Ramos, que estava no Centro Cultural de Évora e foi escolhida a peça «O Amor Africano», de Merimée, sobre o qual surge o espectáculo «A Morte de Abjer — 'O Garanhão'». Partimos sem dinheiro. Mais tarde foram atribuídos à companhia dois mil duzentos e cinquenta contos anuais, que chega para pouco se tivermos em conta uma folha de salários e encargos sociais de cento e setenta e oito mil escudos e os cento e oitenta e sete mil que recebemos. Ora com os nove que restam é impossível montar qualquer espectáculo e muito menos realizar um projecto, porventura ambicioso mas sério, com que havíamos sonhado. Executámos protocolos de acordo com o Centro Cultural Regional de Santarém e as câmaras distritais uma vez que não se trata de uma companhia apenas para uma cidade. Fazendo as contas de forma realista impôs-se reconverter as propostas, indo, no entanto, o mais longe que pudéssemos. Pretendemos ir a todos os lados onde exista gente e, fazendo-o, batalhar ao mesmo tempo por condições mais dignas e próprias para este ofício. Quero acrescentar que além desta actividade realizámos já um ciclo de cinema do

burlesco, com o apoio do centro, da Câmara Municipal de Santarém e do (FAOJ) Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis. Nele incluímos filmes de Chaplin, Buster Keaton, Jacques Tati, Peter Sellers e Irmãos Marx. Realizámos, também, um curso de teatro para amadores na Chamusca, num período de seis meses de trabalho e funcionamos com um grupo do Vale de Santarém onde assiduamente se desloca um dos nossos elementos. Prevemos outros apoios contando com a colaboração do centro e também da Associação Regional de Teatro de Amadores».

Fernando Mora Ramos
— um novo encenador

Fernando Mora Ramos, o encenador desta peça, viveu dos sete aos dezoito anos fora da metrópole. Integrou o Teatro dos Estudantes Universitários de Moçambique (TEUM) dirigido por Mário Barradas que, segundo afirma, «é um homem de teatro que ainda hoje considera um mestre». Em 1973 frequentou o Curso de Dramaturgia do Conservatório Nacional: «Não respondia aos meus interesses e tal como o curso muita coisa me surpreendia. Fiquei bastante confundido pelo contacto de

duas realidades: a de Moçambique e esta. Quase todos os meus colegas frequentavam o Conservatório por motivos laterais, extra-artísticos, praticantes de uma arte por acaso, fazendo da sua aprendizagem um modo de sobrevivência. Matriculei-me então na Faculdade de Filosofia. Surpreendido pelo vinte e cinco de Abril entrei na luta, fisicamente entendida. Aos vinte anos remei até Évora, onde uma equipa encabeçada por Mário Barradas formara o Centro Cultural. Compreendi que a minha experiência mais importante estava ligada ao Mário, às suas propostas e entusiasmos. Fui actor, encenador, monitor de cursos e co-responsável pela dinamização da área de amadores. Editámos mais de quarenta textos, peças e escritos teóricos».

Merimée/Clara Gazul
e «O Amor Africano»

«A convite de José Gil dirigindo este espectáculo em Santarém. É uma peça que faz parte de um conjunto a que Merimée chamou o *Teatro de Clara Gazul*. Clara Gazul tem uma biografia inventada que parece passar pela de um comediante espanhola. Era um jogo de sociedade, uma forma autopublicitária em direcção ao sucesso público e ao êxito na carreira. «O Amor Africano» não é um texto que faça monumento deste autor mas permitia-me uma certa iconoclastia, podia respirá-lo, transpô-lo em movimentos abruptos. Considero-o uma pe-



quena comédia de fundo espanhol-árabe, escrito para ser lido num salão literário parisiense no fim da primeira vintena de oitocentos. O *fascinio* podia ser o cerne do trabalho. Também a evasão, o empolado, o artificial, o cinematográfico enquanto teatral. Um texto que Merimée escreveu sobre o joelho, tal como Rudolfo Valentino improvisou as personagens, olhava e se inflava, se 'fazia às câmaras'. Para mim Merimée faz igualmente a sua 'pose' quando escreve sobre Córdova em Paris sem nunca ter visitado Espanha. Há um falseamento. Inferi afinidades. Com este espectáculo pretendi deixar visíveis as impressões e imperfeições do autor francês, por ele completamente assumidas. Resolvemos fazer num estúdio cinematográfico o filme daquela peça-guião 'em teatro'. O *dado árabe* é elemento decorativo.»

De Rudolfo Valentino
até Peter O'Toole

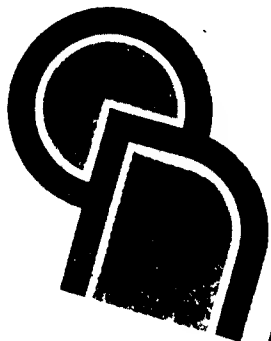
«Um texto cómico, também romântico. Verificámos que a presença decorativa do dado árabe era mesmo o modo ocidental de referir a própria cultura árabe. Também que existia uma tradição cinéfila que ia de Rudolfo Valentino ('O Xequê' — 1921, 'O Filho do Xequê' — 1926) até Peter O'Toole no 'Lawrence

da Arábia'... Um cinema vinculado de mitos dos quais o mais desprezível, foi o da agressão. Fez a apologia da conquista, do assassinio, motivou a ignorância, a bestialidade e o ódio, segundo Pierre Boulanger no seu livro 'Le Cinéma Colonial'. Pareceu-nos oportuno falar disto. Beirute passou há pouco. A emoção ocidental perante a barbárie sionista não passou do verbo na Imprensa das 'democracias' (do programa, Mora Ramos).»

José Carlos Faria, vinte e sete anos, Curso de Pintura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, dinamizador da Casa da Cultura das Caldas da Rainha, figurinista e maquetista de teatro e bailado, é o cenógrafo de *A Morte de Abjer*, 'O Garanhão'. Explica: «Em termos românticos há uma grande semelhança entre a escrita e a pintura. O *fascinio* de que falou o Mora Ramos, o inventado, o exótico (nesta peça transferido para a Arábia) não terá a ver com a mística de Delacroix? Da minha perspectiva havia que assumir o teatral. Dei ao cenário um ar *kitsch*, desgastado, como se já tivesse realizado vários filmes: é uma convenção para uma representação estereotipada. Como se fora o 'nosso avô', datável, não datado.»

Maria Emília Correia

CARNAVAL



ERANOVA

com: **VUM-VUM**
(Música africana e Brasileira)

ÚLTIMA HORA

Músicos — José Martins, José Salgueiro (bateria), João Nuno Represas e Rui Júnior (percussão), Tomás Pimentel (trompete), José Oliveira (trombone), Mário Laginha (piano eléctrico), Armando Neves (guitarra), Luís Duarte (baixo eléctrico).

CANTARIL
Música popular portuguesa

PRÉMIOS PARA AS MELHORES MÁSCARAS
TARDES INFANTIS

PAVILHÃO DA TAPADINHA

dias 12; 13 e 14 DE FEV.

VENDA E MARCAÇÃO DE BILHETES
NA COOP. ERANOVA E NO LOCAL

TARDES INFANTIS

ÀS 14.30 horas



com:

teatro "anani ananão" FIMES Papa - Leguas
palhaços
ilusionistas
concursos -
baile de máscaras

prémios para as melhores máscaras —

pavilhão da tapadinha — dias 13, 14, 15 de fev.

venda de bilhetes no local



BREJOS DE AZEITÃO

TERRENOS A 130 C.
TELEF.: 221 17 01

COMUNA

TEATRO DE PESQUISA
HOJE ÀS 21.45 H



ANTONIO FERREIRA

ENCENAÇÃO JOAO MOTA

terça-feira a sábado
ÀS 21.45
sábado e domingo
ÀS 17H

2ª FEIRA DE CARNAVAL
HA ESPECTACULO

4ª FEIRA, DIA 16 — FOLGA

EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE 1985

PRACA DE ESPANHA

TELEF. 22 08 18

CARNAVAL

no café teatro

DIAS 11, 12, 13, 14, 15

ESPECTACULO MUSICA BRASILEIRA COM

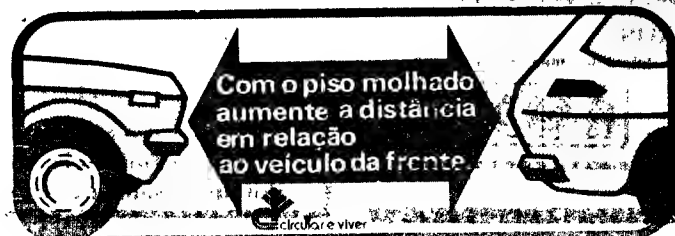
ALEXANDRA SOLNADO

e a "banda"

2ª FEIRA BAILE TRAPALHA DO

CLAC

Clube Amigos COMUNA

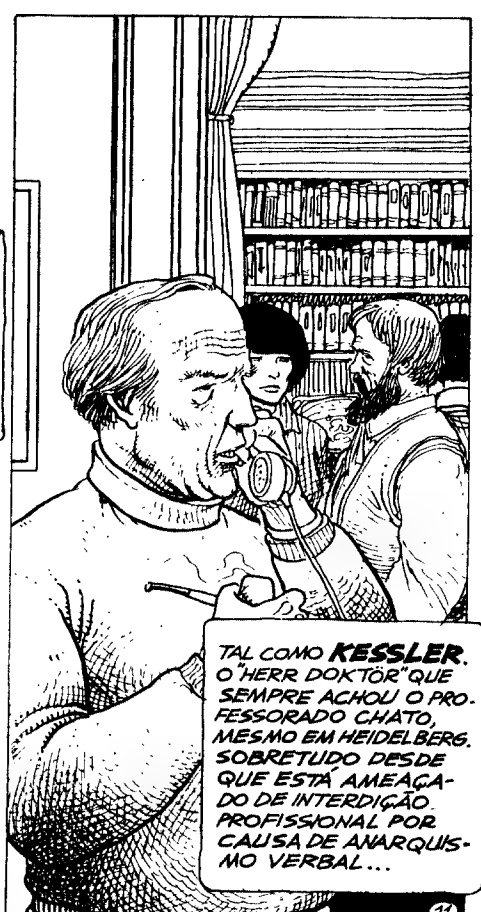


As Falanges da Ordem Negra

Desenho: Enki Bilal

Texto: Pierre Christin

11



Copyright: Dargaud/Meribérica/DL.

continua

Notícias da BD



Prémios de Angoulême

O prometido é devido, e eis que aqui se dá conta das primeiras notícias provenientes de Angoulême, onde este ano se assinalaram os dez anos do Festival, a que nos referimos oportunamente.

A «cacha» é esta: Jean-Claude Forest recebeu o «Alfred» «Prémio da cidade de Angoulême» pelo conjunto da sua obra. Por outro lado, para Muñoz e Sampayo foram os «louros» relativos ao «Alfred» para o melhor álbum do ano — «Alack Sinner, Flic ou Privé», a que nos referimos já nestas colunas.

Sobre todos os autores, lucram as edições Casterman, quem se deve a publicação das obras de Forest e da dupla Muñoz-Sampayo. De parabéns, estão todos, obviamente.



Tardi, Homem do Ano

Um júri de 461 eleitores designados pelas «Editions Temps Futurs» (editora criada pela livraria do mesmo nome) elegeu Tardi como «Homem do Ano» de 1982.

A distinção premeia o autor de «Brouillard sur le Pont de Tolbiac», adaptação de um romance do escritor francês Léo Malet.

Mas a sua produção mais recente — não falando da aventura que a revista «À Suivre» começou a publicar no número de Fevereiro («Tnem de Cafards») é um disco — «La chanson de Nestor Burma» — com textos de Malet, interpretado por Gérard Dole e pelo próprio escritor.



Evite o encandeamento.

Vele pela sua segurança e pela dos outros.

circular e viver.



ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Má-criação paleolítica

Passava um bom naco das onze horas, quando o Romano nos veio dar meia dúzia de notícias importantes, entre as quais: que a neve corta estradas (aleluia, em Bragança desta vez e não na Carolina do Norte!) e que o despiste de um autotanque não tivera consequências (exemplo típico da notícia sem notícia) e que se verificou manifestação em Bruxelas contra o desemprego na CEE (manifestação certamente organizada pelo Partido Comunista Português) e que centrais atómicas só no século XXI (tem graça, é como o socialismo do Jaime Gama!) e que a reunião dos «notáveis» do PSD não surtiu efeitos (pfff, se eles quiserem dou-lhes o nome de um laxante, notável, à base de ervinhas que dá efeitos imediatos!) e por aqui já podem ver as notícias da hora da sossêga.

Aliás, o serão esteve inteira-

mente voltado para os Estados Unidos, com centro de interesse em Nova Iorque. Isto é para aqueles que pensam que eu exagero quando apresento a RTP dos nossos dias como uma das seiscentas e tal cadeias controladas pelos Estados Unidos.

Na realidade, existe a vontade nítida de obrigar a audiência portuguesa a identificar-se com as personagens americanas, com os problemas americanos, com os símbolos, a paisagem, a geografia, os políticos americanos. É como se nos quisessem obrigar a comportarmo-nos como americanos — com tudo quanto isto implica de abandono dos nossos problemas, da nossa realidade, da nossa cultura. A RTP é uma estação que funciona como se estivesse num país ocupado pelos americanos e controlada por eles.

Logo a seguir ao **Telejornal** transmitiram o espectáculo realizado por Simon e Garfunkel em Nova Iorque. Já falámos disso aqui, pois se trata de uma repetição. E vamos cair na eterna verificação da ineficácia, da organização artesanal da grelha de programas: em plena estação, a Esgracadinha do Lúmar usa e abusa das repetições, da alimentação de recurso, dos remendos nos fundilhos.

Não que não seja bom ver duas, três e mais vezes um programa de qualidade — e o espectáculo citado está entre eles. Mas tudo tem seu tempo, seu ritmo, sua ocasião própria. Nas pressas súbitas da RTP comanda a atrapalhadação, não a opção.

Veio, como segundo prato, mais um episódio da «Força de Intervenção». Aqueles cinco polícias magníficos lutam até de madrugada pela ordem nas ruas, pela segurança dos cidadãos.

Trata-se de uma série com os rodriguiños americanos, em pleno. Não exige do telespectador (como em produções francesas ou inglesas, por exemplo) um mínimo esforço de adesão inteligente. Pretende convencer pela brutalidade, pela violência, pela vertigem dos golpes, das perseguições, das agressões.

Aqui, como noutras produções, temos de qualquer modo um reflexo da vida infernal nos Estados Unidos. Estes não possuem, como seus antigos colonizadores, os ingleses, erva de excelente verdura porque regada há mais de quinhentos anos. Novela histórica não é seu forte para fugir aos problemas actuais. Então são mesmo empurrados para a actualidade — as mais das vezes, porém, naquilo que ela tem de mais superficial, de mais obscuro.

Sabemos que há crimes, violações, insegurança nas ruas e nas casas. Todos esses fenómenos, porém, surgem-nos desligados,

isolados, têm a ver mais com a natureza humana do que com a natureza social. O polícia Murphy, ontem dizia para o advogado: «Não venha para cá com essas loas da 'sociedade é que é culpada' e coisas do género. Nós somos polícias e a nossa missão é livrar a sociedade destes malandrins».

As séries, actuais na aparência, são pois conscientemente falsificadoras da realidade. Metem-se pelos olhos dentro que, se a Polícia não livra a sociedade dos «mandrins», se, pelo contrário, o número dos malandrins aumenta, é porque razões mais poderosas ultrapassam as forças repressivas...

Lá vamos papando as rações venenosas, nas quais empata-mos montes de divisas, enquanto a nível de produção interna nos vamos contentando com cursos em forma de sebenta sobre a ciência da alimentação — e ninguém diz ao dr. Rego de Aguiar que assim não, assim não dá, ensinar, por TV, tem mais a ver com o convívio do que com a leccionação. O caminho certo é aquele apontado pelo prof. Fernando de Pádua.

O dr. Aguiar não vai ligar ao que eu lhe digo. Há pessoas que não gostam de ver seu trabalho apre-ciado. O dr. Veiga Ferreira, que fossilizou na arte de ensinar, é assim. **Do Paleolítico ao Romano** foi exemplo flagrante disso, para além de virtudes que também teve. **Os críticos** — disse ele alto e bom som — **são os que não sabem fazer nada, estou-me marimbando.**

A propósito: a má-criação é característica do paleolítico ou do neolítico?

Frase de «Baila Comigo»

«Se para sobreviver é preciso cometer indignidades, prefiro não sobreviver.»



Uma cena da série «Thriller»

- 15.30 Festa é Festa
19.00 «Galáctica» — 2.ª parte.
19.55 O Tempo
20.00 Telejornal
20.15 Semanário
21.05 «Dallas»
22.00 Venha Tomar Café Connosco
23.00 Última Sessão — «Thriller», histórias de crime e mistério.



Liza Minnelli em «Cabaré»

2
RTP

- 14.02 Troféu
20.00 Cabra-Cega — «Cabra-Cega», com Liza Minnelli.
22.15 Jazz Magazine

Amanhã

1
RTP

2
RTP

10.15: Abertura; 10.17: 70X7; 10.45: Eucaristia Dominical; 11.30: Tempo dos Mais Novos — «A Abelha Maia» e «Princesa das Moscas»; 13.00: Sumário; 13.10: TV Rural — um programa do eng. Sousa Veloso; 13.35: Já Cá Carla; 17.20: Vivamusica; 18.15: «Fama» — 5.º episódio; 19.20: Cartaz TV; 19.55: O Tempo; 20.00: Telejornal; 20.25: «Amor em Tempo de Guerra» — 2.º episódio; 22.20: Girabola — a partir das 21.30, a transmissão directa do jogo de futebol Setúbal - Guimarães, a contar para o Campeonato Nacional da I Divisão.

18.30: Abertura; 18.32: Ora Bem; 20.00: Os Grandes Rios — 5.º programa; 21.00: Top/2 — Rock Concert; 22.00: «A Lei de McClain» — 5.º episódio

A BARRACA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70
TELEF. 66 63 00 (subMCCO) (m/13)



UM DIA
NA CAPITAL
DO IMPÉRIO

Textos de A. R. Chiodo Direcção: Heider Costa
3.ª a SÁB. 21H30. DOM. (sáb) 16 H.

XXV EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE, CULTURA E CENICIA

CARNAVAL
PAVILHÃO DE

OS
BELENENSES

com os
VAPORES
DO REGO

TEL. 61 59 82

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA
DE CASTELO BRANCO

ANÚNCIO 2.ª Publicação

Proc.º N.º 142/82-1.ª Secç.
Cart. Precat.

...Faz-se saber, que no OITO do próximo mês de MARÇO pelas, DEZ HORAS, neste Tribunal Judicial, nos autos de Carta-Precatória vindos do 2.º Juízo Cível de Lisboa, extraídos dos autos de Execução de Sentença, que a exequente Portugal Previdente, C.ª Seguros, move c/os executados Domingos António Cabral Vaz e esposa M.ª Elvira Mendes Duarte Vaz, residentes nesta cidade de

Castelo Branco, há-de ser postos em praça, pela segunda vez, por metade do valor indicado nos autos, um frigorífico de 4 estrelas, marca -Sital- com a capacidade de 280 litros, com congelador separado.
Castelo Branco, 31 de Janeiro de 1983.

O JUIZ DE DIREITO
(assinatura ilegível)
O escrivão-judicial,
(assinatura ilegível)

Caminhos de Ferro
Portugueses

Aviso ao Público

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 21 de Fevereiro de 1983, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a instalação e exploração de um pavilhão, para venda de artigos de livraria e papeleria na estação de Tunes.

A anuidade mínima a oferecer é de 25 000\$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C.P., a quantia de 4200\$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

- Tunes
- Serviço Comercial da Região Sul BARREIRO
- Serviço Comercial de Passageiros Estação de Santa Apolónia, 1.º andar LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, E.P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a instalação e exploração de um pavilhão na estação de Tunes.»



MUNICÍPIO DE ALMADA

CÂMARA MUNICIPAL

P.P. n.º 172/82

EDITAL N.º 28

JOSÉ MARTINS VIEIRA, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA:

Faço público que, a partir da data da publicação deste Edital fica notificada a Sr.ª D. Maria da Conceição Ramalho Corsino, com residência desconhecida, que, nos termos do Art.º 1.º do Dec.-Lei n.º 275/76 de 13 de Abril e em consequência da deliberação tomada em 19/11/82, esta Câmara Municipal tomou posse administrativa do terreno situado em Vale Bem-Governo entre a EN n.º 377 de Charneca de Caparica Estrada para o M.º e Sol.º Quintinhas, descrito na Conservatória do Registo Predial de Almada sob o n.º 25157, a fols 83v, do Livro B-75 e Livros B-17 fols. 31v, B-17 fols. 32 e B-17 fols. 32v da mesma Conservatória e inscrito na matriz rústica sob o Art.º 150 da Secção AK/Caparica, tendo esta posse como efeitos jurídicos a imediata suspensão dos trabalhos, a proibição de quaisquer trabalhos ou actividades que não respeite a exploração normal do terreno.

Nos termos do Art.º 4.º daquele diploma legal poderá reclamar no prazo de trinta dias para esta Câmara alegando e provando a falta de fundamento desta providência.

Se não for apresentada reclamação ou esta for indeferida será feita participação dos factos ao Tribunal Judicial para promover respectivo procedimento criminal e a consequente condenação por perda, a favor do município, do prédio objecto da infracção.

Almada, 4 de Fevereiro de 1983.

O PRESIDENTE DA CÂMARA

José Martins Vieira

GRUNDIG

a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

1
RTP

«Thriller»
(23.00)

2
RTP

«Cabaré»
(20.00)

...e sugere para hoje...

1
RTP

Cliff Barnes ouve, desesperado, a mãe dizer-lhe que ele tem de apresentar o pedido de demissão da empresa. E nem o facto de Afon, sua irmã, lhe dizer quanto lhe quer bem e de o tentar convencer de que, juntos, podem destruir J.R., lhe consegue levantar a moral.

Entretanto, Ray resolve apaziguar a tensão existente entre Miss Ellie e Donna.

Mitch resolve, finalmente, abandonar Dallas e Lucy... Argumento de Will Lorin.

Realização: de Michael Preece.
Personagens e intérpretes: J.R. Ewing — Larry Hagman; Bobby Ewing — Patrick Duffy; Anderson — Morgan Woodward; Lucy — Charlene Tilton.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112671

roteiro cultural

Cinema

O Fantasporto chega ao fim. Últimas fitas exibidas: hoje, às 21.45, «O Réptil», de John Gilling (Grã-Bretanha); às 24 horas, «O Estrangulador da Noite», de Claude Chabrol (França). Amanhã, às 15.15 «Um lobisomem americano em Londres», de John Landis (USA); às 17.15 «Cerimónia Sangrenta», de Jorge Grau (Espanha); às 19.15, «Batalha para além das estrelas», de J. Murakami (USA), e às 21.45 sessão de encerramento, com entrega dos prémios e exibição do filme «Blade Runner», de Ridley Scott (USA).

Teatro

O Grupo de Teatro Marianetas de S. Lourenço encontra-se presente em digressão com o seu último espectáculo, «A História do Soldado», de Ramuz e Stravinsky. Esta obra, escrita em 1917 para um teatro ambulante, integra-se assim nas características de itinerância que tem sido apanágio do

Grupo nos seus 9 anos de existência, e que tem permitido levar a todas as zonas do País, espectáculos com características de teatro musical que raramente se realizam fora da capital. Com a sua acção itinerante, o Grupo tem procurado também reavivar a tradição de teatro musical e opereta existente em dezenas de associações, tunas, filarmónicas e sociedades de recreio ao longo do País.

Depois de Setúbal e Évora, a actual digressão inclui ainda espectáculos em Mértola (hoje às 21.30), Covilhã (às 21.30 do dia 19) e Coimbra (dia 22, às 18 horas, no Teatro Sousa Bastos). Estes espectáculos realizam-se de colaboração com as respectivas autarquias locais.

The National Theatre, de Londres, é tema de uma pequena mostra fotográfica, complementada com posters e programas, patente até 2.ª feira na Galeria do British Council (Rua Cecílio de Sousa, 675, ao Príncipe Real).

«A Casa de Bernarda Alba», de Federico Garcia Lorca, numa versão do jovem



Pintura de João Ayres, em exposição na Galeria de S. Francisco

encenador Mário Feliciano, com Eunice Muñoz, Fernanda Alves, Maria Amélia Mata, Catarina Avelar, Henriqueta Maya, Guida Maria, Luz Franco, Paula Mora, Lúcia Maria e Josefina Silva, está em cena no Teatro Nacional D. Maria II. Espectáculos todas as noites (excepto às segundas-feiras e domingos),

às 21.30 e matinées aos sábados, domingos e feriados, 16 horas.

Exposições

No AR.CO, no âmbito das actividades comemorativas do 10.º aniversário daquela associação, está patente a exposição «Pintura 1» que in-

tegra um total de 70 trabalhos, realizados pelos participantes da Oficina de Pintura do AR.CO, frequentada no 1.º semestre do ano lectivo 1982/83 por 91 participantes – escalonados em diversas fases de aprendizagem – tendo como responsável o pintor José Mouga com a colaboração de Manuel Costa Cabral, José Nuno Câmara Pereira, Rogério Ribeiro e António Sena. Esta mostra, que se prolongará até ao próximo dia 4 de Março, pode ser visitada de 2.ª a 6.ª feira, entre as 10 e as 20 horas. A oficina de pintura pode igualmente ser visitada em paralelo com a exposição, no mesmo horário.

Albino Talaia, jovem pintor de Braga, mantém patente num hotel daquela cidade até ao próximo dia 17, uma exposição de vinte quadros de temática variada, com acento para aspectos ligados à evolução social. Albino Talaia é professor em Famalicão, sendo esta a terceira vez que expõe na capital do Minho.

Marques Cruz expõe aquarelas na Galeria Dois, do Porto (Avenida da Boavista, 707),

dirigida por Armando Alves. Esta exposição, a primeira do artista, é organizada pela editorial Oiro do Dia e pela Galeria Dois. Num texto introdutório à contemplação das suas obras, escreve Marques Cruz: «O conflito entre a contemplação e a acção resolve-se por si só. O impulso criador, para não se consumir sem objectivo, tem de se voltar para o exterior. A contemplação torna-se acção contemplativa».

João Ayres expõe pintura na Galeria de S. Francisco. A mostra está patente ao público até 25 de Fevereiro, de 2.ª a 6.ª feira, das 10 às 13 e das 15 às 19 horas (aos sábados das 10 às 13).

Circo

O artista circense Álvaro Cristian iniciou um curso de malabarismo na Escola de Circo Mariano Franco. No âmbito da sua actividade, a escola mostrará números de ilusionismo e malabarismo, em sessões onde actuarão professores e alunos do estabelecimento.

rádio

Antena Um

17.00: Informativo de trânsito; 18.00: Turma da um – livros e gente; 19.00: Mosaico; 20.00: Teatro radiofónico; 21.00: Livre e directo. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00, 22.00 e 23.00 horas.

Programa 2

15.47: «Alexandre Nevsky», cantata op. 78, de Prokofiev; 16.30: Compositores do Barroco italiano; 17.00: Concerto sinfónico; 19.00: Intérpretes portugueses; 19.30: Quarteto de Haydn; 20.10: Música de bailado; 21.00: Eufemismo; 22.00: Solos de piano; 23.02: Música de Bach; 23.30: Intercâmbio musical; 00.33: Suite «Hary Janos», de Kodaly; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

14.00: Fim-de-semana alucinante; 20.00: Quando o telefone toca; 21.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97.4 MHz)

15.00: Dançatlântico; 18.00: Country music – música da América; 19.00: Blues index; 20.00: As voltas da canção; 21.00: Baile mandado. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA Rede Nacional de OI e FM

15.00: Sintonia fim-de-semana; 17.00: Cantigas à portuguesa; 18.00: Magazine regional; 18.30: Transmissão do topo; 19.00: Saltitão; 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Porto especial fim-de-semana; 23.55: Meditando. Notícias intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Pentagrama.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 651

HORIZONTAIS:

1. Apoia. Pomo.
2. Preposição. Que não abunda. Atmosfera.
3. Pronome demonstrativo. Rezam.
4. Rádio (s.q.). Cortariam rente.
5. Idem. Mitra com três coroas que o Papa usa em certas cerimónias. Rénio (s.q.).
6. Ramada. Batráquio. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses.
7. Idem. O mesmo que botele.
8. Tecido de lã fino ou algodão. Magnete natural.
9. Fruto da azeit. Vidro de muito boa qualidade.
10. De pouca duração. Capa sem mangas.
11. Antes do meio-dia. Einsténio. (s.q.). Equipar.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9511

HORIZONTAIS:

1. Tecnécio (s.q.). Cidade da Arábia.
2. Campeão. Cérebro. (pl.).
3. Possuir. Deuses da mitologia escandinava que representam as forças da natureza. Antes de Cristo.
4. Medida de uma superfície. Cobalto (s.q.). Polónio (s.q.).
5. Esquecia. Grei. (pl.).
6. Um dos filhos de Jacob. Fora para fora.
7. Boro (s.q.). Achatas.
8. Pronome pessoal. Rio do Brasil.
9. Desabarar. Doutor.
10. Afem. Ópera de Verdi.
11. Letra grega. Segundo a Bíblia um dos filhos de Sem. Preposição e artigo (pl.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 650

- HORIZONTAIS:
1. ABRIL. Péras
 2. Creme Er Te.
 3. Gás. Calar
 4. Ega Aca
 5. Sara. FRIO.
 6. Aceraí.
 7. Am. Oval
 8. PAO Aar Irá
 9. Arcas len
 10. Re Solhas
 11. Asarias Ora

- VERTICAIS:
1. Acres. Apará.
 2. Br. Ga. Marés.
 3. Regara. Oc.
 4. Imá. Aça. Air
 5. Lesa E. As
 6. Corra. Sa
 7. Peca. Rios.
 8. Era Fio. El.
 9. Lar VINHO
 10. Ata. Ar AR.
 11. Sério. Lassa

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9510

- HORIZONTAIS:
1. Saale. Manga.
 2. Er. Irmãs. Al.
 3. Negar. Rindo.
 4. Há. Malga. Ar.
 5. Asa. Ana.
 6. Sina. Rh.
 7. Será. Grás
 8. Usa. Aos. És
 9. Dançara
 10. Cuama. Rotas.
 11. Arses. Alara.

- VERTICAIS:
1. Senha. Sulca.
 2. Areasses. Ur
 3. Airadas.
 4. Liam. Na. Ame.
 5. Errata. Anás.
 6. Com.
 7. Margem. Sara
 8. Arreata.
 9. Gadanhás. Ar
 10. Alora. USA.

Teatro
«O Bando»
APRESENTA
«Afonso Henriques»
(Adaptação de textos medievais)

TEATRO DO BAIRRO ALTO
R. Tenente Raul Cascais, 1-A
(Sábados e Domingos)
12, 13, 19, 20, 26 e 27 de Fevereiro às 15.30 h.
★
BANDO — Quinta da Casquilha,
1500 LISBOA
Telef.: 70 30 56 Sub. SEC
(PARA TODOS)

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

Banco Fundado em 1864

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	61\$90	67\$90
ALEMANHA FED. (marco)	37\$55	38\$65
AUSTRIA (xelim)	5\$25	5\$45
BELGICA (franco)	1\$730	1\$930
BRASIL (cruzeiro)	\$123	\$243
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	73\$75	75\$75
(notas de 5 a 1000)	74\$25	76\$25
DINAMARCA (coroa)	10\$65	11\$05
ESPAÑA (peseta)	\$668	\$788
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	90\$50	92\$50
(notas de 5 a 1000)	91\$00	93\$00
FINLÂNDIA (marka)	16\$90	17\$50
FRANÇA (franco)	13\$20	13\$90
HOLANDA (florim)	34\$00	35\$00
INGLATERRA (libra)	140\$05	144\$05
IRLÂNDIA (libra)	125\$15	129\$15
ITALIA (lira)	\$059	\$069
JAPÃO (iene)	\$349	\$384
NORUEGA (coroa)	12\$80	13\$30
SUECIA (coroa)	12\$25	12\$85
SUIÇA (franco)	44\$90	46\$90
VENEZUELA (bolívar)	17\$95	18\$95

Observações

- 1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.15 e 21.15
- Int. men. 13 a.
NA CALADA DA NOITE

SALA B

Às 14.45, 17.30 e 21
- N. ac. men. 13 a.
FRANCISCA
Às 24
OPERAÇÃO RELÂMPAGO

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
20 000 LÉGUAS SUBMARINAS

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE
9.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
20 000 LÉGUAS SUBMARINAS
1.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTRE
8.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
PAPUÇA E DENTUÇA
Falado em português
10.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15, 17, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
CONTOS DA LOUCURA NORMAL
Às 00.00
OS 11 IMPLACÁVEIS MENINOS DO CORO

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 18.45 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
Às 24
O EXPRESSO AVALANCHE

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
AS GAROTAS DA GARAGEM
Pornográfico - Hardcore
Às 24
MEDO SOBRE A CIDADE

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
SEM SOMBRA DE PECADO
Às 24
A PANTERA NEGRA DE HARLEM

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
TINKU
Amanhã às 11
MALUCOS NO ESTÁDIO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A BELA SICILIANA

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
SEM SOMBRA DE PECADO
Às 24
O GRANDE LUTADOR

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
Um polícia só... contra a cidade corrupta
O PRINCEPE DA CIDADE
c/ Treat Williams
5.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
CHRISTIANE F.
Às 24 - N. ac. men. 13 a.
THE ROLLING STONES

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
MAD MAX 2, O GUERREIRO DA ESTRADA
3.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A agressão do amor que despoja, desejo implacável da paixão adolescente!
O PADRASTO
c/ Patrick Dewaere

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
MAD MAX 2, O GUERREIRO DA ESTRADA
3.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
TRAFICANTES DA MORTE
Às 19.15
ZINGARA, CANÇÃO CIGANA

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Hoje e amanhã às 15 - Para Todos
Tardes Infantis de Carnaval
Na tela: maravilhosos filmes de Walt Disney
No palco: concursos e Atracções e Pa-lhaços
Às 21.30 - 13 a.
CAÇADA DE DUROS

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14.00, 16.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. m. 13 anos
EFFI BRIEST
Às 24
SALÔ, OU OS 120 DIAS

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
AMANTE MUITO LOUCA

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A BELA SICILIANA

A luta de uma mulher pela sua liberdade no filme de Fassbinder AMOR E PRECONCEITO



Em exibição no Nimas

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14, 16, 18, 20 e 22 h.
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
Às 00.30
O ORFÃO

SALA 2
Às 14, 16, 18, 20 e 22
- N. ac. men. 18 a.
CONTOS DA LOUCURA NORMAL
Às 23.45
ROBERT E ROBERTA

SALA 3
Às 14, 17.30 e 21.30
Maiores de 18 anos
ANDREI RUBIOV
Às 00.30
A ESCOLHA DAS ARMAS

SALA 4
Às 14, 16, 18, 20 e 22 h.
- N. ac. m. 18 anos
MALOU
Às 00.15
CORAGEM DE UM HOMEM

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
QUARTO DE HOTEL

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
OS SALTEADORES DA COBRA DE OURO

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
VICTOR, VICTÓRIA

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
- N. ac. men. 13 a.
BAIRRO DA LATA
c/ Nick Nolte
5.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14, 16.15, 19 e 21.45
- Int. men. 13 a.
NA CALADA DA NOITE
5.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE
9.ª Semana
Às 24
O BÚRACO DA AGULHA

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
- Int. men. 13 a.
VICTOR, VICTÓRIA
Domingo às 11.15
FESTIVAL POPEYE

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
Às 00.00
O GRANDE GOLPE

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 13 a.
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
3.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
CHRISTIANE F.

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O seu último e melhor filme de sempre
O BAR DA ÚLTIMA ESPERANÇA
2.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
PRIMAVERA PERDIDA
2.ª Semana
Às 23.45
OS REPETENTES EM FÉRIAS

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 - «Os Saltadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA-3 - «Christiane F.», às 21.45 (18 anos)
MUNDIAL - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (13 anos)
CITY CINE - «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO - «Benevolências Sexuais», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
2000 - «Negócios de Carne», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA - «Cocktail Sexual», sessões permanentes (18 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS - «História de Gente Bem», às 21.30 (13 anos)
ZODIACO - «A Última Aventura de Mel Brooks», às 21.30 (18 anos)
RESTELO - «Na Pista da Pantera», às 21.30 (13 anos)
ROYAL - «O Homem Mais Forte do Mundo», às 21.30 (6 anos)
PROMOTORA - «007 Missão Ultra-Secreta», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - «Vejo Tudo Nu», às 21.30 (18 anos)
PAÇO DE ARCOZ - Chaplin - «Firefox», às 21.15 (18 anos)
OEIRAS - Oeiras-Cine - «Cantinfrias em o Senhor Doutor», às 21.15 (13 anos)
PARADE - Royal-Cine - «O Bombardero», às 21.30 (6 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL - Cinelandia - «Arthur o Alegre Conquistador», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Casino - «O Varredor», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Palácio - «A Aluna e o Professor», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - Impala - «Os Bóides da Morte», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - Oxford - «Cantinfrias Varredor», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - D. João V - «O Dragão Invenível Ataca», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Cine-Plaza - «20 000 Léguas Submarinas», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Lido - «Quarto de Hotel», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - Cine-estúdio - «O As dos Ases», às 21.30 (13 anos)
CACÉM - Cine-estúdio Flores - «Os Repetentes em Férias», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS - Cine-Chaby - «Comancheros», às 21.30 (13 anos)
SINTRA - Carlos Manuel - «Pela Medida Grande», às 21.30 (6 anos)
ERICEIRA - Cine-estúdio - «A Raiva do Vencedor», às 21.15 (13 anos)

Outra banda

COSTA DE CAPARICA - Silcine - «O Presente», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - Cine-estúdio - «Loucamente Apaixonado», às 21.30 (6 anos)
ALMADA - Incrível - «A Grande Baraca», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - Academia - «A Liceal Seduz o Professor», às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA - Pavilhão Jardim - «O Inspector Martelada», às 21.15 (6 anos)
SETUBAL - Júpiter - «Papuça e Dentuça», às 21.15 (6 anos)

Porto

BATALHA - «O Doutor Charlatão», às 21.45 (13 anos)
TERÇO - «Holocausto Canibal», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-A - «Sem Sombra de Pecador», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA - «Banana Joe», às 21.30 (13 anos)
FOCO - «Christiane F.», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO - «O Mestre Escola», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA - «20 000 Léguas Submarinas», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ - «Noites Escaldantes», às 21.45 (18 anos)
ESTÚDIO - «Trinidade», às 21.30 (13 anos)
JULIO DINIZ - «Amor Eterno», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
PASSOS MANUEL - «E. T. o Extraterrestre», às 21.45 (6 anos)
TRINDADE - «Vitória, Vitória», às 21.30 (13 anos)
COLISEU - «Adeus América», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L - «O Presente», às 21.45 (13 anos)
PEQUENO CEM - «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.30 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE (Hoje)

ALTO DE SANTO AMARO: Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T. 637070); **ALVALADE**: Brasília, Av. Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 882368); **AVENIDAS NOVAS**: Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (T. 763107); **BAIRRO AZUL**: Sirius, R. Fialho de Almeida, 38-A (T. 544000); **BAIXA**: Silva Carvalho, R. dos Fanqueiros (T. 873875); **CALHARIZ DE BENFICA**: Rebocho, R. Tenente-Coronel Ribeiro Reis, 12-B (T. 743871); **RÁDIO-DIFUSÃO** - EX-EMIS-SORA NACIONAL: S. Nunes Simões, R. do Quelhas, 1-3 (T. 661275); **LU-**

teatros

Lisboa

VARIEDADES - «Há... Mas São Verdades», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
TEATRO DO NOSSO TEMPO - «Auto da Índia», às 21.45 (13 anos)
BAIRRO ALTO - «Oratória», às 21.30 (13 anos)
COMUNA - «A Castro», às 21.45 (13 anos)
MONUMENTAL - «As Taradas», 21.30 (13 anos)
ABC - «É Sempre a Aviar!», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
MARIA VITÓRIA - «Sem Rei Nem Rock», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
TEATRO ABERTO - «O Suicídio», às 21.30 (13 anos)
BARRACA - «Um Dia na Capital do Império», às 21.30 (13 anos)
D. MARIA II - «A Casa de Bernarda Alba», às 21.30 (13 anos)
D. MARIA II - Sala Experimental - «Ano IV D. C.», às 21.45 (13 anos)
COLISEU - Circo de Carnaval, às 21.30 (6 anos)
IBÉRICO - «Lisboa 1500, o Sonho do Amor e do Império», às 21.30 (13 anos)
MARIA MATOS - «O Meu Rapaz é Rapariga», às 21.45 (13 anos)

MIAR: Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **MERCADO DO CHILE**: Corvo, R. Ângela Pinto, 32-B-C (T. 549756); **PAMPULHA**: Hospital da CUF, C. do Sacramento (T. 609111); **XABREGAS** - MADRE DE DEUS: Conceição, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); **ALGÉS**: Branco, Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2112081); **BRANDÃO**: Brito, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **ODIVELAS**: Joteni, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 910812).

PERMANENTE (Amanhã)

AJUDA: Moura, T. da Memória, 55 (T. 630944); **ALVALADE**: Libia, Av. da Igreja, 4-B-C (T. 891681); **AVENIDAS** - DUQUE D'AVILA: Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 40592); **BAIRRO AZUL**: Bairro Azul, Av. Ressaio Garcia, 7-A (T. 571451); **BAIXA**: Normal de Lisboa, R. da Prata, 220 (T. 321342); **BENFICA** - BAIRRO DE SANTA CRUZ: Lavínia, R. Eng. Paulo Barros, 28-A (T. 708242); **CAMPO D'OURIQUE**: Lindeira, R. Ferreira Borges, 30 (T. 660955); **CHILE** - ALAMEDA: Nobel, R. Actor Vale, 53 (T. 842152); **CONDE REDONDO** - SANTA MARTA: Davi, R. Conde Redondo, 68-72 (T. 554342); **PAMPULHA** - JANELAS VERDES: Lezíria, R. do Olival, 226-228 (T. 663441); **CHELAS**: Sacramento, R. Atiriz Palmira Bastos, lote 42 (T. 384904); **ALGÉS**: Miramar, R. Ernesto da Silva, 83 (T. 2112048); **AMADORA**: Helénica, R. Elias Garcia, 372 (T. 933613); **ODIVELAS**: Carlos Tavares, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 915446); **PONTINHA**: Leitão Ribeiro, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912); **DAMAIA**: Lemos, R. Goa, 21-A (T. 971121).

Linha de Cascais

OEIRAS: Mourão Vaz, Av. Moçambique, 18-C (T. 2437196), até às 22 horas; **NOVA OEIRAS**: Leal, Quinta das Palmeiras, lote 24, r/c (T. 2478737). Permanente; **CARCAVELOS**: Vilar, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 971121).

farmácias

2470777). Permanente; **PARADE**: Grincho, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **CASCAIS**: Cordelro, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Outra Banda

ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2780565). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE**: Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356). Permanente; **LARANJEIRO**: Baptista Marques, Laranjeiro de Fora. Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA**: Carlos, Av. do Mar, 34-A, Quinta de Santo António (T. 2401060). Até às 19 horas; **SESIMBRA**: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **BARREIRO**: Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (T. 2073035). Permanente; **AMORA**: Matos Lopes, R. 1.ª de Maio (T. 2216355); **SEIXAL**: Central, E. Nacional, 9-A, Aldeia de Paio Pires (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO**: Montepio, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035); **MOITA**: Santa Rocha, P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS**: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE**: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137); **SETUBAL**: Costa, R. da Misericórdia, 48. Permanente; **Brasil**, P. do Brasil, 14. Até às 22 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Nova, R. Elias Garcia, 10 (T. 97253



PORTO PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
 Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
 Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
 Publicidade: 368740
 Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
 Rua Castilho, 185-1 - 1000 LISBOA
 Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
 Porteiro: 321154
 Redacção: 320271/2/3
 Mensagens gravadas: 320229
 Endereço telegráfico DIBOA
 Telex 12343 LISBOA PORTUGAL
 Delegação do Porto:
 Rua do Almada, 30-2 - 4000 PORTO
 Telefones: 20854/5



O TEMPO			
MARES DE HOJE			
PREIA-MAR	BAIXA-MAR		
3.00	3.9 m	8.38	1.2 m
15.21	3.7 m	20.47	1.2 m
Dia 13			
3.35	4.0 m	9.10	1.1 m
15.54	3.8 m	21.19	1.1 m
TEMPERATURAS DO AR			
ÀS 9 HORAS			
Viana do Castelo	2°		
Bragança	-4°		
Vila Real	-2°		
Porto	2°		
Penhas Douradas	-4°		
Coimbra	0°		
Cabo Carvoeiro	9°		
Portalegre	0°		
Lisboa	6°		
Évora	2°		
Beja	2°		
Sagres	10°		
Faro	5°		
Ponta Delgada	11°		
Funchal	12°		

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 18 HORAS DE AMANHÃ

últimas

O VIOLINISTA YEHUDI ME-NUHIN acaba de ficar sem os botões de punho, de platina e diamantes, que o rei Jorge VI de Inglaterra lhe oferecera há 40 anos, por não ter cuidado com a sua roupa suja. O violinista, que actualmente está a dar uma série de concertos com a Orquestra Sinfónica de Seattle, mandara lavar uma camisa, no hotel, mas esquecera-se de verificar se lhe retirara os famosos botões de punho. No dia seguinte, a camisa foi-lhe entregue impecavelmente lavada mas sem os botões, avaliados em mais de sete mil dólares. Foram em vão todas as investigações da polícia para saber quem «lavou» os botões de punho.

A AGÊNCIA NOTICIOSA angolana (Angop) afirmou sexta-feira que elementos responsáveis pelo tráfico de diamantes em Portugal lançaram uma campanha de propaganda para contestar a legislação recentemente aprovada sobre a matéria. Tais elementos constituíram o mês passado uma empresa a «Diamante Clube», que se pretende dedicar à lapidação e comércio de diamantes. A empresa, constituída, segundo alguns jornais, por dezasseis dos maiores operadores de comércio clandestino, procuraria aparecer como rival de outras sociedades portuguesas que se dedicam à actividade de comércio e lapidação de diamantes em bruto. Depois de expor o que tem sido a actividade dos que contestam a legislação aprovada na Assembleia da República, a agência angolana comentou tratar-se de «um quadro pouco lisonjeador para a autoridade do próprio Estado português».

LECH WALESA saiu hoje às 13h30 (12.30 de Lisboa) do edifício da procuradoria militar onde estava a ser interrogado desde a manhã, constatando o correspondente da AFP no local. O líder operário indicou que está livre e volta para Gdansk.

Polícia londrina procura mais 13 cadáveres

Funcionário público acusado de assassinar uma das vítimas

Dennis Andrew Nilsen, de 37 anos, funcionário público, foi ontem acusado do assassinato de Stephen Neil Sinclair, cujo cadáver foi encontrado cortado aos bocados junto de dois outros corpos ainda não identificados, ao norte de Londres. Entretanto, prosseguem as buscas para encontrar mais 13 cadáveres no que parece ser o mais grave caso criminal da história britânica.

NILSEN assassinou Sinclair, de 20 anos, possivelmente no dia 1 de Fevereiro, considera a Polícia. Suspeito desde o momento em que foram encontrados três corpos cortados aos pedaços num edifício do bairro de Muswell Hill, estava a ser interrogado pela Polícia Metropolitana desde a passada quarta-feira.

A Polícia começou, entretanto, a efectuar buscas noutra propriedade, em Kilburn, a noroeste da capital, onde se pensa descobrir os outros 13 corpos.

O inquérito aberto em Londres depois da descoberta dos três primeiros cadáveres «está em bom andamento».

afirmou hoje o comissário Jeff Chambers, oficial da «Scotland Yard», responsável pelas investigações.

Os investigadores encontraram os despojos num armário e num pequeno móvel de um dos apartamentos de Muswell Hill, precisou aquele oficial. Estes restos humanos, retirados da casa num caixão, pertencem aos três corpos encontrados na véspera. O responsável da «Scotland Yard» acrescentou ainda que os despojos tinham sido descobertos no mesmo apartamento do primeiro andar da casa onde já tinham sido encontrados, na passada quinta-feira, duas cabeças.

«Gentil e bem comportado»

«Gentil, bem comportado e de uma inteligência ligeiramente acima da média», segundo um dos seus antigos professores, Dennis Nilsen é um antigo polícia de 37 anos de idade e celibatário.

Natural da Escócia, foi membro da Polícia londrina durante um ano, de acordo com o testemunho da mãe. Anteriormente, servira o exército durante 12 anos, tendo passado por Chipre, Berlim e RFA.

«Parecia ser popular entre os seus camaradas», recorda um antigo professor. Muito discreto, segundo um membro da sua família, que vive na Es-

cócia, «nunca se soube nada das suas amigas».

A mãe, de 63 anos, é uma escocesa da região de Aberdeen, enquanto o pai, já falecido, era oficial do exército norueguês. «É o choque da minha vida», declarou. Embora telefonasse regularmente ao filho, confessou não o ver há dez anos, tendo-o descrito como um «homem de temperamento artístico, um grande amante de poesia e música».

Nilsen, segundo fontes bem informadas, trabalhou durante estes últimos sete meses num gabinete de colocações em Kentish Town, no norte de Londres, depois de ter sido vigilante numa sociedade privada de vigilância. Durante seis anos, trabalhou para uma agência governamental de emprego. Teria também colaborado num organismo de protecção aos vagabundos.

Segundo um dos seus antigos patrões, Nilsen era um «colaborador eficaz, mas apagado».

Como a AD perdeu maioria absoluta já é possível...

APU tem gabinete na CML para atender colectividades

A APU tem a funcionar, no primeiro andar do edifício da Câmara Municipal de Lisboa, um gabinete cujo principal objectivo é o atendimento e auscultação das colectividades, clubes e outras organizações de carácter popular, como comissões de moradores e outras associações.

Nesse gabinete, que foi criado na sequência dos resultados das

eleições de 12 Dezembro, que retiraram a maioria absoluta à AD (tornando-se, assim, possíveis novas condições de trabalho e intervenção), estarão diariamente vereadores e membros da APU pertencentes à Assembleia Municipal.

A marcação de encontros com os eleitos municipais da APU poderá ser feita telefonicamente

— indica uma nota da APU enviada para as redacções — através dos números 36 43 28 e 36 86 26.

«Avante!»

— 52 anos de vida

«Avante!» — 52 anos ao serviço do Partido, do Povo e da Pátria — foi o tema do debate, ontem realizado no Centro de Trabalho Vitória, do PCP, para comemorar os 52 anos de vida do órgão central do Partido Comunista Português.

António Dias Lourenço, membro da Comissão Política do CC do PCP e director do «Avante!», Ruben Carvalho, membro do CC e chefe de redacção daquele semanário, e João Labescat, membro da DORL do PCP, foram os oradores da sessão que decorreu com bastante participação e entusiasmo.

Foi no dia 15 de Fevereiro de 1931 que saiu o primeiro número do «Avante!» — e, desde então, num País obscurecido pela censura fascista, aquele jornal foi um exemplo incomparável do direito à informação. Hoje não é possível conhecer a história do nosso povo nos últimos cinquenta anos sem folhear as suas páginas.

Ontem, no debate que comemorou os seus 52 anos, muito se falou também do papel do «Avante!» no Portugal de Abril. Oradores e participantes estiveram de acordo: O «Avante!» tem

desempenhado importante papel de agitação e propaganda, de formação ideológica, de organização, de esclarecimento, de difusão dos objectivos do PCP, por um lado; por outro, tem estado na primeira linha no combate à política de direita e ao reformismo, tem desempenhado importante papel de mobilização, consciencialização e unificação dos esforços dos trabalhadores e democratas contra a política da AD e os seus governos, por uma nova política e um novo Governo

PCP interroga RTP

O PCP, em carta dirigida à Direcção de Informação da RTP, expressou a opinião de que a entrevista com o Primeiro-Ministro demitido — efectuada na quinta-feira no programa «1.ª Página» — não pode deixar de se apresentar, nos seus efeitos, como uma entrevista com o presidente do PSD.

Nestes termos — diz uma nota do SIP — o PCP salientou que a transmissão daquele entrevista com Pinto Balsemão constitui a RTP na consequente obrigação de, no respeito pelo pluralismo, transmitir, proximamente, entrevistas com dirigentes dos outros principais partidos, pelo que solicitou uma informação sobre qual a data prevista para uma próxima entrevista com um dirigente do PCP.

O caso do cavalo raptado no Eire

55 filhos choram pai desaparecido

Tem 55 filhos, gosta muito de cenouras e encontra-se em parte incerta desde a passada quarta-feira: chama-se «Shergar» e é o cavalo mais caro do mundo.

Tudo começou na noite de terça para quarta-feira, quando Liam Foley, o palafrenero que se ocupa do «Shergar» há cinco anos, foi ameaçado por desconhecidos armados, que o obrigaram a abrir as portas da estabulação e fizeram subir o animal para um reboque.

Trinta quilómetros depois, abandonaram Foley. Mas o cavalo ainda não apareceu.

Os serviços da BBC em Belfast recebiam na quinta-feira à noite um telefonema anónimo, indicando que o valor do resgate do animal, inicialmente estabelecido em dois milhões de libras, passava para 40 mil. Ontem, outro telefonema para o treinador norte-irlandês do «Shergar», Jeremy Maxwell, anunciava que o cavalo fora abatido, por se ter ferido.

A versão oficial da polícia irlandesa não se fez esperar: trata-se de brincadeiras de mau gosto, prosseguindo os esforços de ambos os lados da fronteira com o Ulster para encontrar o animal.

Entretanto, um dos três jornalistas londrinos convidados a servirem de negociadores no caso, por um interlocutor anónimo, afirmava ontem ser «muito possível» que tanto ele como os dois colegas tenham sido utilizados para desviar as atenções, lorde Oaksey, do «Sunday Telegraph», admitiu a possibilidade de estarem a decorrer «negociações autênticas» na República da Irlanda, enquanto as atenções se concentram em Belfast, capital do Ulster.

Morto, ferido ou mutilado?

Um porta-voz de Aga Khan, principal proprietário (seis partes em 40) do «Shergar», declarou ontem que «nada veio confirmar a morte» do cavalo.

Segundo Beatrice O'Bin, secretária de Aga Khan e responsável pela coudelaria de Chantilly (norte de Paris), «nada permite afirmar de momento se «Shergar» está vivo ou morto». Acrescentou ainda que Khan, que se encontra em viagem de negócios pela Europa, ficara «profundamente abalado com o rapto do ganhão».

Informações não confirmadas, provenientes de Belfast, davam Aga Khan como contrário ao pagamento do resgate. No entanto, teria aceitado, mais tarde, as exigências dos raptadores, quando estes reduziram o valor do resgate para 40 mil libras.

Sargento da Força Aérea alemã espanca e sequestra criança

Em carta dirigida aos principais órgãos de soberania e às autoridades da RFA em Portugal, os pais de Salvador José Palaio da Silva, de nove anos, exigem a expulsão do nosso país do sargento da Força Aérea Alemã, Stefan Schreiter, destacado na Base Aérea de Beja n.º 11, em Beja, a quem acusam de ter agredido e sequestrado o pequeno Fernando, na tarde do passado dia 8 do corrente. A agressão e o sequestro relatados em pormenor na carta, teve lugar, segundo afirmou esta manhã ao «DL» a mãe da criança, Evelina da Silva, na casa do sargento alemão, no Bairro da Base de Beja, sob a alegação de que o pequeno Salvador teria ferido o seu filho com o pico de um cacto, quando ambos brincavam em grupos se-

parados no parque infantil do referido bairro.

Durante o interrogatório de cerca de uma hora a que Stefan Schreiter teria sujeitoado Fernando, este acabou por revelar o nome do autor da «picadela», mas mesmo assim, e de acordo com testemunhas oculares citadas na carta, o sargento arrastou a criança até ao carro, conduzindo-a em seguida para a esquadra da PSP local. Uma vez ali, Fernando foi obrigado a acompanhar os agentes até à casa onde morava o pequenito de seis anos que picara o filho do alemão, numa brincadeira própria da sua idade. Fernando só seria libertado com a chegada da mãe, alertada do sucedido por uma testemunha ocular do incidente.

«Eu e o meu marido poderíamos

ter ficado calados, como já tem acontecido, por falta de coragem, como outros pais em situações semelhantes. Mas pensamos que actuações como as do sargento Schreiter são intoleráveis, sendo, por outro lado, sintomáticas da má-vontade com que os alemães da base vêem as crianças portuguesas a brincar no parque ao lado dos seus filhos», disse ao nosso jornal Evelina da Silva.

Refira-se que só a partir do 25 de Abril aquele parque infantil passou a ser utilizado, em total liberdade, pelas crianças bejenses, trazendo à memória a questão levantada com a piscina local que os alemães logo após a sua inauguração, em 1967, pretendiam, sem êxito, utilizar em privado às quartas-feiras de cada semana.

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PROXIMA SEXTA-FEIRA

SABADO 12 DE FEVEREIRO DE 1983

Apetite Assambarcador

O professor Abílio era uma verdadeira superpotência gastronómica. Do alto dos seus quase dois metros de altura e cento e tantos quilos, o mestre dividia seus interesses entre o amor à literatura portuguesa, que ensinava com desvelos e competência, à prática desportiva do levantamento de copos, o **halterocopismo**, como ele dizia, e à arte de bem comer a toda gula, que era infindável.

Se bem comia melhor cozinava. Uma das suas aulas preferidas era convidar os alunos para comerem à casa, onde se esmerava preparando pratos de grandes requintes, com melhores agridos. Os alunos, claro, adoravam. Era sempre uma surpresa agradável, renovável a cada «aula». Às vezes podia ser uma «buchada de cabrito com farofa de bolão e molho de coentros» ou uma «rabada com polenta e agrião», ou ambas. De outra poderia ser «carne de sol

com macaxeira e rapadura» ou um suculento «xambari com pirão» ou ainda «bacalhau à pernambucana com leite de coco», ou os três.

Também costumava levar a alunada para experimentar «licor de genipapo» e «aguardente de pitanga», fabrico próprio de receita secreta, património familiar inalienável. Também podia ser «doce de leite talhado», «goiabada cascão» ou «baba de moça».

O professor Abílio tinha um apetite açambarcador. Tanto gostava de pratos altamente sofisticados, de elaboração caprichada e de consumo subtil, como, com o mesmo prazer, se atirava despididamente a uma «feijoada completa», — daquelas que têm ambulância à porta, repetindo-a, vorazmente, até atingir o ponto de letargia dos bem-aventurados. Em matéria de peixes, preferia-os frescos, salgados, secos, fumados ou crus. O mesmo se repetia no capítulo carnes, aves, ovos, doces, salsicharia, canapés, tira-

-gosto, tapas, petiscos, caças de pequeno e grande porte. Todas.

Bebidas, apenas duas: nacionais e estrangeiras. Tinha, porém, predileção particular pelos vinhos portugueses, não fora ele filho e herdeiro do comendador e coronel da Guarda Nacional Chico Tavares, minhoto de boa cepa e muitos haveres...

Se bem comia melhor conversava. Era um grande papo, o professor Abílio. Conversa gostosa, afável. Se era sobre comida, então. Mestre Abílio desavinha. Uma frase sua ficou célebre, entrou na história: «Na mesa, só respeito aquele que, em banquete, repete a sopa.»

Gostava de falar de um exótico prato que comeu, no Equador, entre os índios, aranhas vivas com molho picante à base de **chili**, que causava uma estranha sensação quando passava no esófago, «as patinhas arranhando a garganta».

Em matéria de comedorias exóticas, creio, professor Abílio já experimentara todas; ou

quase todas: pata de elefante, rabo de jacaré, formiga tana-jura, macaco ao chocolate e iguana — que comeu no México — cérebro de macaco vivo — na Tunísia —, cauda de canguru, cobra cascavel e sucuri — «igualzinho a filetes de peixe».

«Se, num restaurante, em vez de lebre servirem carne de gato, rejubile-se. Pois carne de gato é muito melhor que lebre», afirmava categórico.

Um dia, numa das suas inesquecíveis «aulas», quando dissertava sobre as uxarias, viandras e virtualhas da mesa do senhor El Rei D. João VI e do pantagruélico apetite de Sua Majestade (que seria um adversário de respeito), foi interrompido por um aluno que, à queima-roupa, lhe perguntou:

— Professor Abílio, e baleia, o sr. já comeu?

— Comi sim. Mas foi uma pequeninha.

Duda Guennes

Estórias de Portugal



O Carnaval começa hoje ou continua ad. eternum! Os corsos, as mascaradas, as cegadas guardaram-se para estes quatro dias de folia ou, brincalhões, irreverentes e impacientes, não resisitiram à tentação e deram de folguedos todo o santo ano?

O Carnaval é um estado de espírito, um estado de direito ou um estado de sítio? Olhando para trás, para o que nos foi dado a ver e viver desde a última quaresma, é ou não verdade a mentira dum calendário que, provavelmente ninguém saberá porquê, teima em reservar quatro insignificantes dias para a celebração anual de rituais pagãos que, com maiores ou menores pagas, pegam de estaca o ano inteiro?

Pois não foram diárias as partidas, as petas, os embustes, as trapaças?...

E os bailarinos trapalhões?... Alguma vez pararam de girar?

O espantoso é que, havendo o ano civil, o ano económico, o ano agrícola, o ano teatral, o ano disto, daquilo e daqueloutro, os sábios mais dados à criação do género ainda se não tenham decidido pela consagração do ano carnavalesco, trezentos e sessenta e cinco dias virados para os cortejos, as máscaras, as fantasias, as batalhas de flores, os papelinhos, as línguas de sogras, etc., etc., etc.

Se assim fosse como seriam diferentes, muito mais frenéticos e excitantes, estes quatro dias que se vão seguir!... Os cronistas balancariam o ano como o fazem com os outros anos; os jornais republicariam as fotos mais bem sacadas das personalidades melhor esganhadas; os críticos reuniram e atribuiriam os seus prémios, ansiosamente aguardados e sempre, inevitavelmente, contestados. Era a euforia na folia! Era a excitação na reinação!... Era a era que há-de ser. Mas ainda não é. E seria tão fácil que fosse. É lógico. Temos de Carnaval uma salsa anual que justifica amplamente a criação de incentivos, estímulos, prémios aos que melhor contribuem para o seu desenvolvimento. Devemos ser, neste momento, o País da Europa que mais Carnaval produz, «per capita». Em antevéperas de entrarmos para a CEE é um trunfo que importa jogar com o estardalhaço duma bombinha, o perfume duma garrafinha de cheiro. Certamente que os nossos próximos ex-futuros parceiros do Mercado Comum não levantarão às línguas de sogra os obstáculos criados aos têxteis, não erguerão à circulação de gatinhas as dificuldades que nos criam aos tomates.

Há que intensificar, incrementar, implementar o Camaval Nacional. Abolir o cé pequeno!... Escrevê-lo, orgulhosamente, com um CÉ de todo o tamanho, um CÉ do caraças uma vez que se refere ao Camaval!

Como todos os pioneiros, sei que corro riscos ao avançar com esta minha tese. Não faz mal... seja tudo a bem do Carnaval! Quem nunca carnavalou que me atire a primeira pedra. Por mim, para que conste, nesta minha estória, consagro os melhores do ano carnavalesco que hoje termina, certo que os premiados de hoje saberão encontrar na alegria da consagração estímulo para prosseguirem à conquista de mais e melhor. E que todos os outros (e muitos foram!) que, pelo simples facto de não se poder a todos dar prémio, hoje ficam de fora não esmoreçam, antes encarem o novo ano carnavalesco com o ânimo necessário aos grandes empreendimentos, às sublimes realizações. Mas basta de paleio passemos ao premeio:

A MELHOR PARTIDA: «Ex aequo» as partidas de Pinto Balsemão de Primeiro-Ministro e de Freitas do Amaral de Vice.

A MELHOR MÁSCARA: Basílio Horta pela maneira brilhante e variada com que se tem mascarado de demissionário.

O MELHOR BAILE: Vítor Crespo e Luís Barbosa no Baile dos Ministeriais.

A MELHOR CFGADA: Ângelo Correia.

A MELHOR BATALHA DE FLORES: Partidos da oposição um contra o outro.

O REI DO CARNAVAL: O PPM disposto a substituir os parceiros. Um rei-nadio!

Francisco Nicholson

Carnaval no Brasil

De Norte a Sul do Brasil, desde a passagem do Ano Novo, todos falam no Carnaval, a maior festa popular do Mundo. Durante quatro dias as fábricas páram, os bancos fecham e, parte do comércio encerra suas portas. E, como não poderia deixar de ser, os políticos, que discutiram intensamente até os últimos dias páram. Páram para viver na folia ou fora dela o Reinado de Momo. Para muitos são os quatro dias mais importantes do ano. Afinal é quando poderão se vestir de reis e rainhas. É quando todas as atenções estarão voltadas para eles. E quando o Mundo girará aos seus pés. Durante estes dias não se sentirão escravos.

DURANTE o resto do ano há um trabalho intenso de preparação do desfile para que tudo saia da melhor maneira possível. São horas, dias e meses de trabalho, para organizar o **enredo** da Escola de Samba e até do pequeno bloco. Para a confecção das fantasias e depois para o ensaio dos passistas, mestres-sala, porta-bandeiras, bateria e do puxador do samba.

Para o **melhor** na avenida, seja ele qual for, é necessário que se dê tudo de si. Há que existir garra — e para o sambista não falta — força e coragem. Há que haver muito amor. Alguns dedicam-se inteiramente às Escolas de Samba. É tudo ou nada. Há que ser o melhor. Seja no Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Curitiba, Belo Horizonte ou em uma pequena cidade perdida no interior do Brasil.

Origem

Mas de onde surgiu esta festa popular onde todos se divertem sem distinção de raças, classes sociais, crenças e opiniões políticas? Ao Brasil ela chegou por duas rotas: África e Europa. Da primeira, os negros levaram os seus cantos e danças e de Portugal foi o **entrudo** que consistia em se atirar contra as pessoas,

de tudo, desde água até pó. A tradição do zé-pereira, desaparecida no começo do século XX, também foi levada por um português, o sapateiro José Nogueira de Azevedo Paredes, que saía às ruas animando a folia ao som de zabumbas e tambores.

Hoje o barulho é feito com outros instrumentos. E começa meses antes do reinado de Momo, quando blocos desfilam pelas ruas do País geralmente com fantasias improvisadas, onde se vêem muitas críticas à política. Há também os bailes pré-carnavalescos, onde o sangue já começa a aquecer, para quando o Carnaval chegar, todos estejam prontos para beber, suar, cantar, sambar e pular.

No Rio de Janeiro, Recife e Salvador o Carnaval é atracção turística, onde as manifestações locais de cunho folclórico e popular comunicam ao folguedo colectivo características inconfundíveis de originalidade. Em Pernambuco há o frevo e o maracatu, na Baía, o berço velho do samba e dos afoxés dos negros, há também o Trio Elétrico — que só não vai atrás quem já morreu. Mas é no Rio que a festa se reveste de luxo e brilho.

É no domingo, com o desfile das Escolas de Samba do Grupo I, (há ainda o II e III) que o

Carnaval alcança o seu clímax. São horas e horas de samba, luxo, beleza e alegria. Cada Escola de Samba com suas cores tem que mostrar o melhor para o público e jurados dos quesitos: bateria, melodia, harmonia, exibição do mestre-sala e porta-bandeira, comissão de frente, evoluções, conjunto, enredo, alegorias e desfile de qualidade. Portanto, tudo tem que sair perfeito.

Enquanto as Escolas mostram, suas cores nas avenidas, os foliões invadem os salões dos Clubes, para também se divertir. O primeiro baile carnavalesco no Rio de Janeiro data de 22 de Janeiro de 1840 em um Hotel, cujos proprietários foram influenciados pelas notícias de sucesso dos grandes bailes de máscaras na Europa. Devido ao êxito, passou a ser programa obrigatório.

Hoje a animação nos bailes é feita pelos conjuntos que não páram de tocar músicas — sambas, marchas, frevos — compostas especificamente para o reinado de Momo. Mas, nos bailes antigamente, a música era a princípio a polca, seguida de quadrilha, valsa, «cake walk», do «charleston» e do maxixi. Consta até que no baile de 1879, do Imperial Teatro Pedro II, a festa ter-se-ia iniciado com a execução da «ouverture» de

uma ópera...

Para pular e se divertir, com o passar dos anos, as fantasias foram deixadas de lado, devido principalmente ao seu alto custo. Agora usa-se roupas leves e sumárias com alguns efeitos ou mesmo sem eles. Mas, há grupos de pessoas que formam pequenos blocos com vestimentas iguais e também os foliões solitários do «bloco do eu sozinho». E ainda os carnavalescos que desfilam tradicionalmente, em concursos oficiais, com suas fantasias de luxo ou originais.

Paralelamente, três pessoas têm de percorrer o maior número de sítios possíveis durante os quatro dias de festa. São o Rei Momo e suas princesas. O reinado dura pouco, mas o trabalho é intenso. Sua finalidade é levar a alegria a todos os cantos. Momo é figura mitológica, filho do Sono e da Noite e era considerado pelos antigos, com alçada no campo das burlas e censuras. Na sua representação simbólica leva em uma das mãos a máscara e na outra uma espécie de ceptro que termina por uma cabeça grotesca — a da loucura.

E quando a «quarta-feira ingrata» chegar pela manhã, muitos foliões ainda estarão nas ruas do Brasil.

Agenda

Sete Ponto Sete

Cinema

● Andrei Rubliov

de Andrei Tarkovski
(URSS — 1966)

Do fundo negro, luminoso, violento, excessivo, místico e cruel da Rússia vem este filme. Que soa como uma trompa: grave e forte, arrebatador.

Cinema Quarteto — sala 3
(14, 17.30 e 21h)
(não acons. men. 13 anos)

● Uma comédia sexual numa noite de Verão

de Woody Allen
(USA — 1982)

Coisas decisivas na ligeireza de uma comédia. A pérola perfeita de Woody Allen.

Cinemas Cine 222
(14, 16.30, 19 e 21.30h)
Quarteto — sala 1
(14, 16, 18, 20 e 22h)
e Terminal
(11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30h)
(não acons. men. 13 anos)

● E.T. — O Extraterrestre

de Steven Spielberg
(USA — 1982)

Maravilhamento e exactidão: o pai ou o filho que quisemos materializado num ser repelente e adorável, ingénuo e avisado.

Cinemas Alfa 1
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24h)
Berna e Mundial
(14, 16.30, 19 e 21.30h)
(para todos)

● Effi Briest



Mário Viegas em «Sem sombra de pecado», um filme sobre a normalidade perversa deste país.

de Rainer W. Fassbinder
(RFA — 1974)

O romanesco novecentista visitado por Fassbinder com paixão e sem remorso. Hanna Schygulla num dos melhores trabalhos da sua carreira.

Cinemas Nimas
(14.30, 18 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

● Francisca

de Manoel de Oliveira
(Portugal — 1980)

Reposição do filme maior do nosso cineasta mais amado e contestado. Francisca é um trabalho discutível? Claro. Por isso em seu torno se levanta tanta lenda e tanto menosprezo. Por isso é um filme a ver ou a rever.

Cinema ABCine — sala B
(14.45, 17.30 e 21h)
(não acons. men. 13 anos)

● Sem sombra de pecado

de José Fonseca e Costa
(Portugal — 1982)

Apenas uma histórias de amor, morte e ironia muito bem contada? Não. Um pouco da normalidade perversa deste país passa por Sem sombra de pecado, narrado sempre com um sorriso amargo entre os lábios. Excepcionais interpretações de Mário Viegas (contido como nunca), e Vitoria Abril (entre o fascínio e a languidez vulgar) à frente de um elenco homogêneo onde Lia Gama, Henrique Viana, Isabel de Castro, Armando Cortês, Rogério Paulo são sempre sem falhas e, às vezes, excelentes.

Cinemas Cinebloco
(14.30, 16.45, 19 e 21.30h)
e Eden

(14, 16.30, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

● Romance em Nova Iorque

de Peter Bogdanovich
(USA — 1981)

Uma comédia fulgurante de ritmo e inventiva, libertária. Nova Iorque filmada nas ruas como cidade quotidiana, não mítica. E o amor e o humor a banharem tudo de felicidade e melancolia.

Cinemas Apolo 70
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24h)
e Satélite

(14, 16.30, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

AS ESTRELAS

Andrei Rubliov	★★★★★
Uma comédia sexual numa noite de verão	★★★★★
E.T. — O Extraterrestre	★★★★★
Effi Briest	★★★★★
Francisca	★★★★★
Sem sombra de pecado	★★★★
Romance em Nova Iorque	★★★★
Os salteadores da arca perdida	★★★★
Na calada da noite	★★★
Contos da loucura normal	★★★

A «CHAVE»

- ★★★★ — Excepcional
- ★★★ — Bom
- ★★ — Interessante
- ★ — Desinteressante
- — A evitar

● Os salteadores da arca perdida

de Steven Spielberg
(USA — 1981)

Não faz mal perder o conto às semanas, meses que já tem em sucesso. Fará algum mal não aceder ao estrépido adolescente desta aventura. É que o prazer do cinema está aqui, inteiro.

Cinema Alfa 2
(13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45h)
(não acons. men. 13 anos)

● Na calada da noite

de Robert Benton
(USA — 1982)

Benton é tecnicamente sem falhas mas um tanto frio, um tanto previsível. Mas Meryl Streep volta a convencer-nos que é uma grande grande atriz.

Cinemas ABCine — sala A
(14.30, 16.30, 18.30, 21.15 e 23.15h)

e S. Jorge 3
(14, 16.15, 19 e 21.45h)
(interdito a men. 13 anos)

\$\$\$ Contos da loucura normal

de Marco Ferreri
(Itália — França — 1981)

A regressão encontra a poesia. Sangue, maravilhamento, desgosto. E a sensação de que Ferreri chove no molhado.

Cinemas Castil
(15.30, 18.30, 21.30h; aos sábados, domingos e feriados; 14, 16.30, 19 e 21.30h)
e Quarteto — sala 2
(14, 16, 18, 20 e 22h)
(interdito a men. 18 anos)

Dreyer na Cinemateca

na próxima semana que se inicia, na Cinemateca Portuguesa, o segundo painel do «Panorama do Cinema Dinamarquês» ali em curso. Segundo painel que é constituído por um ciclo integral de Carl Th. Dreyer, o expoente maior da cinematografia daquele país.

Nascido a 3 de Fevereiro de 1889 em Copenhaga, Dreyer tem uma infância difícil motivada pela morte dos pais quando era ainda muito novo. Aos vinte anos começa a escrever críticas de teatro em jornais de província. Em 1911 é já jornalista e, até 1918, passa pelos mais importantes jornais de Copenhaga.

Entretanto, em 1913, ingressa na Nordisk Film onde redige intertítulos, participa na montagem de filmes e escreve argumentos (22 títulos, até 1918).

Inicia-se na realização com a longa metragem O presidente, em 1919, exactamente o filme que abre o ciclo da Cinemateca, quarta-feira, dia 16, às 21.30 h. «É um filme que hoje já não se

suporta», declarou Dreyer à «Revue du cinéma». Será? O melhor é confirmá-lo.

Em 1920, um segundo filme, As folhas do livro de Satanás que se exhibe no dia 17, às 21.30 h. Quatro episódios dominados por reencarnações sucessivas de Satanás são a sua matéria. Mas essas reencarnações (a paixão de Cristo, a Inquisição espanhola, a Revolução Francesa e o bolchevismo na Finlândia em 1918) têm suficiente curiosidade para aguçar o desejo de ver o filme, mau grado a pouca importância que lhe concede Dreyer ao afirmar ter sido feito num momento em que era «sobretudo o discípulo que tem tudo a aprender e que deve, antes do mais, aprender».

Ainda em 1920, Dreyer transfere-se para a Suécia. E é nesse país que roda O quarto casamento da senhora Margarida. «Impregnado de um humor suculento e insólito», no dizer de Loffe Eisner, este filme narra a história de um jovem pastor protestante que casa com uma velha rica e depois, de convivência com uma antiga namorada, a tenta matar. Dreyer gos-

tava muito deste filme cujo tema insólito oferece não poucos motivos de curiosidade. Até para ver o que o grave cineasta de Dia de cólera faz no terreno do humor negro e moralista. Passa na Cinemateca na sexta-feira, dia 18, às 21.30 h.

Dos restantes filmes do ciclo se falará na próxima semana.

Encontro com o cinema português

E sempre, a não esquecer, as sessões das quintas-feiras, às 18 h., onde o cinema português vai passando. No próximo dia 17 é a vez de José do Telhado realizado por Armando de Miranda. Em 1945, Virgílio Teixeira e Adelina Campos são os principais intérpretes e, do filme, pouco sei senão que foi um razoável sucesso quando, em Dezembro de 1945, se estreou em Lisboa, no Politeama. Vamos ver?

J.L.R.



Carl Th. Dreyer, o realizador dinamarquês de que a Cinemateca vai apresentar uma retrospectiva integral.

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

Sete Ponto Sete Cinema

Jorge Leitão Ramos



V IDAGO — Saúde e Turismo
— curta-metragem
— 35 mm/cor

Realização e fotografia: Perdigão Queiroga.
Texto: António Ruano (dito por Fernando Pessa). **Som:** Eduardo Duarte, António Inocêncio. **Sonoplastia:** Francisco Rebelo. **Produção:** Produções Cinematográficas Perdigão

Queiroga. **Duração:** 10 minutos. **Rodagem:** 1964. **Estreia:** ? **Localização de cópias:** Direcção-Geral de Educação de Adultos.

«Aliciante cartaz turístico da terra portuguesa», já se sabe. Águas minerais, estância de repouso hipismo, golfe e mini-golfe, piscina e boite, não esquecendo a unidade fabril de engarrafamento de águas assim viaja este filme pela região de Vidago e Pedras Salgadas.

Nada de novo anda por **Vidago-Saúde e Turismo**, mais um daqueles documentários de cariz para-publicitário que não foge à encomenda e se limita a cumprir, modestamente, o contrato da entidade pagadora.

Era deste tipo a produção dominante de curtas-metragens nos anos 60. Surge neste «Dicionário» apenas como um (mau) exemplo. Não vale muito a pena vasculhar a ignota montureira do cinema português embora.

Perdigão Queiroga, o realizador de «Vidago — saúde e turismo».



Fernando Rey e Teresa Madruga em «A estrangeira» de João Mário Grilo.

E STRANGEIRA (A)
— longa-metragem
— 35 mm/cor

Realização: João Mário Grilo.
Argumento e diálogos: Michael Graham, João Mário Grilo, Teresa Azevedo. **Fotografia:** Acácio de Almeida. **Cenários:** Maria José Branco, Isabel Branco. **Música:** António Victorino de Almeida. **Montagem:** Roberto Perpignani, Teresa Caldas. **Som:** Joaquim Pinto, Vasco Pimentel. **Interpretação:** Fernando Rey, Teresa Madruga, Carole Courtoy, Mariana Vilar, José Bonneville, Maria de Medeiros, Diogo Dória, Luís Couto, Simone de Oliveira, Artur Smedo, André Gomes, João César Monteiro, Isabel Alves de Carvalho, Fernanda Alves, Xosé Maria Straviz, etc. **Produção:** V. O. Fil-

mes. **Produção executiva:** Paulo Branco. **Chefe de produção:** António Gonçalves. **Distribuição em Portugal:** Doperfilme. **Duração:** 105 minutos. **Rodagem:** 1982. Não estreado comercialmente. **Localização de cópias:** Doperfilme/Instituto Português de Cinema.

Há uma praia de ondas varridas e uma casa uterina carregada de dor, memória e paz. Há uma câmara que, lentamente, nos desvenda uma história de recordações e medos. Há uma viagem calculada ao coração do espanto.

Filme com defeitos (o maior estará na direcção de actores). **A estrangeira** é, mesmo assim, um filme luminoso e sereno, enlance. Aparentado para um espaço de descoberta, de despedida, de expectativa.

E, além disso, uma primeira obra (**Maria** é, sobretudo uma experiência confessional) que revela, indiscutivelmente, um cineasta.



Vieira da Silva diante de um quadro seu em «Ma femme chamada Bicho», de José Álvaro Morais

MA FEMME CHAMADA BICHO
— longa-metragem
— 16 mm/cor

Imagem: António Huret Escudeiro. **Assistentes de imagem:** David Andrász, Mário de Carvalho, José Maria Vaz da Silva. **Música:** «Old King cole and his fiddler», tocado em piano por Carlos Azevedo; «Gavotte in C-dur» de Jean Philippe Rameau, tocada em cravo por Magdalena Van Zeller. **Som:** Manuel Tomás. **Produção:** Centro Português de Cinema, para o Museu de Imagem e do Som (Fundação Calouste Gulbenkian). **Duração:** 75 minutos. **Rodagem:** 1976. **Estreia:** 17 de Outubro de 1978 (na RTP/2). **Localização de cópias:** Fundação Calouste Gulbenkian.

Nota: O genérico do filme não credita o seu realizador. Sabe-se, porém, que a realização é a

montagem de **Ma femme chamada bicho** é de José Álvaro Morais.

Um filme sobre Vieira da Silva e Aspad Szenes. Dito assim, poder-se-á pensar que se trata de uma abordagem da obra desses dois grandes pintores europeus e será errado. Quando se diz que **Ma femme chamada bicho** é sobre Vieira da Silva e Aspad Szenes, é para ser tomado à letra: as pessoas, não as obras, estão na mira de José Álvaro Morais. Claro que a pintura também por lá passa. Impossível falar do amor entre Vieira e Aspad e não falar da sua mútua paixão, a pintura. Mas se algo de essencial há a reter deste filme insólito e fascinante é a sua capacidade de nos fazer estar com duas pessoas. De nos dar tempo para aperceber a sua ternura e a sua trajectória. De, por uma vez, visar mais alto que o didactismo, visar um homem e uma mulher. Ver Aspad exuberante e Vieira contida é a melhor aproximação possível das suas obras. O resto perceberemos nas exposições.

MARANOS (Teixeira de Pascoaes, o homem e a obra)
— média-metragem
— 35 mm/cor

Realização e argumento: Dórdio Guimarães. **Locução:** Gomes Ferreira. **Recitativos:** David Mourão-Ferreira. **Fotografia:** Aquilino Mendes. **Música:** Fernando Guerra. **Montagem:** Dórdio Guimarães, Emília de Oliveira. **Colaboração:** pintor João Teixeira de Vasconcelos e família, Helena Cantos (Eleonor), Helena Águas (voz feminina), etc. **Produção:** Produções cinematográficas Manuel Guimarães. **Chefe de produção:** Clarisse Guimarães. **Duração:** 32 minutos. **Rodagem:** 1978. **Estreia:** ? **Localização de cópias:** Direcção-Geral de Educação de Adultos.

Nasceu em 1877, em Amarante, morreu a 14 de Dezembro de 1952, chamou-se Teixeira de Pascoaes, foi um dos grandes poetas portugueses do princípio do século e sobre ele se rodou este filme.

Dórdio Guimarães abeira-se do poeta por duas portas. Uma, a da sua poesia (dita por Mourão-Ferreira); outra, a da sua vida. A poesia passa mas a vida não.

É que **Maranos** está encravado numa incoerência essencial. Por um lado quer fazer reconstituição mas símbolos equivalentes dos textos; por outro dá um corpo ao poeta, faz planos subjectivos, aproxima-se da ficção.

Se se aproximasse bem não haveria grande problema. Se os símbolos tivessem a força das palavras tudo poderia estar certo. Mas os bonitinhos esmaecidos, Pascoaes de braços abertos ao céu em quase vertical **contre-plongé**, a morte com papéis a voar e a máquina de filmar aos saltos são, por exemplo, coisas que não escapam ao sumo ridículo pretensioso que inquina **Maranos**.

Pascoaes merecia outra sorte.

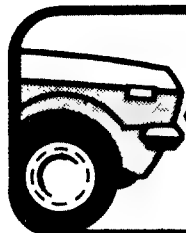


Dórdio Guimarães, quando jovem.

2 RODAS 2 vezes
mais atenção!

Nunca circule aos zigue-zagues
defenda a sua vida
e a dos outros.

circular e viver.



Com o piso molhado
aumente a distância
em relação
ao veículo da frente.

circular e viver.



Evite o encandeamento.

Vale pela sua segurança
e pela dos outros.

circular e viver.



Teatro Sete Ponto Sete

Conversa com uma Eunice e silêncios com algumas outras

Vi-a há dias no palco do D. Maria II. A sua «Bernarda Alba» pisava o palco como certos silêncios pisam o silêncio dos outros. Para melhor o esmagar. Senti a força de um leão contida numa mulher de chumbo. Que chegava à assistência tão contido como um rugido oco. Ao ponto de apenas dele restar o próprio silêncio. E quando abria a boca, as palavras saíam de tal modo depuradas de sentimento, que era como se tijolos estivessem a construir uma personagem à minha frente. Uma mulher terrível, aquela que costuma ter para nós forma de homem, brutalidade de fera.

AGORA, está à minha frente uma Eunice quase oposta a essa. Uma mulher firme, sim, e segura de si, mas na qual os anos foram acumulando ternura, aquela ternura nada fácil que só alguns de nós conseguem conquistar. Destes olhos, nada transparece de terrível, mas sim um estar calmo, no qual se adivinha uma sensibilidade tão delicada como brutal era a da Bernarda que encarnava. Essa diferença tão sólida que só uma grande actriz possui.

— Acho que estou muito mais rica do que era há dez ou quinze anos atrás, que cada vez mais me dou conta de que a maturidade é um período riquíssimo na existência das pessoas, tão rico que quanto a mim não dá lugar para decepções quando se olha para trás. Talvez estivesse decepcionada se não tivesse recolhido a minha verdadeira vocação, aquilo para que eu nasci.

Pego-lhe que olhe para trás. Que se lembre dessa cordilheira de palcos ao longo dos anos. Que me diga, agora que atingiu essa tal maturidade, como vê isso tudo. Poderia não ter sido assim?

— Como já nasci no teatro, já toda a minha família era composta de actores e actrizes, e artistas de circo, como nasci no espectáculo... como é que eu vou discernir? Não sei. Só a partir de uma certa idade é que assumi mesmo. E isto mesmo, pronto, não quero ser outra coisa.

Noto-lhe um certo enervamento, uma certa impaciência. Distrai-se, procura um cigarro como se precisasse por instantes de se afastar. Começamos por estabelecer que ela detesta entrevistas, que iam portanto esquecer o mais possível aquele horrível bicho preto a gravar palavras na nossa frente. E apetece-me pedir-lhe desculpa. Chego a sentir-me como os pioneiros do Oeste, aos indios tiravam fotografias e estes acreditavam que lhes roubavam a alma. Esta mulher tem uma alma tão inteira, tão evidente pela sua beleza e solidez que me sinto subitamente intruso. Tento mudar de assunto. Pergunto-lhe qual foi a impressão que ficou da recente reposição da «Oração» de Arrabal, ao lado de Santos Manuel, no Rê Maior, em Cascais.

— A ideia da Oração de Arrabal nasceu de uma conversa havida entre mim e a Zita Duarte, que é das poucas amigas que tenho no teatro a um certo nível de entendimento. A ideia era fazer a «Oração» no ROLLER, mas entretanto o Santos Manuel lembrou-se de fazer o espectáculo no bar dele, e,

como as datas coincidiam com o espectáculo da própria Zita, foi assim. Mas acho que não está posta de parte a ideia de fazer a representação alguns dias no ROLLER. O que eu até gostaria, na medida em que a Zita foi das pessoas que deram mesmo um grande empurrão para que eu fizesse essa experiência, que correu muito bem.

Pergunto-lhe então pela Casa de Bernarda Alba. Que impressão lhe ficou desta primeira experiência com o Mário Feliciano. Se a «sua» Bernarda a satisfaz.

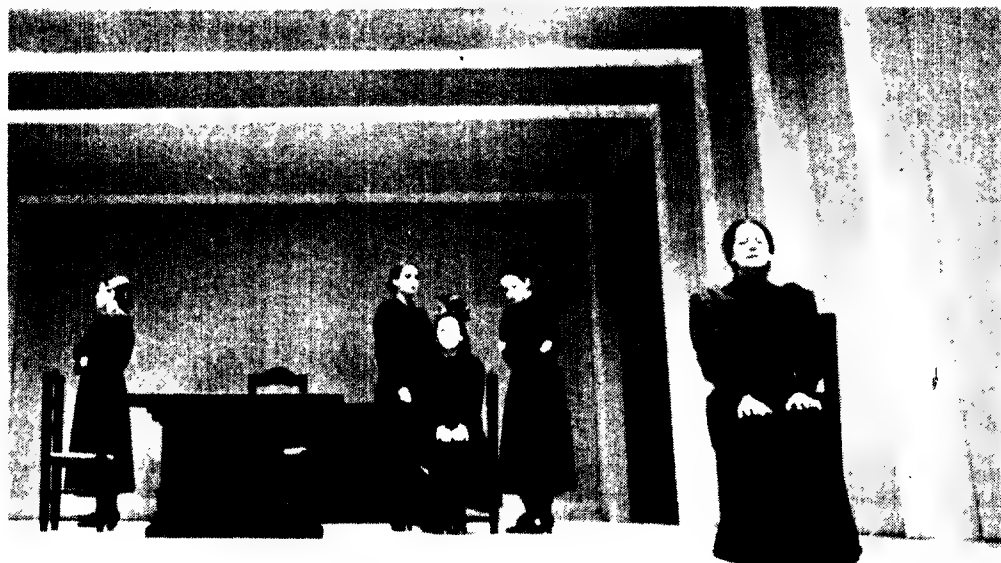
021— Pus muito entusiasmo, amor e dedicação neste espectáculo. O Mário Feliciano é um tipo inteligente, sensível, muito rigoroso e que ao mesmo tempo tem amor pelos seus intérpretes e cuidado com eles. Pode haver quem não ligue muita importância a isso, mas eu acho que é muito importante esta denúncia amorosa do encenador para com os seus intérpretes.

Foi uma experiência fascinante, diariamente, porque a concepção de encenação do Mário Feliciano exige que todas nós estejamos a olhar para o mesmo sítio, ou seja que estejamos não só preocupados com o nosso trabalho, mas inevitavelmente com o trabalho do companheiro que está ao nosso lado. Ele consegue um trabalho em que o lugar dado a uma das coisas para mim mais odiosas no teatro, que é a competição, fique muito anulado. Isso agrada-me muito. Viver isso é uma experiência mesmo reconfortante.

Quanto ao meu resultado pessoal, sinto-me satisfeita na medida em que o papel me é difícil, lutei muito com ele. Tenho uma certa dificuldade em me meter dentro daquela personagem. É muito contrária a mim e às vezes detesto-a. Houve uma altura em que eu não podia com ela e em que até tinha discussões, no bom sentido da palavra, com o Mário Feliciano por causa disso.

Não posso deixar de dizer que estou contente com o resultado porque acima de tudo eu tive a preocupação de obediência em relação à ideia do encenador. Isso dá-me uma alegria íntima bastante grande. Acho que isso, consegui.

De qualquer modo, sejam quais forem as opiniões, a «minha» Bernarda Alba agrada-me. Acho que um espectáculo que está ali, muito vivo, para discutir. É um espectáculo rigoroso e altamente disciplinado. Não estou só contente com o meu trabalho, como com o trabalho de todas as minhas companheiras porque acho que efectiva-



mente todas elas estão muito certas nas suas interpretações e todas elas tiveram uma preocupação de obedecer rigorosamente aquilo que o encenador

pretendeu delas.

Há uma outra actividade para a Eunice: a poesia. Nesse campo, ela gravou recentemente o disco «Antologia da

mulher Poeta Portuguesa». Perguntou-lhe se são duas coisas estanques. Se o teatro e a poesia, embora como actividades paralelas, não se virão comple-

mentar.

— Dá-me tanto prazer como estar em cena. Esta minha outra actividade alimenta a actividade teatral e ajuda-me muito. Acho que quanto mais digo poesia, mais sinto toda uma musicalidade que me parece ir melhorando o meu trabalho no teatro. Aliás, vou fazer agora «O Marinheiro» de Pessoa no Teatro Experimental do Nacional, em que não vou representar. É uma concepção do Mário Botas, o espaço cénico e direcção são dele e eu ofereci a minha voz para as três personagens.

Este contacto com o Mário Botas em relação à poesia já vem de trás, na medida em que fizemos um programa de rádio cuja concepção e selecção de textos era dele, e que se chamava «para grandes males, grandes poetas», um programa que considero muito bem feito e que teve a infelicidade de ir para o ar em dias muito maus, precisamente ao sábado à noite, quando as pessoas estão a ver televisão ou vão sair, e que não teve a projecção que me parece merecia ter tido.

Esta nova experiência já está projectada há muito tempo, o projecto de início incluía também uma teatralização de parte do «Diário» de Mário de Sá Carneiro. Já era para ter sido feito no Teatro São Luiz. Vai ser um espectáculo em que estão três manequins munidos de alti-falantes, dos quais saem as vozes das três personagens que eu interpreto.

Entretanto fez-se noite. Daí a pouco, esta mulher vai ter aquela oportunidade mágica de por algumas horas ser «outra». Aquele desdobramento que muitos de nós decerto gostaríamos de poder ter, e que no teatro constitui um direito de identidade senão a capacidade de representação. Que a Eunice possui como poucas actrizes. O rigor de ser «outra». A liberdade de respirar outro nome no mesmo corpo. Pergunto-lhe pelo futuro, essa pergunta que se faz sempre, mas quemme parece inevitável fazer.

— Parar não vou. Se entretanto o Nacional não me incluir na programação até ao fim da temporada, eu terei muito interesse em fazer um espectáculo cá fora.

Carrego no botão. A fita pára de gravar. Durante uns segundos de silêncio sinto que talvez houvesse outras coisas para dizer. Ou que fossem outras as mais importantes. Essas que raramente conseguimos confessar, de tão interiores que são. Ou que talvez não interesse confessar. Ou que talvez nem sequer existam, senão naquele olhar calmo onde me apetece decobrir centenas de projectores, subitamente acesos porque outro espectáculo começou. Qual olhar? Qual espectáculo? Descobrir mesmo? depois contas-nos, Eunice?...

Manuel Cintra
Fotos de Nuno Calvet

As mulheres sonâmbulas

«Sonâmbulo — Que, dormindo, fala, levanta-se, anda e realiza outros actos, habituais em quem está acordado»

(Dic. Prát. Ilustrado)

Um dos grandes problemas que se deparam a quem se põe a remexer nas coisas do passado, independentemente da possibilidade de nele se detectarem os percursos, os movimentos de maior ou menor duração, são os homens e as mulheres reais, ou seja, aqueles que também sofreram, sonharam, comeram, amaram, dormiram.

Falar da mulher desta ou daquela época, do homem deste ou daquele tempo, acaba por ser sempre, com maior ou menor fidelidade, um trabalho de (re)construção.

SE, por um lado, historiar e reflectir a contemporaneidade comporta, devido à proximidade, toda uma série de perigos de envolvimento da parte do sujeito que observa, por outro lado oferece-nos sem sombra de dúvidas essa apaixonante possibilidade que é a de penetrar no dia-a-dia da personagem que respira, transpira, luta.

Fazer-se as vezes do OUTRO pode assim, em certos casos, constituir uma preciosa e insubstituível metodologia. Uma ajuda. Às vezes bastante científica.

Tomemos um exemplo concreto. O próprio tema deste artigo: as mulheres sonâmbulas; as reais e as outras, as da literatura. As mulheres reais que, desta ou daquela maneira, estiveram ou estão ligadas à nossa vida.

Assim, será de todo o interesse do leitor (masculino, como é evidente) inteirar-se do seu (delas) dia-a-dia. Como pista de trabalho, por exemplo, propõe-se o seguinte:

— Lavar, limpar, aspirar a casa com a frequência necessária para que se mantenha, como é usual, sempre limpa.

— Fazer, sempre a horas, todos os dias, a comida da companhia e das crianças de forma que estas a tenham sempre pronta quando voltam do trabalho e da escola.

— Ir entretanto, à corrida, ao talho, à praça, ao supermercado, à peixaria.

— Acompanhar diariamente tudo isto em certos casos com a lavagem da louça, da roupa, das fraldas das crianças, após oito horas de trabalho.

— Ao fim de um mês tentar perceber o que é fazer isto uma vida inteira.

— Passar então à leitura. Passemos à leitura. À leitura dos livros que leram.

De uma forma geral, e atendendo ao elevado índice de analfabetismo feminino que um passado ainda recente nos deixou, o hábito de leitura estava reservado a uma camada niveladamente privilegiada, se a compararmos com o número total da população feminina portuguesa.

Penetrar tanto quanto possível no maior leque de títulos saídos por assuntos, é um percurso subterrâneo que traz à luz do presente todo um universo que foi sendo interiorizado pouco a pouco, forçando inconscientemente as personagens reais.

Na sua maioria, de que se darão apenas alguns exemplos, ressalta um conceito de mulher solidamente coerente mesmo que manifestado em diversas perspectivas. É sobre ele que se irá reflectir a partir das leituras seguramente femininas de uma época que vai dos anos 30 a 70.

Curiosamente, uma época sem grandes saltos, resistindo a desgastes evolutivos, sonâmbula, fechada. Dela conhecemos, na maioria dos casos, apenas os lamentáveis efeitos.

Começemos por passar uma breve vista de olhos por certas obras de carácter moralizante e de etiqueta.

Ilucidativo é o «Perfeito Cavalheiro (guia prático para todas as emergências da vida)» saído em 1949, dedicado como o título indica a um público masculino mas onde a mulher não deixa de ter um lugar relevante. «Nenhuma regra há que proíba o alegrarmo-nos com a visão da beleza. Damas que sabem como agradar chegam a considerar menosprezo não serem olhadas.»

As referências que merece, no que diz respeito a regras de conduta, resumem-se a saber arranjar-se, receber convidados, saber ser a Senhora De.

Boneca frágil de luxo, a mulher aparece mais como um pretexto para se aplicar e demonstrar a delicadeza e o fino trato do que como uma entidade própria em si mesma. Quebrável à menor intemperie, merece da parte do homem um tratamento adequado, ou seja, sem ele, sem os seus cuidados e protecções, a flor de estufa murchará perante o ar vivo da realidade.

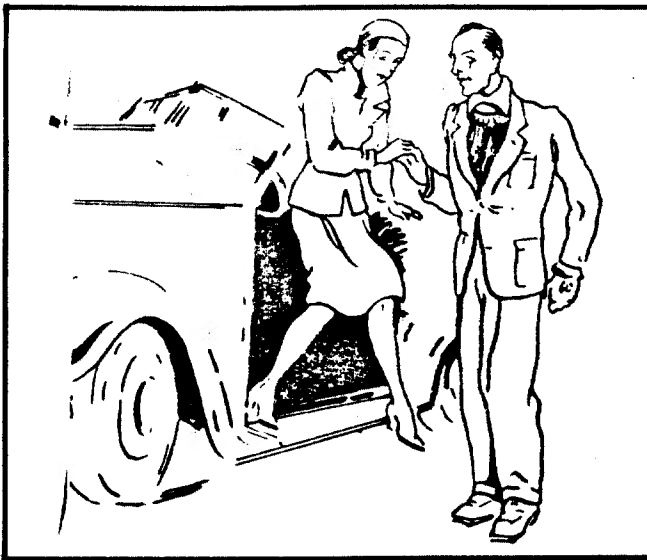
Por detrás de uma aparência ética que é a de uma época concreta, o que na verdade existe é uma mulher bibelot, decorativa, agradavelmente sonâmbula. É esse o papel que ela, enquanto personagem, deve aceitar naturalmente como sendo o seu.

O estudante masculino e feminino da arte de causar boa impressão em sociedade conta logo à partida com uma concepção de mulher incapaz de fazer força, cansável perante o menor excesso de difícil leitura, imponente para ser ela própria sozinha em qualquer situação ou local, se exceptuarmos o toucador, a cozinha onde vigia o andamento dos trabalhos, a sala de costura.

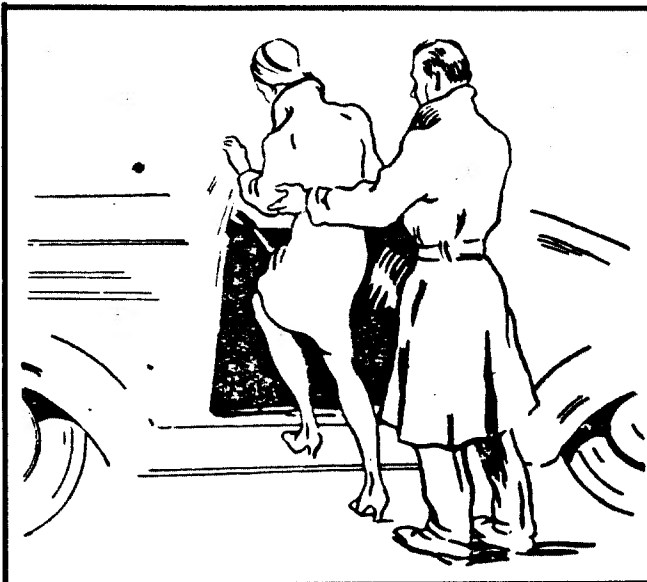
Por outro lado, à mulher, exige-se-lhe como demonstração de fineza essa mesma fragilidade. Ela é a prova de que é mesmo uma mulher.

Mas nem só de aparências vive o homem. Também dentro da cabeça é preciso cultivar essa dependência, obedecendo sem ser preciso mandar: «Noivas, examinai-vos bem, vede se tendes este modo de pensar, esta modéstia, este amor ao lar (...) tens um devocionário? Sabes corar? Sabes baixar com pudor os olhos? Sabes estar sempre junto de tua mãe?» (O MATRIMÓNIO Cristão 1948).

Evitável portanto a situação em que o marido, penosamente, coitado, tenha de ferir a sua própria sensibilidade, o seu bem-estar impondo-se. Mau é



Assim se ajuda uma senhora a sair do automóvel.



Assim se ajuda uma senhora a entrar no automóvel.

portanto já o casamento em que o homem tem de mandar. A noiva só se deve casar quando se sentir preparada, quer dizer, quando tiver apagado em si própria todo e qualquer traço da sua personalidade.

No entanto, é preciso que todas as raparigas o saibam, «às vezes começam a ficar muito usadas e... ninguém lhes pega. Sérias, honestas, donzelas, mas... expõem-se demais na febre de arranjar maridos» (Gonçalves Viana, **Psicologia do Amor**, 1944).

Como complemento das direcções doutrinárias, os exemplos das heroínas dos romances. A estrutura romanesca — e a persistência de personagens que se repetem em aventuras em série — vivifica a personagem fictícia, quer dizer, esta não é o elemento de uma história que se inventou mas sim alguém que entra dentro da leitora, com quem esta pode confiar.

Em tudo estas personagens são a encarnação mais sub-reptícia da moral vigente.

Vejam por exemplo «Isabel», criação de Berthe Bragage, autora ainda da célebre Brigitte.

Isabel é a rapariga modelo. Fiel ao noivo prisioneiro, abdicando de todos os seus estudos de assistente social, da vida, para se dedicar à madrastra fazendo as vezes de enfermeira. De uma candura e pureza enternecedoras, a nossa heroína faz de enfermeira e escrava voluntária da família onde o pai e o irmão nem uma chávena de chá sabem aquecer.

Espécie de fada madrinha caseira, aguenta com infinita paciência todos os contratempos, resignando-se, sofrendo em silêncio: «Tu, que fazes tu da tua juventude? Isabel estendeu a mão onde brilhava a safira de noivado — Preparo-me para a vida. Não é preciso fazer coisas... Basta que trabalhemos a nossa alma.» (IV-**RESSURGIR**).

No meio da trama que se desenrola sem sobressaltos, os homens são os homens e as mulheres as mulheres. Estas, para além de criadas submissas e portanto moralmente bem preparadas, são uma espécie de peças decorativas que os maridos pas-

seiam: «O Paulo quer que eu seja chique e que frequente a sociedade. Ele tem orgulho na mulher — acrescentou com um sorriso vaidoso.»

As mães obedecem aos maridos, as filhas obedecem aos noivos e aos pais.

Já num outro livro de Luísa Alcott, **Boas Esposas**, um exemplo da inteligência suprema da boa esposa: «— O que aconteceu minha querida? Porque estás tão apouquetada? Perguntou ainda João beijando-a ternamente.

— Uma coisa horrível — soluçou Gui desesperada.

— Diz depressa o que foi. Não chores, não te posso ver chorar assim.

— Não houve maneira de conseguir que a geleia ficasse apresentável e já não sei o que hei-de fazer.»

Mas, como devem compreender, e apesar de nunca «lalgum dia uma noiva iniciasse a sua vida de esposa com maior requinte nos panos de pó (...) João era uma pessoa serena, mas também era uma criatura humana (...) e depois de um longo dia de trabalho voltar para casa esfomeado e fatigado e encontrar tudo na maior confusão, o jantar por fazer e a mulher lavada em lágrimas não era animador.»

De todos os livros que leram, de todos os discursos que ouviram em casa, na rua, na catequese, de todas as horas de infinito embrutecimento e tédio em convívio forçado com as linhas, as agulhas, os tachos, a cera, a avó e o sogro doentes, o marido, os filhos... resultou uma fábrica em série de mulheres sonâmbulas, resignadas, destruídas, de que a lamentável mulher do senhor engenheiro Marques Vila é o exemplo mais radiante e educativo. Como aliás o são certos discursos vindos de certas mulheres, de certas bancadas da Assembleia da República a propósito da discussão acerca da lei do aborto.

Como dizia um professor que tive na faculdade, «tudo é uma questão de bibliografia».

José Manuel Vilhena



Quando o cavalheiro não segura o guarda-chuva na mão própria, a senhora fica molhada.

Sociedade Sete Ponto Sete

Os novos rostos da escola de Frankfurt

Jacques La Rider

Frankfurt, que abrigou os mais célebres pensadores alemães, foi directamente atingida pela crise do ensino da filosofia. E, no entanto, é sempre lá que as coisas importantes se passam.

A filosofia, tal como a música, parece ser uma especialidade alemã. Depois de Kant, Marx, Freud e muitos outros, todo o pensamento tem as suas raízes, se não na Alemanha, pelo menos em língua alemã.

No fim do século das luzes, a filosofia presidira à regeneração da universidade alemã. E, ainda hoje, os departamentos de letras e ciências humanas dos estabelecimentos mais veneráveis se encontram agrupados no seio da «Faculdade de filosofia». Nessas universidades cheias de tradição, é inconcebível levar a bom termo estudos sociológicos sem ter, pelo menos, um certificado de filosofia, a disciplina rainha e fundadora.

Até aos anos 30, o estudante que abraçava a causa filosófica devia escolher entre várias escolas, dominadas por mandarins de grande envergadura agrupados nesta ou naquela cidade universitária. Logo depois da segunda guerra mundial, ainda se impunham algumas grandes correntes e mestres do pensamento. O existencialismo de Heidegger (cujo ermitério dominava Friburgo) e de Jaspers (que já não deixava o seu posto-fronteira de Basileia); a hermenêutica de Gadamer (Heidelberg); o neomarxismo de Horkheimer e Adorno (Frankfurt) ou Bloch (Tübingen); e algumas correntes mais recentes, como o racionalismo crítico popperiano que conserva o seu bastão em Mannheim em volta de Hans Albert, ou a lógica formal, renovada por Paul Lorenzen e o seu grupo de Erlangen.

Entretanto, as antigas escolas intelectuais desapareceram quase todas em proveito de uma carta universitária estruturada pela racionalidade administrativa. Os grandes mestres que, de vez em quando, acrescentavam um tomo às suas obras completas, fazendo uma escolha das notas de curso, e que guiavam a coorte dos seus assistentes e discípulos apagaram-se. A vaga das reformas e da expansão demográfica, acelerada durante os anos 70, afogou as tradições elitistas numa nova universidade de massas.

O poder de decisão em matéria de ensino pertence aos Länder, e o estatuto da filosofia varia, pois, sensivelmente do norte a sul e de leste a oeste da República Federal. Algumas regiões renunciaram a introduzir essa matéria no curso do liceu, o que esvaziou os liceus dos seus professores de filosofia. Uma universidade de criação recente, Bremen, nem mesmo julgou necessário instituir um departamento autónomo de filosofia. Calcula-se hoje em quinhentos o número total dos professores-funcionários dessa disciplina, na Alemanha. Entre eles contam-se cem universitários. Segundo os anos, mais ou menos 5% dos estudantes optam por essa especialidade.

A filosofia da R.F.A. conserva muito poucos contactos com a da R.D.A. A marca do



dogmatismo é lá muito pesada. Em todo o caso, alguns estudos originais sobre a filosofia das ciências e em especial sobre a biologia, prosseguem na R.D.A. Também aí se observa um renascimento da história da filosofia não materialista. Pode agora redescobrir-se a Leste a tradição idealista e estão a ser feitas notáveis edições críticas, como as das obras de Leibnitz.

Parece afastada a época em que Heidegger podia evocar a «necessidade de metafísica», própria ao povo alemão. Depois das emoções do movimento de 1968, que fez vir, contra a vontade, a filosofia para a rua, parece que os estudantes e os professores fizeram com que a opinião pública os esquecesse. Como se especialistas cada vez menos inclinados a popularizar as suas ideias se consagrassem ajuizadamente aos seus mini-problemas. Outros fenómenos, como o renascimento dos movimentos religiosos ou o crescimento espontâneo dos «críticos da civilização» ecologistas, indicassem, no entanto, que o fenómeno «necessidade de metafísica» não desapareceu.

Um nome mágico

De todas as antigas escolas foi sem dúvida a chamada de Frankfurt a que envelheceu menos mal. Ela continua a ser um nome mágico, um recurso tranquilizador a todo e qualquer intelectual de esquerda, um fortificante da inteligência crítica em fase de todos os dogmatismos. Ela deve a sua existência a uma instituição, o Instituto de Investigação Social, e a uma revista que, entre 1932 e 1941, agrupava Horkheimer, Adorno, Marcuse, Erich Fromm e Walter Benjamin. Em 1949, após um longo exílio, Horkheimer e Adorno voltavam a Frankfurt. Um número crescente de disci-

pulos agrupava-se à volta de Adorno superestrela da filosofia alemã. Mas tudo isso acabava em 1969 num tumultuoso crepúsculo dos deuses. Era mais do que o necessário para construir uma lenda.

O peregrino que hoje chegasse às margens do Main a fim de visitar a mítica escola de Frankfurt teria a mesma decepção de Du Bellay, em Itália: **Recém-chegado que procura Roma em Roma, e que em Roma nada avista de Roma.** O mais brilhante discípulo dos padres fundadores, Jürgen Habermas, abandonou as margens tradicionais de Frankfurt para explorar o novo continente da filosofia analítica e pragmática anglo-saxónica. Tal como o sucessor de Adorno Karl Otto Apel, deve muito mais a Charles S. Pearce do que a Horkheimer.

Notemos, no entanto, que o regresso de Jürgen Habermas como professor à universidade de Frankfurt, decidido para a Primavera próxima, após dez anos passados no Marx Plank-Institut de Starnberg, perto de Munique, podia trazer ao instituto de filosofia um novo impulso e uma orientação mais homogênea.

Um pouco à parte do centro da cidade universitária, no pequeno edifício moderno da Rua Dante, um homem vela sobre o património da Escola de Frankfurt: o professor Alfredo Schmidt, um antigo assistente de Horkheimer. Ele prefaciou em 1970 a reimpressão da **Revista de investigação social** e passa por ser um dos melhores intérpretes da filosofia materialista. As suas publicações e as suas aulas não dizem simplesmente respeito a Marx e à «Teoria crítica». Alfredo Schmidt faz há anos uma investigação sobre os pensamentos materialistas desde a Antiguidade, e conta fazer disso uma espécie de

enciclopédia. No dia da nossa visita apresentava aos seus estudantes a vida e a obra de John Toland, livre-pensador do século XVII, bode espiatório das autoridades religiosas e contrador de Spinoza.

A denominação **teoria crítica** apareceu tardiamente para designar «a posteriori» um grupo de investigação interdisciplinar, sublinha Alfredo Schmidt. **Horkheimer, que partia da economia política para elaborar uma teoria da cultura, mantinha-se mais fiel à «demarche» marxista, do que Adorno e os seus discípulos. No respeitante ao adjectivo «crítica», ligado à teoria, Horkheimer afirmava, por um lado, a importância do indivíduo, da consciência em face do ser e, por outro lado a crítica dos «factos». Não há facto que não seja pré-formado por qualquer teoria não formulada.**

Um público de fiéis

Em Frankfurt já hoje não se encontra unidade de pensamento. O Instituto de organização social continua a existir mas consagra-se a trabalhos sociológicos sem nenhuma originalidade especial. A filosofia tende a dispersar-se em várias disciplinas. Os germanistas cultivam a inspiração de Adorno e Benjamin. Os próprios filósofos colocam-se por vezes no terreno das ciências humanas.

A psicanálise não apoiou este diálogo fecundo com os filósofos que apoiavam Adorno e Horkheimer, intérpretes atentos do pensamento freudiano. Foram eles que atraíram a Frankfurt Alexander Mitscherlich, o fundador do Instituto Sigmund Freud e animador da revista **Psyche**. Mas depois da morte de Mitscherlich, em Junho de

1982, a psicanálise alemã parecia cada vez menos preocupada em fazer avançar a teoria e em se abrir à filosofia. Os seus estudos técnicos raramente se dirigem a um público não especialista.

Uma integração coerente da investigação no Instituto de filosofia de Frankfurt foi contrariada pelas exigências pedagógicas. O Instituto diversificou cada vez mais os seus programas e recrutou, por exemplo, novos especialistas de lógica formal ou de filosofia analítica. Vai longe a época em que um professor tratava de tudo, de Thales e Nietzsche, e submetia as matérias ensinadas a uma visão muito pessoal. A filosofia universitária inclina-se perante uma perspectiva histórica e o perfil de cada função é definido em função de um período ou de um género particular.

Algumas personalidades bem afirmadas conseguem, no entanto, fazer entrar no seu ensino uma investigação pessoal. **A possibilidade de consagrar um seminário ou uma conferência do mesmo tema durante vários semestres, às vezes mesmo durante vários anos, permite realizar um projecto mais amplo, como a minha história do pensamento materialista, diz Alfredo Schmidt. Este género de trabalho pode contar com um público de fiéis que por vezes não fazem parte do curso. Infelizmente também há estudantes menos apaixonados e menos bem preparados. Por exemplo, os que fazem filosofia enquanto esperam que o «numerus clausus» lhes deixe um lugar livre em medicina ou cirurgia dentária**

Karl Otto Apel desenvolve há anos o seu sistema de «semi-óptica transcendental» e Jürgen Habermas vai ocupar, na Primavera de 1983 uma cadeira de filosofia da história e filosofia social. Horkheimer definiu, num artigo programático de 1930, a natureza e as tarefas da filosofia social. Esta devia unir filosofia e sociologia segundo a tradição iniciada por Marx, e, mais recentemente, por Karl Mannheim, para encarar a sociedade na sua totalidade à luz de uma filosofia da história. A teoria devia constantemente ser comparada com os factos reunidos pela sociologia.

Alfredo Schmidt resume assim o espírito de Frankfurt: **Antes de mais uma filosofia que tem em vista transformar o mundo e que se obstina em pôr e repor a questão entre todas difícil: a das intercessões entre teoria e prática. Depois uma filosofia que interroga o mundo na sua totalidade, sem se deixar ultrapassar pelos debates áridos dos especialistas. Enfim, uma filosofia que se esforça por articular francamente os sofrimentos os sofrimentos e as aspirações dos seus contemporâneos».**

Para os estudantes o regresso às realidades sociais será difícil. As suas perspectivas profissionais parecem bem magras, principalmente neste tempo de crise em que nem a edição nem a imprensa criam mais lugares. E, no entanto, Alfredo Schmidt acha que, em três trimestrais, dirigiu ultimamente tantas teses de licenciatura como Horkhei-

mer durante toda a sua carreira... Os melhores desses jovens podem ser encarregados de curso, por vezes mal pagos, durante três ou quatro semestres. Mas a maioria deles terá de se reconverter.

Única perspectiva consoladora: a recente decisão do Ministério da Educação de Hesse, que vai reintroduzir a Filosofia no ensino secundário, abre certas possibilidades.

O regresso a Benjamin

A consciência desse futuro sem saída provoca em muitos estudantes resignação e até desencorajamento. Mas também, por vezes, um estado de espírito não conformista. Na aparência, a universidade já não é o laboratório da revolução. Os mesmos que, no fim-de-semana, participam nas manifestações contra o rearmamento da NATO, ou contra o prolongamento do aeroporto de Frankfurt vêm aos seminários com calma — o que não significa com docilidade. O universitário serve de enclave numa sociedade dominada pelo imperativo do rendimento. Continua os seus estudos de Filosofia não tanto para conseguir uma formação profissional já desvalorizada pelo desemprego, do que para usar de astúcia com a realidade social, a fim de realizar um dos últimos modelos possíveis de anarquismo individual.

Nestas condições, a «Teoria cinzenta» tem cada vez menos sucesso.

A imensa popularidade das obras de Walter Benjamin, o ilustre marginal, pode dizer-se, o filósofo maldito da escola de Frankfurt, é um sistema revelador. O filósofo e intérprete da literatura francesa, Dolf Oehler, jovem encarregado de curso em Frankfurt vê assim a situação: **«Depois do desaparecimento dos Mestres, a herança da escola dividiu-se. De um lado o austero trabalho teórico de um Habermas, que se afastou da inspiração literária de Benjamin, do outro, um estado de espírito mais estético, mais confiante no poder da imaginação, alimenta a sua reflexão filosófica de textos literários e de história de arte».**

Adorno fazia da arte e da literatura auxiliares subalternos da teoria. Benjamin, pelo contrário, fiel neste ponto à inspiração romântica, punha em pé de igualdade a arte e a filosofia.

Ele estava mais perto do marxismo utópico de Bloch e das vanguardas: brechtiana, surrealista, cinematográfica. A sua atitude menos sistemática dava à literatura um papel primordial na elucidação da nossa condição moderna.

Já quase não se lê Horkheimer e muito menos Adorno, mas regressa-se a Benjamin. No início dos anos 70, as «teorias da sociedade» invadiam todos os departamentos da universidade, com grande aborrecimento dos professores não filósofos, e os estudantes utilizavam a linguagem da «teoria crítica». Hoje, os volumosos tratados de Jürgen Habermas já não apaixonam a juventude. A forma fragmentária do pensamento que em Benjamin quase tocava a «iluminação», parece responder muito melhor às exigências do dia de hoje.

Barbie

De agente norte-americano a Conselheiro boliviano

• Uma conversa com Serge e Berte Klarsfeld

Serge Klarsfeld, advogado no Tribunal de Paris e sua mulher, Beate, têm consagrado a vida a fazer com que as atrocidades cometidas em nome da ideologia nazi não sejam esquecidas. O seu combate pela memória apoia-se em «dossiers» espessos e concretos. Beate Klarsfeld, que tem a dupla nacionalidade francesa e alemã, age como alemã e não judia. O advogado Klarsfeld, cujo pai morreu em Auschwitz actua como presidente dos filhos e filhas de deportados judeus em França. Foram eles que em 1971 encontraram Klaus Barbie.

QUANDO no fim da guerra, as forças Armadas americanas penetram na Alemanha, Klaus Barbie encontra-se colocado na Polícia nazi, em Dortmund. É então internado em Gerursel. E depois é encontrado em 1971 quando Beate Klarsfeld descobre que Klaus Altmann e Klaus Barbie são uma e a mesma pessoa. O que fez ele entre 1945 e 1971?

— De início tornou-se agente americano como muitos outros agentes da Gestapo reciclado nas actividades anticomunistas. É possível que os soviéticos fizessem o mesmo na sua zona. Há vários exemplos de criminosos nazis que se tornaram agentes na altura da Libertação: Hans-Dietrich Ernst, chefe da Gestapo de Angers, quatro vezes condenado à morte em França por contumácia, tornou-se agente inglês e foi preso na zona soviética, outro grande criminoso, cujo nome não posso dizer e que era um dos mais célebres torcionários da Gestapo, trabalhou para a França, também na zona soviética.

Barbie fazia o mesmo trabalho para os norte-americanos. Em dada altura, no tempo da guerra fria, procurou informações sobre a Roménia, e foi mesmo à União Soviética com missões perigosas. Vivía na Alemanha com vários nomes supostos. Essa vida foi perturbada porque em dada altura atraiu as atenções da Polícia por ter roubado jóias. Isto passou-se em 1946, em Kassel. Por outro lado, em 1947, houve em França o processo de René Hardy, que foi acusado de traição.

(René Hardy é suspeito de ter conduzido os alemães, e em especial Barbie, no rasto de Jean Moulin, chefe da Resistência. Seria absolvido em dois processos realizados em 1947 e 1950).

Um juiz de Instrução passa então uma carta rogatória e um comissário da DST, Louis Bibes, vai à Alemanha por três vezes, às bases do Exército americano. Aí interroga Barbie, na presença de oficiais americanos, depois de uma combinação com o tenente White Way. É nesta altura que outro juiz, que estava a tratar de outro processo, se sente indignado, e se dirige à direcção da Justiça francesa em Baden-Baden para que esta peça a entrega de Barbie às autoridades americanas. Barbie é um criminoso de guerra, o n.º 239 na lista n.º 1, estabelecida em 1944 pelos Aliados. Não obteve resposta.

O departamento de Estado

Sabe-se finalmente que as autoridades americanas o protegiam. O caso torna-se então mais importante. O embaixador francês junto do comandante em chefe francês pede ao seu homólogo americano a entrega de Barbie. A resposta é sempre dilatória. A conclusão das autoridades francesas na Alemanha é que Barbie é um agente que trabalha para os americanos e que estes não querem entregá-lo. Surge então um pedido: a França intervém para que Barbie seja testemunha numa audiência. Houve uma proposta de mercado. Isto nunca foi dito. Os americanos respondem, em substância: muito bem, estamos de acordo, Barbie pode ir a França testemunhar contra René Hardy, mas pomos as nossas condições. Antes de mais que Barbie regresse à zona americana. Depois que a duração da sua estadia em França seja limitada e que seja assegurada a sua protecção física. O Governo francês recusa um tal mercado. Furioso, dirige-se ao seu embaixador em Washington, em Maio de 1950, para que ele peça a extradição de Barbie. O embaixador responde que os americanos não conseguem localizar Barbie. É a resposta do Departamento de Estado. O que significa que nesse momento os americanos mandaram Barbie para fora da Alemanha. Por um lado porque a Alemanha se tornou autónoma em 1949, e, por outro, porque há um mandato de captura contra Barbie. Tendo-se tornado incómodo ele abandona então a Alemanha e parte para a Argentina e, daí, para a Bolívia.

— Algumas pessoas, sem contar com os americanos sabem portanto que ele é Klaus Barbie.

— Sei que alguns alemães da América do Sul pensavam que ele era Dannecker, chefe da secção antijudia da Gestapo. Sabiam pois que era um criminoso nazi. Na minha opinião o SDECE (Serviço Francês de Contra-espionagem) também devia saber que Altmann era Barbie, antes de nós o termos descoberto. Parece-me anormal que tenham sido pessoas como nós a descobri-lo... Outros alemães sabiam-no, mas era gente que estava do lado dele.

A égua nazi

— Depois de 1950 Barbie continua a trabalhar para os norte-americanos?

— Penso que não. Em 1950 estabeleceu-se como homem de negócios. Abre uma serrelharia. Associa-se mesmo, ao que parece, a um judeu. Foi decerto chamado à Bolívia pelo MNR (Movimento Nacional Revolu-



O momento de triunfo de Serge e Beate Klarsfeld



Klaus Barbie durante uma entrevista na Bolívia, onde se fazia passar por Klaus Altmann

cionário) que em 1952 se instalou no poder. Teria chegado com outro alemão e com alguns croatas. Estabeleceram-se em La Paz e trabalharam na polícia política. Os croatas foram, depois, para o Brasil. Ele ficou. Continuou o seu trabalho na polícia, ou, na sua nova situação de homem de negócios limitou-se a dar conselhos? É menos claro. Creio que ele foi chamado para pôr de pé um sistema de transmissões ou de escutas. Era a sua profissão: era polícia. Mas

como a polícia não pagava muito, dedicou-se aos negócios e fez algumas escroqueries.

— Desde que em 1971 Beate Klarsfeld provou publicamente que Altmann era Barbie, as coisas tornaram-se mais precisas.

— Depois de 1971-1972 interressou-se sobre tudo saber se ele tencionava deixar a Bolívia, se ele queria partir para qualquer canto perdido. Aconteceu duas ou três vezes as circunstâncias terem-no obrigado a mudar-se. Mandámos alguém



Foi esta fotografia, publicada num jornal boliviano, que levou Beate Klarsfeld a identificar Barbie



O retrato de Klaus Barbie que Beate Klarsfeld tinha em seu poder. Deve tratar-se de uma foto de 1940

que pôde encontrar de novo a sua pista, saber onde ele estava, foi tudo. Estamos longe de ser uma organização. Introduzimos pessoas no círculo onde Barbie se movia, mas é delicado falar nisso.

— Quando o poder mudou na Bolívia ele devia ter tido cuidado.

— Julgou-se tão protegido pelo ambiente boliviano que perdeu o sentido do perigo. Queria ficar. A mulher e o filho morreram na Bolívia. É um

homem de família. Não pensa nas suas vítimas mas é muito atencioso com os seus.

No fundo, uma das suas grandes alegrias (sabemo-lo por terceiros) era não ter sido apanhado. Agora apanharam-no. E isso, deve-o ele suportar muito mal. Não por si próprio, mas porque representava o criminoso nazi não arrependido, a égua nazi. E tudo isso teve, afinal de contas, um fim.

Laurent Greilsamer

Ultima página Sete Ponto Sete

René Clair: o mudo e o sonoro no baile do progresso

No dia 19 de Janeiro, a Cinemateca francesa acolheu René Clair, no Palais de Chaillot, para uma exposição e uma retrospectiva, a primeira desde a morte do cineasta, ocorrida em 1981.

Há várias maneiras de percorrer a obra do «mais francês dos cineastas». Ocupando-se em especial do após guerra e dos últimos anos, Jacques Siclier percorre a linha dos personagens começada com o trepidante «Chapéu de palha de Itália» para chegar por fim à gravidade das «Grandes manobras». Claire Devarriex segue outro fio de Ariana: o gosto pelo fantástico ou pela fantasmagoria, que faz com que se agitem em todos os sentidos, criaturas de sonho. E evoca a passagem — tumultuosa — do mudo para o sonoro.

O filme sonoro, triunfante nos Estados Unidos, começou a conquista da Europa pela Inglaterra. No Inverno seguinte seria a nossa vez». Estamos em 1929. René Clair, na sequência de Alexandre Arnoux, chefe de redacção de *Pour vous* partiu para Londres a fim de visitar «o monstro», e lançou-se, no referido jornal, no centro da batalha.

De que tem ele medo? Não do próprio invento mas daquilo que os industriais vão fazer dele, mas da referência detestada: o «verdadeiro teatro», cujo aparecimento Léon Gaumont gulosamente anuncia.

«Este verdadeiro teatro,

inimigo estrutural do nosso cinematógrafo, surgia-me como a mais bela punhalada que a minha fé teimosa no silêncio podia sofrer», recorda Marcel l'Herbier em *La tête qui tourne*. Os mestres, Chaplin, von Stroheim, Murnau, Vidor, Eisenstein, Poudovkine, os que trabalharam para a essência da nova arte, toda em encenação e montagem, raciocinam da mesma maneira.

René Clair vê aproximarem-se, com medo, a tagarelice do melodrama, os clichés do vaudeville. Ele compreende os recursos do som e da palavra, mas está persuadido de que vão ouvir-se «paráfrases», de que o verbo matará a poesia, tal como mata «a atmosfera do sonho»: «As palavras imaginárias que empregamos a esses seres mu-

dos, a esses diálogos de imagens, serão sempre mais belas do que todas as frases reais.»

E depois, em 1930, Marcel Pagnol entra no caso. «A arte do teatro ressuscita de uma maneira diferente», afirma ele. E clama, nos *Cahiers du film*: «O filme sonoro deve reinventar o teatro.» E declara finalmente: «O filme falado é a arte de imprimir, de fixar e de difundir o teatro.»

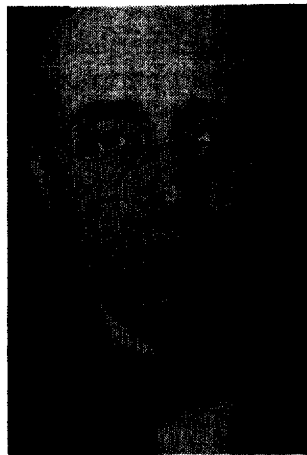
De 1930 a 1934 em *Le Temps*, em *Pour vous*, René Clair põe no seu lugar o dramaturgo (seu amigo), que também não se cala, e a grande imprensa que, por sua vez, acolherá uma bela polémica sobre o cinema.

René Clair defende os autores de filmes, os homens da profissão. «A maravilhosa mobilidade do cinema» con-

tra «a arte de imitação», «as velhas rotinas de cena», contra «a segurança e a espantosa ignorância do cinema», de que dão mostras os outros autores dramáticos colocados ao lado de Pagnol. O homem de cinema tem, neste caso, a pena convincente, mas o cinema correrá bem ao homem da pena. É outra história. Fim do debate do teatro filmado.

Entretanto voltemos a 1930. René Clair ultrapassa o cabo obrigatório do cinema sonoro com a graça e a inteligência que o caracterizam. Sob os telhados de Paris desconcerta o público do Moulin Rouge.

Para o diabo a sujeição do cinema sonoro da época, que imobiliza a câmara. A de René Clair passa por cima dos cenários de Lazare Meerson.



mergulha nos pátios, sobe e desce ao longo das janelas, surpreende a *midinette* pela lucarna da sua mansarda, segue os passos na calçada.

Ele acaba de descobrir como casar a música e a imagem — aliança perfeita que encontraremos em todos os seus filmes, mesmo no *Ultimo milionário* (1934) tão dificilmente estático e amargo.

O movimento das algargadas entre bons ou maus rapazes é animada pela ronda dos instrumentos. As canções correm de uma casa para outra, invadindo um imóvel inteiro, pretextos para más vizinhanças. A cena arrasta

consigo a música que, por seu lado, a arrasta, foi assim que René Clair ainda aperfeiçoou uma agilidade que outros perderam.

Melhor ainda: propõe o realismo do som. As canções aproximam-se de acordo com o *travelling*, e a valsa *musette* apaga-se quando no *Baile do progresso* se fecha a porta sobre os pares que dançam. Pelo contrário, ninguém ouve o que se diz para além do vidro, uma vez que os personagens entraram num café que só se vê do exterior.

Quanto ao resto, há poucos diálogos audíveis e René Clair, que desconfiava dos ruídos — segundo ele demasiado pobres no cinema — não liga importância ao tilintar das moedas, ao ruído das solas e do fecho das malas. Faz soar um objecto de prata, rola dados contra a madeira de um balcão, mas isso é tudo.

Há só o necessário de palavras quotidianas e de acontecimentos mudos para ajudar as personagens a viver, para convidar os espectadores a amá-las com a distância necessária, a jogar com as situações. Há o cinema.

Claire Devarriex

Faculdade de Direito

A vida depois dos livros

«Neste momento, os estudantes são os únicos que ainda mantêm o rosto humano», disse Herbert Marcuse, dirigindo-se a um grupo de estudantes, em Março de 1969.

Catorze anos passados, procuramos descobrir o rosto humano de um escola. Na faculdade de Direito de Lisboa, conversamos com alguns alunos, sobre a sua experiência académica e cultural. Numa época, em que os exames são selectivos, as saídas poucas, o futuro está longe e o presente, por vezes ao lado.

«**P**ROCURAMOS exprimir a degradação sentida pelos estudantes em relação ao seu quotidiano», afirmou o André, um dos membros da Tertúlia Académica. A Tertúlia é um dos grupos intercalares na vida desta escola, em que os alunos, não se querem limitar a despejar a sebeta nos exames. Por isso procuram uma identidade cultural, que lhes permita não serem apenas peças da cadeia de 4500 estudantes.

O Miguel especifica «queremos dar uma perspectiva diferente às tradições académicas, provando a todos os colegas que estas sempre estiveram ao lado das nossas reivindicações». Nesta linha, e à laia de auto-definição, julgaram o professor Martinez e o então, contestado ministro, Vitor Crespo.

Procuram reestabelecer a praxe, como forma de intervenção. Para o André, esta «reúne métodos agressivos e revolucionários como o desafio às instituições e o insulto ao professor». Reconhecem que esta sua

aspiração é uma utopia numa universidade, espalhada pela cidade, como a de Lisboa. Fora as intermináveis bichas da cantina, não existe um local onde os alunos das diferentes faculdades se possam encontrar. Mas apesar desta falta de espaços de reunião, a Tertúlia procura estabelecer contactos com outras escolas. «Andamos à procura de uma personalidade e de valores etnográficos próprios, que poderíamos designar como sendo os de um indígena mediterrânico», disse o André.

Consenso da esquerda

Nos últimos tempos assistiu-se «a uma excessiva partidarização do movimento associativo», afirmou-nos o António.

Procurando contrariar esta tendência, a lista eleita para a DAE de Direito, em Junho de 82, conta com «a participação de toda a esquerda» (António). A actual direcção é constituída por dezasseis elementos, sendo seis da JCP, um da UEDS, cinco da JS e quatro da denominada corrente H. Para o José, «a cor-

rente H encontra-se desalinhada da esquerda tradicional e sem a sua colaboração não teria sido possível obter esta unidade para a formação da lista».

A actual DAE debate-se com inúmeros problemas. Alguns deles, herança de uma má gestão por parte das anteriores direcções. Dos outros, destaca-se a falta de subsídios. A verba atribuída pelo Governo à Associação de Estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa, no ano lectivo transacto foi de 550 contos, o que é manifestamente insuficiente. Para subsistir a Associação de Estudantes recorre aos fundos das quotas pagas pelos sócios e aos lucros da editorial. Verifica-se assim, uma concentração do trabalho e atenção da DAE, nesta secção. O Apolinário reconhece que «a AE perde um bocadinho do seu espírito de associação, devido ao grande esforço que se despende com a editorial. Por outro lado, temos que suportar a concorrência dos continuos que têm uma edição e venda paralela de sebetas».

O grupo que constitui a actual ADE tinha apostado, quando da sua eleição, numa recuperação

da actividade cultural «desprezada pelas anteriores direcções» (António).

Retomando a tradição de existir um grupo cénico na Faculdade de Direito de Lisboa, a secção de teatro propõe-se estreitar a peça «O Mestre e o Burro», durante o mês de Maio. O grupo tem cerca de 30 pessoas e trabalha 7 horas por semana. A iniciativa partiu da colaboração entre um grupo de alunos e a DAE. Para a sua concretização efectuou-se um curso de formação de actores, orientado por Jorge Reys Frias, e contactou-se o finalista do Conservatório Alberto Lopes, para a encenação e montagem da peça.

A secção de cinema vai apresentar em antestreia, nos primeiros dias de Fevereiro, o filme de Fonseca e Costa «Sem Sombra de Pecado».

Têm sido promovidos cursos de fotografia e guitarra clássica. Depois de reestruturada, a programação sonora vai entrar em funcionamento com uma grelha de programação que vai das 9 às 21 horas. Os programas são à inteira responsabilidade das pessoas que os realizam. «Como a escola é um reflexo do

que se passa lá fora, impera o mau gosto. Não quer dizer que não haja um ou outro programa de qualidade como jazz ou música clássica», disse o Miguel.

Ausência das mulheres

Da Direcção da Associação de Estudantes fazem parte dezasseis pessoas. Dessas, apenas duas são raparigas. Uma delas é a Mafalda, que segundo os meus interlocutores masculinos «não é uma rapariga como as outras». Perguntei-lhes o que era não ser como as outras. Responderam-me que «há por aí umas meninas bem». Meninas bem, devem ser 1% da população estudantil da faculdade. E também há meninos bem, facto que eles não referiram.

Não existe qualquer impedimento à participação das raparigas na vida académica. Só que também não há nenhum incentivo, nenhum estímulo. Não há nada que lhes faça perder o «medo» de participar; que lhes faça sentir que elas têm outras coisas para dizer, com outra linguagem. A prova disso é o facto das secções (teatro, etc.), serem constituídas maioritariamente por raparigas. Basta ajudá-las a sair do «ghetto», em vez de comentar nos corredores «a menina hoje está um espanto».

Quando sairmos daqui

«As pessoas tendem a procurar um lugar social no mundo

que as rodeia», disse o Fernando. Esta pode ser a razão, pela qual alguns alunos frequentam a Faculdade de Direito. A outra é para «evitarmos terminar o liceu e sermos lançados no desemprego», acrescentou o José.

Mas a escola não se deverá limitar a dar um papel, um diploma, aos seus alunos finalistas, a dizer, são «licenciados em Direito». Ela deverá também, contribuir para a formação da sua personalidade, da sua capacidade crítica e da sua formação cultural.

O tipo de avaliação que se pratica actualmente, conduz a que se gere um grande espírito de competitividade, entre os colegas. Para o Fernando «há professores que se sentem melhor quando chumbam mais de 50%». A avaliação continua nos termos em que é praticada não conduz a nada. Empina-se para se despejar no dia seguinte. As subturmas são muito grandes. Chegam a ter 40 alunos. Em vez de avaliarem as pessoas pelas suas capacidades de exporem e criticarem as matérias, limitam-se a fazer interrogatórios e testes escritos.

Eles pertencem a uma geração, para a qual, foi difícil entrar para a Faculdade, é difícil viver com o ritmo de estudo que esta lhe impõe e «quando sairmos daqui... as alternativas vão do desemprego à tecnocracia da gravata».

Manuel Goucha Soares